

GEORGIA MARIA FERRO BENETTI

**DISCURSOS SOBRE MENSTRUÇÃO EM
COMUNIDADES DO ORKUT:
GÊNERO, CORPOS E MATERIALIDADES
NO CIBERESPAÇO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas.

Orientadora: Mara Coelho de Souza Lago.

Co-orientadora: Joana Maria Pedro.

Florianópolis

2010

DISCURSOS SOBRE MENSTRUACÃO EM COMUNIDADES DO ORKUT: GÊNERO, CORPOS E MATERIALIDADES NO CIBERESPAÇO

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor em Ciências Humanas” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Florianópolis, 30 de março de 2010.

Prof^a. Joana Maria Pedro, Dr^a.

Coordenadora do Curso

Banca Examinadora

Professora e orientadora Mara Coelho de Souza Lago, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Theophilos Rifiotis, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Sandra Caponi, Dr^a.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Nadia Terezinha Covolan, Dr^a.
Universidade Federal do Paraná

Prof^a. Marlene de Faveri, Dr^a.
Universidade Estadual de Santa Catarina

Dedico essa tese ao meu pai, Gilberto Aquino Benetti, homem cuja pequena história nem tantos conheceram e muitos já esqueceram, que foi o primeiro reitor eleito pelo voto popular em uma Universidade Federal brasileira. Impedido pelo governo federal de assumir o cargo, persistiu, lutou até fazer valer sua eleição e anos depois assumiu a reitoria. Sua gestão foi a primeira em que um militar não ocupou a sala contígua à do reitor e foi marcada por pequenos gestos democráticos, não menos importantes, apesar da pouca notoriedade que alcançaram. Um deles foi reunir aproximadamente cinco mil pessoas da comunidade universitária em uma (considerada histórica) assembléia unificada. Pai maravilhoso, acolhedor, brincalhão, parceiro de conversas profundas, homem que não foi machista e, por isso, educou-me com muita liberdade. Apoiou-me incondicionalmente para ingressar no curso de doutorado, no entanto, vítima de seu grande, generoso, mas não tão saudável coração, não pode me acompanhar até o final e foi fazer parte do grande mistério que é a morte no mês de abril do ano de 2008.

Eu, mulher, sou afetada diretamente e na minha vida diária por aquilo que tem sido feito do sujeito da mulher; eu paguei em meu próprio corpo por todas as metáforas e imagens que nossa cultura considerou adequado produzir sobre a mulher. A metaforização se alimenta de meu eu corporal, num processo de "canibalismo metafísico" que a teoria feminista ajuda a explicar.

Rosi Braidoti

RESUMO

Este trabalho analisa discursos sobre menstruação em *posts* de comunidades do Orkut em seu caráter de acontecimento e em suas interfaces com corpo e gênero. Debate como as materialidades desses discursos podem marcar os corpos generificados, produzindo suas materialidades. É um estudo qualitativo, de abordagem interdisciplinar, que combina preceitos do método etnográfico adaptados para ciberespaços, com reflexões sobre os discursos, o poder e o saber, fundamentadas em escritos de Michel Foucault. A tese se constitui em apresentar o ciberespaço do Orkut como lugar com história e geografia próprias, cujos fóruns das comunidades são *loci* privilegiados de enunciação nos quais se fala recorrentemente de muitos silêncios que cercam o tema tabu menstruação em jogos discursivos atravessados por interdições. Além disso, apresenta as falas observadas nos fóruns como tendo potencial para questionar os saberes e poderes acerca dos corpos femininos que circulam com *status* de verdades científicas no âmbito de conhecimentos biomédicos, mas, muitas vezes, relacionados a desconhecimentos sistemáticos sobre a fisiologia feminina.

Palavras-chave: Gênero. Corpo. Ciberespaço.

ABSTRACT

This paper analyzes discourses about menstruation in communities of Orkut in his character of event and its interfaces with body and gender. Debate as the materiality of these discourses can mark the genderfied bodies producing their materiality. It is a qualitative study of interdisciplinary approach that combines the precepts of ethnographic method adapted to cyberspace and reflections on the speeches, the power and knowledge drawn by Michel Foucault. The thesis is composed by presenting cyberspace as Orkut anthropological place, with history and geography of their own, whose board of communities are privileged *loci* of enunciation speaking applicant-mind about the many silences that the taboo surrounding menstruation in games discursive crossed by prohibitions. It also presents the lines observed in the forums have the potential to epistemological and political knowledge raises the know/power about female bodies moving under the status of scientific truths in the biomedical knowledge but often only which are often related to unknowns about systematic the female physiology.

Keywords: Gender. Body. Cyberspace.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
CAMINHOS DE PESQUISA	11
1 REFLETINDO SOBRE O MÉTODO: QUANDO O CAMPO É UM CIBERLUGAR.....	26
(CIBER) CAMPOS: ROMPENDO O VÍNCULO ENTRE TERRITÓRIO E ESPAÇO	28
1.2 OBSERVAÇÃO FLUTUANTE: PRATICANDO FLÂNERIE E AMBIENTES DE SOCIABILIDADE	36
A ENTRADA NO CAMPO: QUANDO O CORTE SIMBÓLICO SE DÁ POR INTERFACE	39
2 ORKUT COMO CAMPO: QUE LUGAR É ESSE? COMO SÃO AS COISAS LÁ?	49
GEOGRAFIA DA INTERNET: TERRITÓRIO DE UNIDADES-REDE E LUGARES-FLUXO	52
TRAÇANDO MAPAS DA INTERNET: CONTINENTES INVISÍVEIS DE ESPAÇOS GLOCAIS	56
ORKUT, UM LUGAR QUE TEM HISTÓRIA	62
<i>Território conquistado por brasileiros – What a fucking crazy brazilian invasion</i>	63
POR ONDE ANDEI? DESCREVENDO E REFLETINDO SOBRE A ENTRADA NO CAMPO	69

3 COMUNIDADE COMO CATEGORIA NATIVA DO ORKUT	90
COMUNIDADES SOBRE MENSTRUÇÃO, RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE NO ORKUT.....	99
4 CORPO – CATEGORIA QUE INTERESSA AOS ESTUDOS DE GÊNERO	107
4.1 MENSTRUÇÃO - TEMA TABU: INTERDIÇÕES EXTERNAS DOS DISCURSOS	120
4.2 O PRINCÍPIO DAS DISCIPLINAS: INTERDIÇÕES INTERNAS AOS DISCURSOS SOBRE MENSTRUÇÃO	139
4.2.1 <i>Menstruação – função, disfunção? A grande polêmica</i>	172
5 CONCLUINDO...	201
REFERENCIAS	207

INTRODUÇÃO



"Red Flag"
a piece on menstrual bleeding¹

Esta investigação foi motivada pelas discussões sobre corpo e gênero. Ao falar sobre o corpo aqui não pretendi alçá-lo à posição *de um corpo transcultural real*, mas me referi àqueles corpos que se produzem em discursos constitutivos, no jogo entre a materialidade e as representações.

Com base em Sant`Anna (1995), pensei *o corpo* como algo heterogêneo e plural, como diferente desse *corpo* que, na

¹ Acessível em: <<http://www.mum.org/artmentd.htm>>.

linguagem e como categoria de análise, ainda se pretende universal, um universal do qual, como diz Louro (2003), vários corpos escapam. Nesse cenário, onde *corpos escapam*, são reducionistas as análises que consideram os corpos como algo pronto que está submerso em representações e construções imaginárias contingenciais. Também não basta, como ressalta Sant'Anna (1995, p. 13), “constatar que *o corpo* deve ser questionado a partir de uma reflexão interdisciplinar”. É preciso pensar o corpo como instância cultural e também política, lançar o olhar para os processos constituintes dos corpos, para o contexto histórico em que estão imersos, que os redefinem e configuram conjunturas.

Para desenvolver a tese, baseei-me na concepção de materialidade² discutida por Judith Butler, que se refere a uma ontologia fictícia do corpo e do sexo³ e está vinculada ao gênero pelo discurso. Para esta autora, os corpos carregam os discursos assim como carregam o sangue e o discurso é uma das condições pela qual os corpos se materializam, adquirem significado e legitimidade. (PRINS; MEIJER, 2000).

² Segundo Butler (2005), o que é fixo no corpo, os contornos, os movimentos, pertence à dimensão material. Como materialidade se deve compreender aqueles efeitos que se dão mediante normatividades e por efeitos (produtivos) do poder.

³ Para Butler (2005), sexo é uma construção ideal que se materializa ao longo do tempo. Não é uma realidade simples, nem condição estática do corpo, mas sim um processo mediante o qual normas reguladoras materializam o sexo em virtude da reiteração forçada dessas normas. Essa materialização nunca é completa e os corpos nunca acatam inteiramente as normas, há sempre instabilidades e possibilidades de rematerialização

Como recorte analítico que permitiu refletir sobre a materialidade dos corpos generificados e marcados como femininos, escolhi a menstruação, que está associada, por meio de acontecimentos discursivos, às idéias de *ser mulher* e de *tornar-se mulher* e à construção de corpos femininos.

Menstruação é um tema a respeito do qual são produzidos muitos discursos que se inscrevem na ordem do acontecimento e que ora reforçam, ora desafiam o controle social, institucional, disciplinar. Michel Foucault (2006 p. 8) questiona qual o perigo que existe no fato das pessoas falarem e dos discursos delas proliferarem indefinidamente. Em seguida, levanta a hipótese de que:

Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Pretendi mostrar como a materialidade dos discursos sobre a menstruação atravessa a materialidade dos corpos generificados, produzindo efeitos. Analisei os discursos sobre menstruação em comunidades do Orkut, em seu caráter de acontecimento e em suas interfaces com corpo e gênero. Também debati como os discursos sobre menstruação podem marcar os corpos, produ-

zindo posicionamentos, deslizamentos, escapes, mudanças. O Orkut foi tomado, nesta pesquisa, como lugar histórico, geográfico e antropológico – e os discursos observados em seus fóruns foram tomados como falas que têm potencialidades epistemológico-políticas.

Para materializar a investigação, realizei um estudo qualitativo, de abordagem interdisciplinar, do Orkut e dos discursos sobre menstruação observados nas *comunidades virtuais*⁴ do site. Fiz um trabalho de campo *multisituado*⁵ (Leonor GÓMEZ CABRANES, 2006) e optei pela *observação flutuante* (Eduardo NEVE, 2006). O método utilizado incluiu preceitos da etnografia e dos estudos de gênero, além de reflexões sobre os discursos, o poder e o saber, elaboradas por Michel Foucault.

Caminhos de Pesquisa

Não narrar alguém ou algo é um mecanismo eficaz de instituí-los, metaforicamente, como ‘mortos’.

Sueli Kofes (2001, p. 12)

⁴ A noção de comunidade é polêmica e foi discutida ao longo do trabalho, fundada nos estudos de autores como Raquel da Cunha Recuero (2001), Zygmunt Bauman (2003), entre outros. Como regra geral, segui a recomendação de Mário José Lopes Guimarães Júnior (2000, p. 34), de que “é conveniente tratarmos os agrupamentos que ocorrem no Ciberespaço como grupo, fazendo com que investigações específicas demonstrem o quanto um determinado grupo possui ou não traços de comunidade, ou seja, em que medida são encontrados sinais de pertencimento, qual a densidade das redes e qual a intensidade e a permanência das relações sociais.”

⁵ Conforme Adolfo Estalella e Elisenda Ardèvol (2006), o termo *multisituado* é empregado para marcar o rompimento do vínculo entre comunidade e território, entre campo e lugar.

Para elucidar como essa proposta de investigação se delineou, optei por apresentá-la, com apoio em Kofes (2001), colocando-a na perspectiva do *itinerário de pesquisa*. Para a autora, falar de itinerário e/ou trajetória é privilegiar o caminho, o percurso, não descartando o sentido e a perspectiva subjetiva destes. É falar de partidas, estadas e retornos, mesmo que existam várias partidas, que as estadas sejam também viagens e que os retornos não sejam jamais definitivos⁶.

Essa perspectiva permite enfatizar a subjetividade no processo de construção da pesquisa e expor os impasses que se apresentaram neste percurso de investigação, que não foi linear, mas sim com vários pontos de partida e/ou retorno⁷. Assim, incluí passagens de cunho biográfico e relatos de experiência, o que me permitiu, também, marcar um pouco a minha posição como leitora dos discursos que analisei.

Antes de estudar o corpo, vivi arduamente a experiência de estar *encarnada*⁸, desafiei – como todo atleta e toda bailarina –

⁶ Kofes (2001, p. 23) declara que, orientada pelas perguntas sobre Consuelo Caiado (sujeito sobre quem pesquisava), foi seguindo seus caminhos, e o que ouviu e encontrou foi sobre muitas outras coisas.

⁷ Kofes (2001, p.14-15), escreve sobre relatos biográficos em que a tentativa de compreender as trajetórias de vida tomam o sentido inverso ao do ciclo de vida, ou seja, iniciam-se na morte.

⁸ Essa idéia de *estar encarnada* se inspira na fenomenologia, para a idéia de Merleau-Ponty de que a carne está além dos corpos, de que ela é a tessitura do mundo. Para Cyro Marcondes Filho (2007), Merleau-Ponty vê o mundo também como carne, como *intermundo*, onde “o sentido não está nas coisas, nos seres, nos cinco sentidos, mas na sua fricção, no seu encontro, no roçar de um no outro”. Carne não é apenas matéria,

algumas das restrições, das dores e dos prazeres que vêm do corpo. Vivências e experiências corporais intensas marcaram minha história de vida e minha formação acadêmica. Vivi e experienciei, com o meu corpo, a mim mesma e a outros corpos e materiais. Tive vivências corporais que foram não só individuais, mas também sociais. Fui atleta de ginástica rítmica, bailarina e cursei Licenciatura em Educação Física⁹, momento em que intensifiquei os estudos a respeito *do corpo* e passei a atuar profissionalmente com e sobre ele.

Experimentei o prazer de desafiar alguns limites da fragilidade da carne, o prazer de saltar muito alto, muito longe e muito leve, de flutuar, de quase voar. Provei o inusitado de estabelecer uma intensa sincronia com o corpo *do outro* e com *aparelhos* e objetos, de sincronizar movimentos em dupla ou em grupo como se todos fossem um só corpo.

Também vivi episódios dolorosos e carreguei as manchas arroxeadas, os hematomas, a memória da água e da forma arredondada das bolhas que arrancaram a pele e expuseram a carne, dos acidentes e choques que tiraram sangue de dedos, boca, olhos e nariz. Dos tendões e músculos que se esgarçaram, romperam-se

mas sobreposição, interpenetração, fusão: a visibilidade se entrelaça com o corpo que vê o tangível, mistura-se ao corpo que toca. O corpo “explode” em direção às coisas, é emprestado para que as coisas nele se inscrevam, formem uma “prega” ou fenda, uma cavidade central do visível. As coisas são prolongamento do corpo e o corpo prolongamento do mundo.

⁹ Concluída em 1993, na Universidade Federal de Santa Maria, RS.

e me puseram sujeita a muletas, das cartilagens que não suportaram os impactos e, até hoje, limitam certas práticas.

Além disso, convivi com o controle alimentar, com a pressão para manter uma silhueta esguia, com os temores do meu primeiro namorado de que o esporte *estragasse* o meu corpo, tornando-o *masculinizado*, e com o receio de familiares e amigos de que os exercícios e posturas, que requeriam extrema flexibilidade, pudessem *tirar minha virgindade*.

Também me rebelei contra a rotina extenuante de treinamentos e *escapei*, enfadada e estafada, escondi-me atrás de árvores para não fazer os treinamentos de corrida, belisquei as bochechas para provocar rubor e simular que os tinha cumprido. Levei bolo de chocolate e biscoito recheado para comermos escondidas¹⁰ no transporte que nos levava do local dos treinamentos para nossas casas. Transitei por vários estilos de dança. Engordei oito quilos, isso, entre outros e outros prazeres e outras e outras dores que permanecem, por ora, indizíveis. Experiências e vivências que a linguagem ainda não me permite traduzir, as quais permanecem suspensas entre *carne e linguagem*.

As questões de gênero se apresentaram para mim – embora naquela época eu ainda não compreendesse o que era o campo dos estudos de gênero – no estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura Plena em Educação Física. Despertei para

¹⁰ O esporte que praticávamos, Ginástica Rítmica, é uma modalidade olímpica, exclusiva para mulheres.

essa questão quando, em um dos encontros da disciplina *Prática de Ensino*, um colega pediu ajuda ao grupo de alunos que cursavam a disciplina. Uma das meninas da classe para quem ministrava aulas se negava a praticar qualquer atividade física durante o período de fluxo menstrual e ele não sabia como agir naquela situação¹¹. A razão de tal resguardo se fundava em um ensinamento da avó, segundo o qual a prática de esforço durante o fluxo menstrual causaria esterilidade¹².

Esse episódio foi o início do aprendizado de que a história da prática de atividades físicas por mulheres está marcada por objeções, mitos e medos referentes a características biológicas associadas ao *ciclo reprodutor feminino*¹³. Naquela época, nem eu, nem meus colegas de estágio, nem o professor orientador tínhamos avançado o suficiente em nossos estudos e reflexões para perceber que havia *silêncios em nosso currículo*. Semelhante

¹¹ Conforme Gaucira Lopes Louro (2001, p. 24), a associação entre menstruação, reclusão e imobilidade era observada nas escolas. O período de fluxo menstrual era aceito como justificativa para dispensa das aulas de educação física.

¹² Na ocasião do relato de meu colega, fiquei intrigada com a perspectiva de que tal crença subsistia em plenos anos 90. Anos depois, exercendo o cargo de professora do ensino fundamental em uma escola pública da periferia da cidade, pude observar que muitas das alunas eram criadas pelas avós, assim aprendiam e reproduziam os sistemas de crenças das mães de suas mães. Essa constatação mereceria um estudo com enfoque geracional para que essa observação fosse mais bem explorada.

¹³ Na ginecologia atual a menstruação é considerada um fator secundário e estudada em relação à reprodução. Uma das principais concepções de menstruação vigentes na biomedicina contemporânea (poderia dizer que é hegemônica), conforme Itamar Riesgo (2001), é a que a conceitua como "perda sanguínea periódica, proveniente do útero, através da vagina, *decorrente da queda das taxas hormonais ao término de um ciclo ovariano normal, bifásico, no qual não houve gestação*". Essa concepção ganhou tanta força que o ciclo no qual está inserida, antes denominado *ciclo menstrual*, mais recentemente passou a chamar-se *ciclo reprodutor feminino*.

questão, que tinha se manifestado na escola *ali da esquina*, não nos havia sido apresentada antes em nenhuma disciplina no curso de Licenciatura Plena em Educação Física¹⁴, nem por nenhuma autora ou autor que havíamos estudado.

Não sei qual foi o desfecho do caso relatado por meu colega. A única vez em que falamos sobre o assunto foi naquela reunião. Na ocasião, muitas opiniões foram emitidas, algumas delas levantavam a hipótese de que a menstruação seria uma desculpa para se abster da prática e que o professor deveria *obrigar* a menina à prática, sob pena de *descontar nota*. Outras emitiam juízos de valor, espantando-se com a manifestação de *tamanha ignorância* em plenos anos 90. Também havia quem acreditasse que uma exposição dos conhecimentos biomédicos sobre o assunto *revelaria a verdade* sobre a relação entre a prática de atividades físicas e esterilidade, solucionando definitivamente a questão.

Depois (re)fez-se o silêncio sobre o assunto. Embora este caso tenha sido esquecido nas reuniões subseqüentes do grupo de estagiárias e estagiários e eu não tenha dedicado atenção a ele naquele momento, esse relato me marcou, mobilizou-me.

Eu sabia que havia pesquisas que tratavam do tema menstruação, relacionando-o ao exercício, pois na graduação eu havia

¹⁴ Durante o curso, o tema menstruação foi abordado somente na disciplina de "Higiene em educação Física". Assim mesmo, somente recebemos informações de qual o intervalo ideal entre a troca de absorventes. Tal abordagem reforça o referido por Louro (2001), para quem a medicalização da menstruação teve entre suas conseqüências a secundarização de questões culturais relativas à menstruação e o destaque para aspectos de higiene, limpeza e aparência durante o fluxo menstrual.

desenvolvido pesquisas de iniciação científica na área da fisiologia do exercício, investigando condições corporais e funcionais de bailarinas, uma população na qual é comum a ocorrência de amenorréia¹⁵.

Quando concluí o curso de licenciatura, decidi continuar minha formação, aprofundando conhecimentos sobre as relações entre *menstruação e atividade física*, e me lancei no projeto de construir um estudo que pudesse ser divulgado em formato de palestra nas escolas. Passei a integrar um grupo de estudo e pesquisa em fisiologia do exercício que se dedicava a investigar questões particulares da prática de atividades físicas por mulheres.

Na busca dos fundamentos para desenvolver meu projeto, encontrei na fisiologia do exercício um campo que desenvolvia pesquisa sobre as chamadas *populações especiais* (crianças, mulheres e idosos)¹⁶, com vasta produção de trabalhos científicos, abarcando as relações entre menstruação e atividade física. Fiquei surpresa com a quantidade de estudos existentes e com os vários

¹⁵ Amenorréia é sinônimo de ausência de menstruação, diz-se que é primária se a primeira menstruação não ocorreu e secundária se trata de supressão após a ocorrência da menarca.

¹⁶ Foi só com os estudos desenvolvidos no curso de mestrado que fui capaz de perceber que o ser humano a quem grande parte da nossa formação inicial se referiu era *o sujeito universal*, abstrato, racional, homem, jovem e branco. Só nesse ponto da jornada, esse sujeito revelou sua centralidade em relação aos outros que tinham permissão para habitar o campo dos estudos da fisiologia do exercício e que compunham nele as populações especiais, como as crianças, as mulheres e os idosos, entre outros.

capítulos de livros publicados a respeito de um assunto sobre o qual nada fora falado durante a minha formação inicial.

O trabalho desenvolvido naquele grupo de estudos teve como consequência o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, também na Universidade Federal de Santa Maria, no qual defendi, no ano de 2001, a dissertação intitulada *Menstruação e Atividade Física: mitos, conceitos e preconceitos*.

A dissertação consistiu numa revisão dos conhecimentos da fisiologia e da medicina do esporte sobre as peculiaridades do organismo feminino em relação à recomendação e prática de atividade física – com especial destaque para a menstruação. Já que a fisiologia e a medicina do esporte reivindicam ser conhecimento básico para certas questões relativas à prática de atividade física, é comum recorrer a elas em busca de orientações *seguras* para fundamentar e planejar esta prática (tanto a atlética como a pedagógica).

Paradoxalmente, ao invés de encontrar as esperadas orientações para fundamentar a ação docente, a pesquisa do mestrado expôs as limitações e dificuldades da aplicação dos conhecimentos teóricos da fisiologia e da medicina do esporte como fundamento de recomendação e prescrição de atividade física para mulheres. Naquele trabalho, ficou também caracterizado que grande parte dos conhecimentos biomédicos acerca da menstruação e do *ciclo reprodutivo feminino* permanece em estágio de

hipótese, mas, mesmo assim, é transposto para prescrições e recomendações práticas, imbricando-se em relações de poder e produzindo marcas identitárias. Dessa forma, a pesquisa realizada ressaltou, como uma de suas conclusões, que a desconsideração dos limites dos conhecimentos produzidos no âmbito das ciências naturais, demonstrada na transferência direta de hipóteses científicas a recomendações de prática, muitas vezes, contribui para a difusão de preconceitos e mitos em relação às mulheres e ao *organismo feminino*.

Apesar de a dissertação ter indicado reflexões conclusivas em relação aos objetivos propostos, o estudo apontou também uma série de questões passíveis de serem investigadas, as quais foram deixadas em espera. Principalmente aquelas referentes à diversidade de informações obtidas na rede mundial de computadores, que não havia incluído na redação da dissertação de mestrado, já que nem as condições nem o tempo permitiam realizar uma abordagem mais abrangente do que a que empreendi naquele momento.

Anos mais tarde, uma conversa com uma prima adolescente fez emergir o desejo de retomar as pesquisas. Esta conversa aconteceu em uma tarde quente de verão, na qual, para fugir do calor intenso que abrasava o mês de janeiro do ano de 2003, meus familiares se reuniram em uma casa localizada na cidade de Itaara, uma pequena localidade do interior do Rio Grande do Sul, situada em área de relevo elevado, onde o clima é mais ameno.

A casa pertence à família de uma tia e conta com uma ampla varanda na qual são colocadas diversas redes. Balançando-me em uma dessas redes, à beira da piscina, eu conversava com minha prima que tinha então doze anos de idade. Ela me falava das músicas de conteúdo obsceno que gostava de ouvir, mas que o pai proibia, e de outros fatos de seu cotidiano de adolescente. Escutava seus relatos, entre interessada e divertida, até que uma passagem se destacou entre as outras. Ela me contou em tom de segredo:

Na minha sala é assim: as patricinhas, os crentes, os guris e nós (duas meninas). A gente senta assim, anda assim e se divide assim. Mas os guris não podem saber de certas coisas. As meninas que contam pra eles que já ficaram menstruadas, ah... essas... coitadas! Tem que gastar toda a mesada pagando prensado e Coca de 600 pra eles no recreio, senão eles contam pra todo mundo. Quando eu ficar, eu não conto de jeito nenhum! Não quero gastar todo o meu dinheiro com eles...¹⁷

Naquele instante, minha memória resgatou uma série de recordações, entre outras, as constrangedoras saídas da sala de aula para trocar o absorvente, carregando a bolsinha ou o estojo, o

¹⁷ Patricinhas: gíria que designa meninas que usam roupas de grifes de luxo, são vaidosas e têm grande preocupação com a aparência. Crentes: gíria que, no Rio Grande do Sul, designa alunos muito estudiosos, extremamente dedicados às tarefas escolares e que obtém sempre boas notas. A adolescente se refere, ainda, ao lanche escolar, um sanduíche feito de pão, mortadela, queijo e maionese, prensado em uma chapa, e à garrafa de 600 ml do refrigerante Coca-Cola®.

que invariavelmente provocava comentários e piadinhas dos colegas; o desconforto dos homens da família quando pedíamos para comprar absorvente para nós - algo que eles procuravam fazer da maneira mais discreta possível, às vezes, escondendo as embalagens embaixo de outros produtos; a naturalidade com a qual minha mãe mostrava e explicava suas camisolas manchadas de sangue.

Recordei-me, ainda, de quando, ao final da aula de religião na sexta série do ensino fundamental, formamos um grupo de socorro para ajudar uma colega cuja menstruação havia “vazado” abundantemente através da calça branca, formando uma verdadeira poça na cadeira verde clara da *sala de reflexão*. Acontece que estávamos em uma sala especial a qual nosso professor de religião, um homem, precisava fechar à chave depois que todos os alunos se retirassem e nós, muito envergonhadas para pedir auxílio a ele, procurávamos disfarçar o acontecido de todas as maneiras. Esse professor, percebendo nosso constrangimento, dando-se conta de que a menina não se levantava e que a parte da mancha aparente na cadeira era de coloração marrom (o sangue já tinha coagulado), confundiu-se um pouco sobre que estava acontecendo e disse: "não se preocupe, eu sei como é, isso também já me aconteceu...". Aquela inusitada confissão resultou numa grande gargalhada e na conquista da cumplicidade dele, que emprestou a própria jaqueta para que minha colega amarrasse na cintura, escondendo a mancha.

No dia seguinte ao encontro com minha prima, escrevi a palavra-chave *menstruação* em um dos sítios de busca na internet. Obtive uma infinidade de resultados que abordava o tema de diversas maneiras, indo do mito à ciência, passando pela religião e pela arte. Há até um museu virtual dedicado à menstruação¹⁸ que já completou o décimo quinto ano de existência e conta com um amplo diretório de tópicos, entre os quais destaco a sessão de *arte menstrual*. Ao navegar entre eles, reativou-se o meu fascínio pela riqueza e diversidade de abordagens sobre menstruação que podem ser encontradas na rede mundial de computadores. Também me inquietou perceber como parte do material disponível apontava para o fato de que tanto mulheres quanto homens significavam e vivenciavam o fenômeno da menstruação de formas cercadas por mitos e preconceitos, percepções pejorativas ligadas à vergonha, aos impedimentos, à hierarquização, à limitação, às restrições, ao nojo, à sujeira.

Embora me fascinasse a riqueza contida na diversidade de informações que circulava na rede, não pensava ainda em desenvolvê-la em um ciberlugar. A proposta que submeti ao ingressar no curso não previa investigar nesse campo. Isso mudou com o que vou chamar de *um golpe do acaso*. Certa noite, eu *navegava* pelo Orkut enquanto pensava em como iria realizar as entrevistas para a pesquisa que projetara, em uma cidade que,

¹⁸ Acessível em www.mum.org

naquela época, era estranha para mim, na qual não conhecia quase ninguém. Digitei novamente a palavra chave *menstruação*, agora na guia de busca de comunidades e, para minha surpresa, encontrei centenas delas. Examinei o conteúdo dessas comunidades e percebi que era um excelente ambiente de pesquisa. Decidi, então, modificar a proposta inicial de ingresso no curso e pesquisar no ciberespaço.

No primeiro capítulo, detive-me em discutir questões metodológicas ligadas à escolha da opção por pesquisar em um ciberlugar.

No segundo capítulo, procurei caracterizar a internet como território, como lugar de pesquisa, detendo-me na rede Orkut, sua história e sua escolha como *lugar* de pesquisa.

No terceiro capítulo, discuti a noção de comunidade aplicada a ciberespaços para introduzir a questão da menstruação como tema de postagens¹⁹ nos fóruns do Orkut.

No quarto capítulo, procurei desenvolver a análise do tema menstruação, abordando o jogo discursivo que o circunda, embaralhando *posts*, discursos biomédicos, efeitos e vontades de verdade.

¹⁹ As postagens (*posts*) são o principal modo de interatividade nos fóruns do Orkut. *Posts* são blocos curtos de texto, organizados em ordem cronológica inversa. São as falas digitalizadas na Internet, constituindo os locais de expressão e interação dos sujeitos conectados *online*.

As imagens utilizadas como epígrafes da introdução e dos diferentes capítulos da tese foram *digitalizadas* do site do *Museu da Menstruação e da Saúde da Mulher* (www.mum.org).

Esse museu virtual testemunha como algumas das comunidades construídas no Orkut em torno do tema fazem um verdadeiro enaltecimento da menstruação com parte da *natureza* feminina, integrante da função reprodutiva *natural* das mulheres. O diferencial essencializado da feminilidade, muito presente nos discursos ecofeministas iniciais e nos chamados *feminismos da diferença*, quando resvalam para a naturalização das funções biológicas que distinguem homens e mulheres.

No Museu o sangramento mensal das mulheres é utilizado como material de produção de obras de arte, como o patchwork da bandeira à página oito, a figura das pegadas, à página 26, as deusas pintadas com o sangue menstrual, a performance da artista que dança pela tela, deixando rastros do fluído menstrual, que se fixam como sinais de estímulo para a produção das diferentes imagens que constituirão sua obra.

De um incômodo a ser suprimido, como poderemos ver nas falas e na polêmica retratada no quarto capítulo, a uma função biológica, atestado determinante da natureza feminina, característica a exaltar nas mulheres uma *essência* que as define. Utilização que lineariza a concepção de *essência*, atrelando-a ao biológico, num sentido estranho à utilização filosófica que Rosi Braidoti

(1997) faz do termo, convocando as feministas a serem também essencialistas.

1 REFLETINDO SOBRE O MÉTODO: QUANDO O CAMPO É UM CIBERLUGAR



“The Menstrual Spoor”

Created with the artist's menstrual blood²⁰

Nesse capítulo, apresento reflexões que se aplicam à realização de pesquisas em campos que são ciberlugares, abordando principalmente aspectos relativos à especificidade desse tipo de espaço, da observação a ser realizada e da entrada no campo.

Estudos antropológicos, muitas vezes, demandam um processo reflexivo na construção de método. Conforme Roberto Da Matta (1987), a orientação mais geral da antropologia (social) é renovar-se e o desenvolvimento da disciplina está orientado para que cada pesquisador confira perspectiva pessoal e autêntica aos

²⁰ Acessível em: <<http://www.mum.org/armenfis.htm>>.

problemas investigados. Esse pensamento é compartilhado por outros autores, como Nicole Etchevers Gøijberg (2005), para quem a metodologia etnográfica considera o contexto em que se desenvolve o estudo e, por isso, inscreve-se em uma perspectiva adaptativa que requer reflexão sobre o método.

À medida que o investigador avança, conhece e experimenta seu problema de pesquisa, surgem novas opções de investigação, que podem não ter sido previstas em um primeiro momento. Isso acarreta renovação sistemática, alimentada pela carga de experiências empíricas realizadas em campo, de modo que as pesquisas de campo determinam constante modificação e *abertura* dos instrumentos utilizados anteriormente.

Em consequência disso, pesquisas que empregam o método etnográfico, às vezes, requerem que certas premissas sejam estabelecidas antes de proceder à descrição etnográfica (CLÁUDIA FONSECA, 1999), o que farei logo a seguir. Além disso, mesmo que a renovação e adaptação metodológicas sejam características dos estudos etnográficos, construir uma metodologia para um trabalho de pesquisa que tem como campo o ciberespaço é ainda um desafio. (THEOPHILOS RIFIOTIS, 2002).

Para Rifiotis (2002), a antropologia tem estudado as interações sociais mediadas por computador, mas no bojo de tais estudos está uma série de dilemas teórico/metodológicos que remetem a análises críticas do trabalho antropológico, bem como

à revisão das modalidades clássicas e das noções fundamentais da pesquisa antropológica.

Conforme Estalella e Ardévol (2006), quando uma etnografia estuda fenômenos sociais mediados por tecnologias digitais conectadas a Internet, é preciso refletir sobre aspectos epistemológicos, metodológicos e interpretativos. Para esses autores, a adaptação da metodologia etnográfica aos acontecimentos que se dão *no digital* implica repensar também a idéia de *campo*, o *conceito de observação* e de *entrada no campo*, entre outros aspectos que apresentam diferenças consideráveis em relação às etnografias que envolvem interação face a face.

(Ciber) Campos: rompendo o vínculo entre território e espaço

Para o desenvolvimento desta tese foi importante refletir sobre a Internet como campo de pesquisa.

¿Qué pasa con el campo como lugar de investigación en un contexto de tanto dinamismo y de constante reconfiguración? El *cibercampo* o el campo en Internet no puede pensarse como el campo de Malinowski [...] que ya resultaba insuficiente para estudiar contextos contemporáneos como los de las ciudades. (NEVE, 2006 p. 79)

A questão do (ciber)campo remete à *concepção de ciberespaço*, fundamental para a reflexão sobre a materialidade do campo de pesquisa. O termo ciberespaço surgiu na literatura de ficção científica. Conforme Fábio Oliveira Nunes (2004), a expressão foi cunhada pelo autor norte-americano William Gibson, na década de 80, para descrever mundos virtuais, não tangíveis, interconexões entre mentes humanas, computadores e a sociedade que se desenvolve em torno dessas redes, tema recorrente na obra do escritor.

Com o surgimento e expansão da Internet, nos anos subsequentes, e com a formação de uma rede mundial de computadores conectados, a ficção de Gibson serviu de inspiração para nomear o “mundo virtual que os utilizadores da Internet habitam quando estão online”. (NUNES, 2004).

Apropriado no contexto acadêmico, o termo ciberespaço passou a fazer parte do vocabulário das pesquisas que investigavam comunicação mediada por computador. Nesse cenário, o termo ciberespaço não apresenta uma única definição, mas, entre várias, chamou a atenção a que compreende ciberespaços como *loci* virtuais, criados pela conjunção das diferentes tecnologias de telecomunicação e não exclusivamente as mediadas por computador. (GUIMARÃES JUNIOR, 1999)

Salientar que várias tecnologias podem ser suporte para ciberespaços é importante para que a análise não se conduza numa perspectiva reducionista, que privilegie o suporte tecnológico. É

importante enfatizar que essa definição foi fundamental para pensar sobre o tipo de observação a ser realizada, já que ela se relaciona estritamente com a amplitude do espectro a ser percorrido pelo olhar ao longo da pesquisa.

Existe uma tendência de unificação da esfera global de telecomunicações com base em plataformas digitais, entre as quais a Internet é a instância mais presente. Mas plataformas digitais não são os únicos suportes a ciberespaços, eles já existiam entre redes analógicas de telefonia, como os serviços de *telemigos*; de rádio, como as redes de rádios amadores e até com suportes impressos, como as correntes e clubes de trocas de cartas e livros. Por isso, adotei, nesse estudo, a definição de que ciberespaços são *ambientes que favorecem a comunicação não presencial*.

Desenvolvidas em ambientes configurados por redes de comunicação, cujos participantes interagem sem compartilhar o mesmo espaço físico e sem interagir *face a face*, as etnografias em ciberespaços, especialmente as realizadas em ciberespaços na Internet, impactaram a disciplina antropologia²¹.

Entre os efeitos desses impactos está a emergência de novas nomenclaturas que procuram diferenciar os estudos realizados em ciberespaços. Tais estudos já foram chamados por diversos

²¹ Antes do surgimento da web, já havia estudos etnográficos realizados em ciberespaços, como o estudo pioneiro de Bernardo (1994), que teve como campo um ciberespaço formado em uma rede de telefonia analógica. Mas estes estudos não chegaram a originar um movimento no sentido de se atribuir *outro nome* e o estudo mencionado acima sequer faz referência ao termo ciberespaço.

nomes: etnografia virtual (HINE, 2000), etnografia do digital (ESTALELLA et al., 2006), netnografia (KOZINETS, 2002) ou ciberetnografia (ESCOBAR, 1994), entre outros, como etnografia do virtual, etnografia online.

Diante dessa tentativa de conferir diferenciação e especificidade a estudos etnográficos realizados no ciberespaço da Internet surgiu o questionamento: *será que essa especificidade do campo justifica uma nova nomenclatura para o estudo etnográfico?* Christine Hine (2006) pergunta: “há algum elemento distintivo na etnografia virtual? Ou a etnografia virtual é unicamente a mesma etnografia clássica com um novo objeto de estudo: a Internet?”

Assim como para Hine, para Joan Mayans e Planells (2006, p. 28) também existe muita semelhança entre os estudos realizados nos dois tipos de campo:

De hecho, la antropología cibersocial y la etnografía virtual manejan un conjunto de herramientas y referentes metodológicos bastante parecidos al resto de antropólogos y bastante constantes a lo largo del tiempo. Tarde o temprano, todos acabamos citando a Lévi-Strauss y Malinowski, hablando de estructura social y de cultura... aunque sea allá en el ciberespacio [...].

Menos querendo esgotar e mais querendo registrar a discussão sobre semelhanças e diferenças entre estudos em campos

online e *offline*, destaco que ela remete também à questão do *lugar*.

O *lugar* onde se realiza a pesquisa é de central importância no estudo etnográfico. É tão importante que, segundo Claudia Fonseca (1999, sp), “na antropologia clássica, o pesquisador escolhe primeiro o terreno e só depois procura entender sua representatividade.” Entretanto, em antropologia, a idéia de lugar não é ponto pacífico e foi sendo relativizada, é possível dizer que uma das principais transformações pelas quais a antropologia passou se refere à noção de *lugar*, de *território*.

Houve um tempo, que remete à figura romântica do antropólogo na canoa, em que o deslocamento geográfico era primordial para os estudos etnográficos. Outrora, para fazer um estudo etnográfico era necessário deslocar-se até terras distantes e exóticas e os antropólogos precisavam cruzar oceanos para estranhar e reconhecer alteridades. (PEIRANO, 1992)

Mas a questão do deslocamento geográfico e/ou físico já foi relativizada na antropologia e há algum tempo se admite que é possível realizar estudos etnográficos observando as proximidades. Um dos principais movimentos de relativização se deu pelo debate entre *etnografia clássica* e *etnografia das sociedades complexas, mais especificamente a etnografia urbana*.

Conforme Janice Caiafa (2008), alteridade e estranhamento sempre foram questões centrais para a antropologia. A etnografia tem como foco o conhecimento do *outro*, uma vez que a clás-

sica tinha como foco o conhecimento de um *outro* exótico e residente em locais fisicamente distantes, enquanto a urbana se propôs a conhecer um *outro* que pode estar fisicamente próximo, inclusive na vizinhança, passando a distância a ser mais simbólica do que física.

Para Marc Augé (1994, p. 30) o olhar antropológico requer constante reflexão e renovação da categoria *alteridade*, o que permite que a antropologia se volte para os espaços contemporâneos e para o que *está perto*:

A pesquisa antropológica: a pesquisa antropológica trata, no presente, da questão do outro [...] Ela trata de todos os outros: o outro exótico, que se define em relação a um "nós" supostamente idêntico (nós franceses, europeus, ocidentais); o outro dos outros, o outro étnico ou cultural, que se define em relação a um conjunto de outros supostamente idênticos, um "ele", na maioria das vezes, resumido por um nome de etnia; o outro social: o outro do interior, com referência ao qual se institui um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define, também, em termos familiares, políticos e econômicos, os respectivos lugares de uns e de outros [...]. Nem a cultura localizada no tempo e no espaço, nem os indivíduos nos quais ela se encarna definem um nível de identificação básico aquém do qual nenhuma alteridade seria pensável. (AUGÉ, 1994 p. 1 e 23 e 25)

Além do distanciamento físico e simbólico, a “complexidade das sociedades” estudadas também entra em questão. Conforme Guimarães Júnior (1999), a pretensão de esgotar, em termos explicativos, o funcionamento da *sociedade como um todo* foi deslocada quando o olhar antropológico se voltou para os grandes centros urbanos. Nesses centros, a população é composta por diferentes *tribos urbanas*²² e os habitantes *pertencem simultaneamente* a diferentes grupos que ressignificam e transformam simbolicamente o espaço físico marcado pela urbanidade.

Assim, o foco de interesse investigativo passou a incidir sobre as representações da espacialidade e as redes de pertencimento, o que enfatizou o pertencimento dos indivíduos a determinadas redes de relações e/ou significados. Autores, como Guimarães Júnior (1999), dizem que a antropologia urbana pavimentou a passagem para a aceitação da virtualização do espaço e do estudo etnográfico nos territórios que, como o ciberespaço, são simbólicos e não são físicos²³. Salienta-se que a passagem de uma coisa a outra não se dá sem adaptações, Guimarães Júnior (1999) alerta que a forma como é elaborada a migração conceitual característica da antropologia urbana para a ciberantropologia,

²² Termo cunhado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli (1987), empregado aqui conforme discutido por José Guilherme Cantor Magnani (1992).

²³ Guimarães Júnior se fundamenta em estudos de Gilberto Velho para elaborar seus trabalhos e, com isso, engaja-se na tendência que anuncia aproximar e adotar referências da Antropologia Urbana nos estudos de *ciberantropologia*.

bem como o escopo de sua validade, são temas que merecem atenção e discussão.

Tendo iniciado a discussão sobre território, considero pertinente a reflexão de Neve (2006) que questiona se a Internet deve ser vista como ciberespaço ou ciberlugar. Para Neve (2006, p. 77), a Internet deve ser vista como um grande espaço aberto e insuficientemente delimitado para ser visto como um lugar, mas seria um espaço composto por diversos lugares (ciberlugares).

Sin embargo, estaría cerca de lo imposible decir que alguien está familiarizado con todas las redes del Internet. El Internet sigue siendo algo más bien abierto, en constante crecimiento y dinamismo, por lo que para la gran mayoría el Internet representa un (el) ciberespacio, que a su vez puede estar conformado por sitios, portales, home pages, es decir el equivalente a lugares en las ciudades.

Os lugares existentes na Internet, à semelhança das cidades, podem ser vistos com porções significadas de espaço. Há partes da internet que são configuradas como lugares pelos usuários, à medida que são apropriadas e ressignificadas por eles, assim se formam subredes que concentram mais atividades e informação do que outras.

Com base nessas reflexões, identifiquei o Orkut como *lugar* e as comunidades como subredes, o que explicarei com mais detalhes no capítulo seguinte.

1.2 Observação Flutuante: praticando flânerie e ambientes de sociabilidade

Conforme Neve (2006), apesar de cidades e redes computacionais serem ambas complexas e conectadas por intermédio de uma *arquitetura de rede*, é preciso questionar se “é possível fazer investigação social percorrendo ou navegando na Internet da mesma maneira que se percorrem as cidades?”

Este questionamento terá relação direta com o modo como a observação foi realizada. Todas as interações ocorridas em ciberespaços são mediadas por aparatos tecnológicos, diferente do que ocorre nas cidades, onde as interações podem ser *face a face*. No caso do ciberespaço da Internet, as interações são mediadas por dispositivos digitais conectados à rede, o que configura os ciberlugares como *híbridos sociotécnicos*. Em decorrência disso, é preciso observar tanto aspectos de ordem tecnológica quando de ordem social, levando em conta que em ciberespaços a sociabilidade está imbricada à tecnologia.

se ven de manera relacional los vínculos entre tecnología, tiempo, espacio y vida social [...] por lo que más que una sustitución hay una suerte de *híbridos sociotécnicos* donde la vida virtual se encuentra en una constante combinación de nuevos conjuntos de espacios y tiempos contingentes e imposibles de generalizar (GRAHAM, 1998 apud NEVE, 2006, p. 6??).

Guimarães Júnior (1999, não paginado), *distinguiu plataforma*²⁴ e *ambiente*²⁵ de sociabilidade para destacar “que o espaço a ser percorrido pelo olhar antropológico no transcorrer da investigação etnográfica de um grupo não deve ser aquele determinado pelo aparato técnico (as plataformas), mas sim o constituído e elaborado societariamente.” Para o autor, ambientes de sociabilidade são construtos sociais, elaborados a partir da ressignificação, adaptação e transformação dos artefatos tecnológicos disponíveis, promovidas pela dinâmica social que se desenvolve no ambiente.

Da mesma forma que nos aglomerados urbanos contemporâneos, onde o uso de um mesmo aparato urbanístico não determina necessariamente o pertencimento a uma província de significado, também no *Ciberespaço* as relações sociais que determinam um determinado grupo não são necessariamente efetivadas dentro de uma única plataforma.

A dinâmica social no ciberespaço cria espaços simbólicos de sociabilidade que transcendem o que é proporcionado pelas

²⁴ Para Guimarães Júnior (1999), plataformas são elementos de *software* que dão suporte a relações de sociabilidade no ciberespaço. Conforme este autor, existem dois tipos de plataforma; as baseadas em texto, nas quais as interações se dão exclusivamente pela troca de mensagens de texto, e as gráficas, que podem ser sem avatares, nas quais os elementos visuais são acessórios à interação, e a construção das personas ou as multimídia (com avatares), nas quais os elementos visuais são fundamentais à sociabilidade e representam a persona do usuário.

²⁵ “Caracterizo como ‘ambiente de sociabilidade’ o espaço simbólico criado no ciberespaço por programas específicos orientados à comunicação de dois ou mais usuários, povoado por personas que estabelecem uma atividade societária por um determinado tempo. A partir desta sociabilidade podem ou não se desenvolver comunidades virtuais estáveis.” (GUIMARÃES JÚNIOR, 1999, não paginado)

plataformas. O social se mescla com o técnico de tal forma que orientar o recorte do objeto de estudo apenas pelo que o técnico apresenta seria ineficiente. Ao tomarmos plataformas e ambientes como entidades analiticamente distintas, apesar de intimamente imbricadas, teremos a oportunidade de aproximar a atividade etnográfica da experiência vivida pelas *personas* no transcorrer de sua atividade no interior do ciberespaço. (GUIMARÃES JUNIOR, 1999)

A geografia da Internet (desenhada em redes e fluxos), marcada pelas características efêmeras e voláteis dos lugares situados no ciberespaço, pede por deslocamento constante para acompanhar o nomadismo das *personas* e dos discursos que por eles circulam. Além disso, a recomendação de estender a observação das plataformas até os ambientes indica que se adote a *observação flutuante* para estar nesses espaços.

Para esta tese, era importante estar disponível para seguir os fluxos discursivos. Assim, foram importantes os estudos de Neve (2006) sobre adaptação para o ciberespaço das idéias de Colette Pétonnet, propositora da modalidade de observação flutuante, como modo para observar o movimento incessante, a circulação incontrolável e o anonimato que caracterizam as cidades. Pensando na adaptação da observação flutuante para os ciberespaços surgem as atitudes *lurker*²⁶ e *flaneur*²⁷, configurando-se a

²⁶ “Pessoa que visita fóruns, weblogs, chats e sites sem participar das discussões, passando despercebido e mantendo o anonimato”. (NEVE, 2006, não paginado).

posição de *lurker* como uma posição possível para o pesquisador se colocar nos ciberespaços e o modo *flâneur* o escolhido para *estar lá*.

A entrada no campo: quando o corte simbólico se dá por interface

O deslocamento geográfico passou de condição fundamental a condição relativa para o reconhecimento de alteridades. (PEIRANO, 1992). Apesar de já relativizada pela antropologia urbana, a Internet esmaece ainda mais as linhas das fronteiras entre o público e o doméstico e passa a ser possível reconhecer alteridades até mesmo da sala de casa.

Hoje, o *ciberantropólogo* não precisa nem sair de casa para viajar até o lugar onde estão seus informantes. Conforme Pikard²⁸, citado por Guimarães Júnior (2000, p. 47), é possível passar pela experiência de realizar o trabalho de campo

²⁷ Figura criada por Charles Baudelaire e importante para Walter Benjamin, o flâneur é “ser que observa o mundo que o cerca de maneira real e descritiva [...], descreve as cidades, as ruas, os becos, o externo. Desvincula-se do particular, recrimina o privado, de forma a ver a rua como lar, refúgio e abrigo. [...]. A rua é seu lar, seu mundo. Ali nada é estranho ou prejudicial. Na rua se sente confortável e protegido [...], o indivíduo flâneur utiliza sua janela (caminho livre para o externo) para fazer sua observação e seu retrato. O flâneur é um fotógrafo. Porém além de imagens, ele registra idéias, sentimentos e atitudes.” (ARAÚJO et al., [20--?], p. 1).

²⁸ “During the research period of seven months, I needed neither passport nor mosquito net. Although I took a good number of notes, and sent many e-mails correspondences from the door of my tent, I rarely needed to leave the comfort of my house, let alone my own culture, and could always stop for a tea. This is clearly a radically different experience of fieldwork than the traditional ‘exotic’ locations and peanut butter cravings”. (PIKARD, 1998, não paginado).

precisando apenas conectar-se à Internet de modo radicalmente diferente do trabalho de campo *tradicional* em localidades exóticas. É possível realizá-la por intermédio de um computador com conexão à Internet, permanecer *no conforto do lar*, imerso na nossa própria cultura e até fazer uma pausa para uma xícara de chá.

Mas, nessa situação privada e doméstica, como ficam as questões da viagem, o deslocamento, o estranhamento requeridos pelo estudo etnográfico? Elas não desaparecem, mas são reconfiguradas. Na etnografia virtual, a viagem, o ritual de passagem que marca o encontro com a *outra cultura* se dá pela conexão do computador à Internet e pela *mediação da interface*²⁹ *que se interpõe entre faces*.

Jean Segata (2007, não paginado) que realizou um estudos em chats³⁰, descreve assim a sua viagem até o campo:

²⁹ De modo geral, uma interface ocorre quando duas ou mais fontes de informação que não se comunicam são postas face a face. O termo, que surgiu para nomear adaptadores de plugue para interligar circuitos eletrônicos, foi usado para equipamentos de vídeo, utilizados para examinar sistemas e, por fim, passou a significar a referência a conexão humano-máquina e a entrada no ciberespaço. De um lado da interface estão periféricos de computador e telas de monitor e do outro a atividade humana que se conecta aos dados por intermédio da tela. Para que ocorra uma interface é preciso que ocorra interação entre homem e máquina, é preciso estar “plugado”, é preciso que a tecnologia nos incorpore. (LÚCIA SANTAELLA, 2003). A necessidade de mediação tecnológica para acessar esse lugar, via interface de mídia digital, remete a *metáfora do ciborgue*. (HARAWAY, 1991). A autora adota essa metáfora para refletir sobre relações/associações/hibridações entre tecnologia e corpo.

³⁰ Chat é um serviço oferecido na Internet em que o usuário pode conversar com várias pessoas ao mesmo tempo. Os canais de Chat, também chamados de salas, são divididos geralmente de acordo com o assunto envolvido. Não é necessário nenhum software especial, apenas o mesmo navegador (*browser*) usado para “surfear”. Antes de entrar na sala a pessoa tem que escolher um apelido (*nickname*), que é usado para

Ligo meu computador e desembarco no “mundo-ciber”. Melhor, conecto-me, já é feito longo o tempo em que os antropólogos chegávamos de canoas nas aldeias nas quais fazemos nossos estudos (ao menos “navegar” é um verbo que resistiu ao “mundo-ciber”). Três ou quatro movimentos, alguns já pré-estabelecidos, teclas, letras, endereço e, voilá: dentro da aldeia, dentro desse mundo que se revela em interface.

O relato de Segata ilustra o fato de que, no caso de estudos em cibercampos, *estar lá* implica uma desterritorialização física relativa e em uma reterritorialização que se dá por interface. Conforme Rifiotis (2002), em *ciberantropologia* a primeira experiência interativa se dá na relação com a interface. É por intermédio dela que se dá tanto o deslocamento quanto o corte simbólico entre as culturas *offline* e *online* e é também nesse contato que são aprendidos os comandos, opções, possibilidades e limites da rede sociotécnica³¹ a ser investigada.

A desterritorialização promovida pelas relações de sociabilidade em ciberespaços parece ser *menos geográfica e mais ontológica*. O sujeito se desmaterializa e se rematerializa em uma persona de *bytes* e *pixels* e as possibilidades de recombinação de biológico e tecnológico engendram outras subjetividades. Nos

identificá-la no conjunto de pessoas da sala. (<http://www.uninet.com.br/faq_genericas.htm#1)

³¹ Envolve redes compostas por software, hardware e as estruturas que permitem as interações no ciberespaço. (RIFIOTIS, 2002).

Cibercampos, a interação face a face desaparece ou se encontra esmaecida pelo contato sempre mediado. Se houver imagem, ela será estática, na maior parte dos casos (foto), e se for dinâmica ainda assim permanecerá esmaecida pelo “virtual desbotado das *webcams*”³².

As discussões e reflexões aqui apresentadas foram fundamentais para a construção do Orkut como lugar de pesquisa e para definir a direção do olhar analítico. A entrada no campo me disponibilizou o contato com as comunidades virtuais que são espécies de praças, se pensarmos na cartografia das cidades, naquele espaço. As comunidades virtuais do Orkut possibilitam a convivência em grupo de pessoas que não têm, necessariamente, relações *off-line*. Nelas existem muitas interações ocorrendo e, num primeiro momento, pensei em olhar para todas elas como informações importantes para a tese.

Olhando para a interface disponibilizada pelo Orkut, comecei a observar as possibilidades de interatividade e as relações de sociabilidade nas comunidades que compuseram o estudo exploratório. Embora tenham se mostrado interessantes e ricas, percebi que essa trajetória poderia me desviar do estudo que eu pretendia elaborar e decidi não desenvolver esse tipo de análise, mas para não promover um apagamento na trajetória de pesquisa,

³² Brasil (2003, não paginado) se utiliza dessa expressão para ressaltar a má qualidade da imagem produzida pelas webcams domésticas comuns: “imagens de baixa definição, esboçadas, com pouca profundidade de campo”.

deixo registrado no trecho a seguir uma indicação de como ela poderia se dar.

Na época em que desenvolvi o estudo exploratório, uma comunidade do Orkut permitia três possibilidades de interação: participação em fóruns, divulgação de eventos e realização/participação em enquetes. Se o foco fosse analisar a interatividade, poderíamos levar em consideração o número de postagens por tópicos. Por exemplo, na comunidade “Menstruação adora uma festa”, o tópico que gerou mais postagens (565 postagens em 02 de janeiro de 2008) foi “1º palavra que vier na cabeça após ler a minha”. Um jogo, proposto por “Nina Morena”, em 27 de julho de 2006, no qual pedia aos membros da comunidade: “Fale a 1ª palavra q vier na tua cabeça apos a palavra acima vou começar...” e postou “TPM”. A postagem mais recente observada nesse tópico datava de 30 de dezembro de 2007: era a palavra “terrível”.

O segundo tópico que gerou mais interatividade intitulava-se “Vc fica quantos dias menstruada?”, aparentemente, a autora fez a postagem preocupada porque fica menstruada durante 7 dias, período que julga extenso. Esta pergunta gerou 411 postagens, a primeira foi em novembro de 2005 e a última em 14 de dezembro de 2007. Em janeiro de 2008, existiam ainda outros três tópicos, contabilizando mais de 100 postagens cada um, que merecem atenção: Quais são os outros nomes dado a menstrua-

ção? (118), qual seu absorvente favorito (173) e primeiro dia!!! (108).

As *enquetes* realizadas na comunidade também contavam com bastante participação. Havia até mais participação do que os tópicos, sugerindo que os membros da comunidade preferiam, conforme a perspectiva proposta por Alex Primo (2005)³³, o tipo de *interação reativa*. A enquete que contava com maior participação (1402 votos) era “O q vc mais odeia na menstruação???”. Esta enquete apresenta três opções de resposta: A TPM; quando vaza; ter que trocar o absorvente de duas em duas horas. A maioria dos votos (883) era para o segundo item.

Comparando as postagens nos fóruns e as enquetes, é possível dizer que os membros dessa comunidade respondem mais às propostas de interação reativa, representadas pelas enquetes do tipo múltipla escolha. Essa percepção se reforça se observarmos a quantidade de comentários e a quantidade de votos. Levando em conta que cada voto pode ser comentado, havia 37 comentários pra 1402 votos. Além disso, nem retrocedendo a data de fundação da comunidade, no ano de 2005, e somando todas as postagens

³³ Conforme Primo (1998), um sistema interativo da autonomia ao usuário, enquanto os sistemas reativos trabalham com uma gama pré-determinada de escolhas. Embora Primo mencione a tradicional oposição entre os termos interação e reação, adota o termo interação reativa para caracterizar *um tipo fraco de interação*, na qual só é possível escolher entre uma gama limitada e pré-determinada de opções.

feitas desde então, atinge-se as cerca de 3300³⁴ participações observadas nas enquetes no período de 7 meses.

Mesmo sendo uma possibilidade interessante, a análise da interatividade nas comunidades seria um trabalho extenso, exaustivo e que não parecia contribuir com muitas informações sobre os jogos discursivos na perspectiva que eu pretendia destacar. Abandonei essa direção de pesquisa que ficou suspensa junto à que poderia enfocar os tipos de relações estabelecidos nas comunidades (de solidariedade, brigas, flertes, agressões, médico-paciente, entre outras), ou a que poderia analisar as *personas* e os *hubs*³⁵ das comunidades como Dr^a. Josiane ou Chico Aderente.

Escrevo brevemente sobre essas *personas*, apenas para ilustrar como pode se dar a (re)materialização no Orkut em um perfil fortemente ligado ao tema da menstruação.

Chico aderente é um *fake*³⁶ que se representa como um absorvente animado. Ele percorre todas as comunidades sobre menstruação que consegue alcançar, posta tópicos em todas elas. Sua ação costuma ser cordial e bem humorada e seus *post* geralmente recebem resposta e promovem interlocuções nos fóruns.

Chico é bastante popular, seu primeiro perfil lotou e ele até já elaborou um segundo.

³⁴ Soma dos votos de todas as enquetes no período de maio de 2007 a janeiro de 2008.

³⁵ Hubs são nós de rede altamente conectados e que tendem a receber mais conexões. (RECUERO, 2005)

³⁶ Os *fakes* são *personas* cujos perfis não correspondem à identidade *offline* do proprietário do perfil.

ortu... | 1.600 | Perfil | Publicar | Atualizar | Amigos | Comunidade | [Insira a nova orkut](#) | [Facebook](#)... | [Pesquisar](#)...

chico absorvente chico aderente

SOU UM ABSORVENTE SOPRADOR, ALGUÉM ME DÁ UM REALITY?

recado 789 | foto 13 | foto com ele 3 | vídeos 6 | 138 | curtidas 444 | [Nem](#) | [Nem](#) | [Nem](#)

chico

Interesses no perfil: amigos

Quem está lá: OS ANIMAIS MERECEM RESPEITO !!

DEUS É FELIZ!!

NÃO VOU COMENTAR EM P... NENHUMA!!

AGORA UM POUCO SOBRE O CHICO, amigo primo, assim me usam, usam e abusam, e depois me jogam fora.

MORRÊDO DA NATUREZA.

SEU CHICO, SORRE, SORRE.

NÃO ME PERGUNTEM SE EU TE CONHEÇO, CLARO QUE TE CONHEÇO, DESDE A SUA PRIMEIRA MEMBRADA (MENSTRUAÇÃO) LÁ ESTAVA EU... LEMBRA ? TEM MEU PRIMO O.B. E MEU AMIGO TAMBÉM, OU AINDA NÃO FICOU MOCINANT

amigos (144)

Itala | Luzimilene | g. kato

Julia 24 | Rafael | Camilly

Diana | Isora | Diego

[ver todos](#)

comunidades (77)

Leão de Foz de Iguaçu (275.946) | Su vida éspico e seu baço (1.290) | Complices da Roula (1.549)

Paulista | Lindy van der | Raulina kato

Josiane Castro é, conforme informado no perfil, uma médica ginecologista de 48 anos de idade. Ela costuma postar na comunidade O ciclo menstrual, onde podem ser encontrados muitos tópicos diretamente endereçados a ela, aos quais responde, algumas vezes, quase como uma verdadeira *consulta online*



07/06/05

Anônimo

Duvida para dra Josiane

Dra. minha menstruação é sempre regulada, meu fluxo não é muito intenso, e normalmente nos dois primeiros dias e nos últimos vem apenas uma "sujeirinha" de sangue que só deixa o absorvente marronzinho... só que dessa vez estou há dois ou três dia com esse fluxo bem diminuído só essa "sujeirinha", normalmente tenho cólicas no dia em que a menstruação vem com o fluxo mais intenso, estou tendo cólicas bem levesinhas, só mesmo um incomodo nesses 3 dias, mas estou começando a ficar preocupada com essa demora pro fluxo aumentar e descer a menstruação de vez. Nunca tomei e não tomo anticoncepcionais. Isso pode acontecer, é normal? O que pode ser?



08/06/05

[Josiane](#)

em relação a menstruação pode ficar sossegada tem meses que o fluxo vem bem pouco mesmo, principalmente se nos estressamos (época de provas ,concursos, mudanças..)Deixa quieto para ver os próximos.

Em relação ao namoro de cueca e calcinha, é muito difícil que ocorra a gravidez mas não é impossível não. Se o namoro já anda assim o melhor é iniciar um tipo de anticoncepcional e curtir o sexo sem medo.



08/06/05

[Josiane](#)

vc ja tentou bolsa de agua quente?

O calor local e uma atividade fisica é um bom remedio,mas temos varias opçoes de medicamentos, os mais comuns sao o Ponstan, Feldene...

Foi só depois de circular pelo ambiente e experimentar diferentes caminhos de pesquisa que pude optar por me concentrar nos textos das postagens, encontrando-os por meio do mecanismo de buscas por tópicos (implementado em 2007) e, assim, defini a direção que a pesquisa tomou.

A partir daí, tomei as comunidades do Orkut como espaços privilegiados de enunciação, onde se estabelecem interessantes jogos discursivos que estão ligados a relações de poder.

2 ORKUT COMO CAMPO: QUE LUGAR É ESSE? COMO SÃO AS COISAS LÁ?

O território onde realizei a investigação (o meu *lá*) é uma *rede social* com base na Internet, acessível em <http://www.orkut.com>, que hoje está vinculada à empresa Google³⁷. Esta rede foi lançada na segunda quinzena de Janeiro de 2004³⁷ como projeto de Orkut Buyukkokten³⁸, cujo nome batizou a rede que tem como página de entrada a imagem que pode ser visualizada abaixo:



³⁷ O dia exato é informado de maneira controversa em diferentes fontes.

³⁸ Orkut Büyükkökten, nascido em 6 de fevereiro de 1977, em Konya, na Turquia, é o engenheiro de *software* que desenvolveu a rede social Orkut como um projeto independente enquanto estudava na Universidade de Stanford. Mais tarde, quando já trabalhava no Google, Orkut concluiu o projeto, aproveitando a política da empresa que permite que os empregados utilizem 20% do seu horário de trabalho em projetos pessoais.

Nesse trabalho, o Orkut é considerado uma *localidade* situada no vasto território do ciberespaço da Internet. Para fins de construção do Orkut como lugar de pesquisa, discuto alguns aspectos de sua geografia³⁹ e de sua história, bem como alguns pressupostos epistemológicos que permitem configurar o Orkut como localidade.

Segundo Clifford Geertz (2005), o trabalho do etnógrafo é deslocar-se até outros lugares, informar-se sobre os modos de vida das pessoas de lá e disponibilizar estas informações à comunidade acadêmica. Por isso, uma das interrogações fundamentais do trabalho etnográfico é: como são as coisas lá, naquele lugar onde fui? Parte do exercício reflexivo empreendido durante a pesquisa etnográfica se dá no deslocamento entre *estar lá* e *estar aqui*. O relato etnográfico requer reflexão/comparação/articulação entre as concepções nativas observadas *lá* e elaborações teóricas do etnógrafo realizadas *aqui*.

Ao fim de um século de pesquisa de campo, parece haver hoje certo consenso de que os dados de pesquisa não são apenas "observados". Eles oferecem a possibilida-

³⁹ Além da metáfora, volatilidade e efemeridade também são marcas desses espaços. Para alguns autores como Paulo Cunha (2004), suas topologias são tão efêmeras que aparentam nem ser espaços geográficos. Entretanto, para Manuel Castells (2003, p. 170), como os ciberespaços mantêm a noção de lugar mesmo relativizando a idéia de distância, eles são sim espaços geográficos. A geografia da Internet é uma geografia particular. A rede mundial de computadores engloba vastos "continentes invisíveis" (OHMAE, 2001) onde as noções de espaço, tempo e distância podem ser obliteradas. É uma geografia de metáforas, entrelaçamento de redes e nós que processam fluxos de informação e de sociabilidade. As localidades dessa geografia são, conforme Castells (2003), *espaços de fluxos*, onde *as unidades geográficas são as redes*.

de de que se possa revelar, não ao pesquisador, mas no pesquisador, aquele "resíduo" incompreensível, mas potencialmente significativo, entre as categorias nativas apresentadas pelos informantes e a observação do etnógrafo. (PEIRANO, 1992, p.7).

Nesse sentido, especial atenção foi dedicada a pensar sobre as metáforas e concepções que constituem a materialidade do ciberespaço digital da Internet e do Orkut, tais como espaço, lugar, ciberespaço, comunidade, entre outros. Tais metáforas e concepções foram consideradas *categorias nativas* do ciberespaço e, como requer o método antropológico, foram discutidas à luz de outras fundamentações teóricas, buscando evitar *comer pela mão dos nativos*. (FONSECA, 1999).

O território onde realizei a investigação, o meu *lá*, é uma plataforma de sociabilidade localizada no ciberespaço da rede mundial de computadores (Internet). Não é um programa, mas sim um serviço vinculado a plataforma Google que possibilita a formação de uma rede de relacionamentos mediada por computador.

Para compreender o que é o Orkut, é preciso saber o que são redes, redes de relacionamento e conhecer alguns acontecimentos que antecederam o surgimento das redes sociais mediadas por computador, questões que remetem à constituição de uma espécie *de geografia da Internet*.

Geografia da Internet: território de unidades- Rede e lugares-fluxo

Assumo como pressuposto nessa tese que a Internet se estrutura mediante uma arquitetura de redes⁴⁰, sendo elas as unidades geográficas desse ciberespaço. Segundo Castells (2003), a formação de redes⁴¹ é uma prática social antiga, que foi atualizada pela disseminação das redes de informação baseadas na Internet. Antes restritas à vida privada, as redes apresentam características como flexibilidade e adaptabilidade que são essenciais à sobrevivência no ambiente em rápida mutação da Internet, onde ganharam uma dimensão mais pública.

No ciberespaço da internet há diferentes tipos de redes. Neste trabalho, o objeto de pesquisa se refere a um tipo específico, as chamadas *redes sociais*. Assim como os agrupamentos urbanos têm praças, parques e igrejas, a Internet tem *localidades específicas*, entre elas estão às redes sociais.

⁴⁰ Segundo Francisco Whitaker (1998), uma estrutura de rede suprime níveis hierárquicos e promove ligações horizontais com os demais, resultando numa malha de múltiplos fios e nós sem que nenhum deles possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. (acessível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Rede_social...hubs).

⁴¹ Castells (2003, p. 7) define rede como “Conjunto de nós interconectados”. A idéia de utilização da metáfora da rede para referir-se a relações sociais na contemporaneidade não se esgota nas reflexões de Castells. Ela é interesse da filosofia e dela se ocupam filósofos como Luc Boltansky, que tem uma perspectiva diferente da de Castells. Para Carolina Cotta [20--] (sd), a idéia de rede é hoje “dimensão, ao mesmo tempo ontológica e prática, de um modelo do mundo e da subjetividade” e seu significado contemporâneo de ligação e interconexão sem limites implica que rede seja “veículo que nos transmuta em passantes, sempre mergulhados no fluxo”.

Para José Carlos Cavalcanti (2007),

Uma rede social é uma estrutura social feita de nós (ou pontos de junção/intersecção, que são geralmente indivíduos ou organizações) que estão relacionados por um ou mais tipos de interdependência, tais como valores, visões, idéias, amigos, conflitos, comércio, trocas financeiras, links na Internet, transmissões de doenças (em epidemiologia), ou linhas aéreas.

Existem vários sites de rede social na Internet cujas bases estão situadas em diferentes *plataformas de sociabilidade*: chats, fóruns, weblogs, fotologs, microblog, sites de relacionamento. Ao observar as dinâmicas dessas redes se percebe que, em várias delas, é possível identificar características que as distinguem das outras.

Os sites de relacionamento têm foco na sociabilidade e são planejados incluindo ferramentas para favorecer a interação entre os membros. Isso inclui uma *rematerialização online* sob forma de construção de um perfil ou *avatar*, a partir do qual o usuário interage com os demais (identidade online)⁴². Para interagir, lança-se mão de diversas possibilidades de trocar mensagens (e-

⁴² A possibilidade de interagir a partir de um perfil relativiza as análises de relações de sociabilidade realizadas nos primeiros tempos da Internet. Apoiadas em interações ocorridas nas comunidades baseadas em chats, fóruns e versões iniciais de mensageiros instantâneos nos quais as personas se materializavam apenas em apelidos (nicks), eram interações muito mais anônimas e simuladas. Dizia-se que essas interações se davam entre indivíduos sem face, o que, de certa forma, modifica-se quando se constrói um perfil ou um avatar.

mail, mensagens instantâneas, murais de recados) e espaços para discussão de temas e interesses comuns (comunidades, fóruns etc.), entre outras ferramentas.

Redes de relacionamento são tipos de redes sociais. As redes sociais são uma das formas de representação dos relacionamentos dos seres humanos entre si. Elas podem envolver aspectos afetivos, profissionais, interesses mútuos, etc. Apesar de apresentarem características comuns, diferentes redes se destinam a diferentes públicos e usos. Assim, podem formar-se grupos majoritários de usuários que variam conforme a nacionalidade (preferidas por usuários de determinados países), profissão (preferidas por músicos ou fotógrafos amadores como o My Space e o LookBook.nu), status sociais (restritas a “ricos e famosos” como ASmallword), beleza (a BeutifulPeople.com só aceita bonitos), orientação sexual (para gays como a GayBook).

Antes do surgimento da Internet já existiam redes sociais, mas sua formação enfrentava as dificuldades apresentadas pela falta de meios de comunicação eficazes em manter contato constante entre os componentes, o fluxo da comunicação era mais lento, através de cartas, por exemplo, demorava semanas para se mandar e receber respostas. Com o desenvolvimento da comunicação mediada por computadores e a utilização de mídias digitais, a comunicação ganhou velocidade, as mensagens enviadas chegam rapidamente e se pode obter a resposta imediatamente (em tempo real) se o destinatário estiver *online*. Surgiram várias

organizações sociais em rede, que variam desde movimentos políticos e sociais até redes de relacionamentos, e funcionam com base em sítios, fóruns de discussão ou listas de e-mails.

Em se tratando de redes sociais baseadas na Internet, como o Orkut, para chegar até *lá* é preciso percorrer um longo caminho e cruzar algumas *fronteiras*. Tais fronteiras ora coincidem, ora diferenciam-se das fronteiras geográficas que demarcam os estados-nação. São fronteiras delimitadas por contingências, mas também por virtualidades e metáforas⁴³.

A primeira linha a ser transposta é a traçada pela *conexão à Internet*. Para acessar qualquer rede de relacionamento no ciberespaço é preciso *estar conectado por meio de* uma máquina (computador ou gadget)⁴⁴ que tenha acesso à rede mundial de computadores. Conectados na Internet, *cruzamos a margem* do estado *offline* e passamos a estar *online*⁴⁵, com isso, acessamos um tipo especial de espaço: os ciberespaços. Estes espaços são marcados pela hibridação. Além de hibridarem o social e o tecnológico, mesclam também categorias clássicas da geografia.

⁴³Em uma perspectiva antropológica de análise, as metáforas que constituem o ciberespaço, como a metáfora da rede, podem ser consideradas “categorias nativas” que devem ser discutidas e problematizadas para que não nos ponhamos a “comer pelas mãos dos nativos”.

⁴⁴ Inicialmente, apenas computadores se conectavam a esta rede, mas agora outros dispositivos, como telefones celulares, já acessam a Internet.

⁴⁵ Conforme Guimarães (2000), o estado *online* e *offline* é uma das fronteiras do ciberespaço. Mas, apesar de estar relacionada a peculiaridades das práticas sociais em ambientes de sociabilidade no ciberespaço, essa fronteira nem sempre remete a uma separação radical entre esses dois universos, já que, apesar do surgimento de formas inéditas de sociabilidade, observa-se também a ressignificação de outras tantas verificadas *offline*.

Traçando mapas da Internet: continentes invisíveis de espaços glocais

É possível dizer que as localidades no ciberespaço são *glocais*. *Glocal* é um neologismo que representa a sobreposição dos termos GLObal e loCAL.

Usado para indicar a sobreposição de um contexto global a uma realidade local, levada a efeito por um meio de comunicação que opera prioritariamente (mas não exclusivamente) em tempo real. No ambiente glocalizado, o sujeito se vê imerso em um contexto simultaneamente local (o espaço físico do acesso, e também o seu meio cultural) e global (o espaço mediático da tela e da rede, convertido em experiência subordinativa da realidade (CAZELOTO, 2006)

A idéia de *glocal* (hibridação de local e global) se aplica às redes baseadas no ciberespaço. A relação das redes sociais baseadas em Internet com a geografia do globo terrestre é complexa. Originárias de um determinado país e disponíveis a usuários de todo o globo terrestre, muitas vezes, as redes perdem seu caráter global e se territorializam, concentrando usuários de determinadas nacionalidades, nem sempre coincidentes como a sua de origem.

Destaca-se que no processo de composição dessas redes a atratividade, algumas vezes, não parece estar no seu potencial de atingir a esfera global, mas volta-se ao local. Como veremos a

seguir, aconteceu com a ascensão e consolidação do Orkut como rede social preferida pelos brasileiros.

A discussão sobre a tensão entre local e global é fundamental para a compreensão dos ciberespaços, além disso, essas questões remetem à relação entre espaço e lugar. A idéia de que o conceito de lugar adquiriu força, ao passo que o de espaço vinha sendo relativizado, já estava presente em discussões da disciplina de Geografia. Milton Santos (2006), que não estava se referindo a ciberespaços, escreve sobre a *força do lugar* e lança mão do termo *glocalidade*⁴⁶ para falar da complexificação das relações entre as dimensões local e global.

Conforme o autor, a relação com o mundo que era *local-local* passou a ser *local-global*. O mundo se tornou fluído, veloz até o ponto da vertigem, os deslocamentos se tornaram banais e freqüentes. Nesse cenário, “os lugares [...] podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o Indivíduo” (SANTOS, 2001, p. 212), configurando uma realidade tensa, na qual há relação permanentemente instável entre local e global. Nelas, o espaço se apresenta como campo de forças complexo onde interagem elementos altamente individualizados e especializados (homens, empresas, instituições, meio ambiente construído) que, ao mesmo tempo em que se individualizam e especializam, aprofundam a relação com o sistema do mundo.

⁴⁶ Termo cunhado por Benko (1990).

Para Santos (2006), a contemporaneidade atualizou uma metáfora proposta por Pascal: o universo seria uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte. Todos os lugares são virtualmente mundiais e “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, mas também exponencialmente diferenciado dos demais. A Internet potencializou essa condição. Conforme Antonio Albino Canelas Rubim (2003, p. 94), global e local constituem uma “conjunção, tensa, entre fluxos culturais locais e globais, possibilitado, dentre outros procedimentos, pela comunicação midiaticizada.”

A Internet surgiu como espaço onde (por intermédio de computadores pessoais) podiam conectar-se usuários habitantes de qualquer parte do planeta. Essa condição fomentou expectativas de que nessa rede se constituiria uma *aldeia global* em que *todos se comunicariam com todos* e compartilhariam harmonicamente os mesmo códigos. Contudo, quanto mais usuários se juntam a rede mundial de computadores, mais heterogêneo, fragmentado e territorializado o ciberespaço tem se tornado. O Orkut reflete essa territorialização.

Para Ethan Zuckerman (2007), o primeiro bilhão de usuários da Internet incorporou idéias bastante elitistas de uso da rede, conforme as quais as pessoas que atingiam um ponto de desenvolvimento econômico que possibilitava o acesso à rede, com certeza sabiam inglês e compartilhavam valores culturais semelhantes. Contudo, o autor observa que quanto mais a Internet cresce, mais visíveis ficam nela fronteiras internacionais e que o

próximo bilhão de usuários será composto por pessoas de culturas e suscetibilidades diferentes e com menos vontade de se comunicar em inglês. Como evidência, o autor aponta o crescente número de web (páginas) em outras línguas que não o inglês (espécie de língua materna, nos primórdios da Internet).

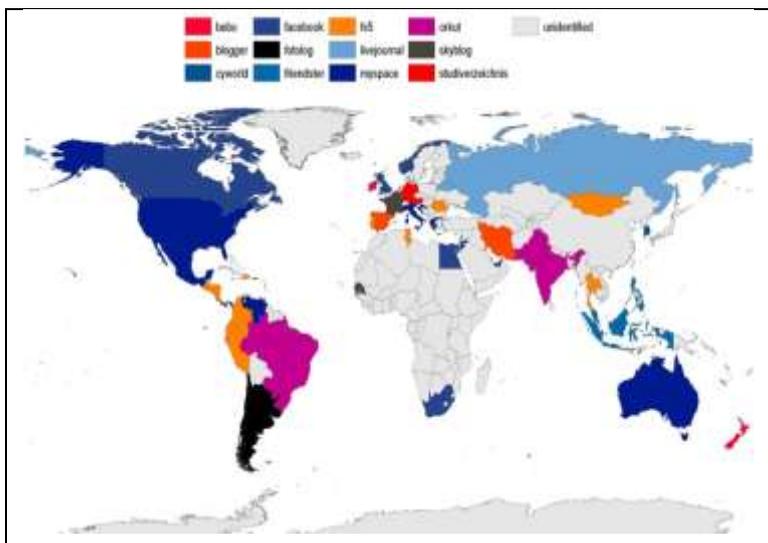
Para o autor, também se verifica a diversificação dos usos e o estabelecimento de regras locais próprias para a Internet. Ele cita a China com exemplo de país que desenvolveu uma robusta indústria de Internet voltada apenas para dentro de suas fronteiras nacionais.⁴⁷

Vários pesquisadores já investigam intersecções entre Internet e espaço físico, topografando a regionalização da rede mundial de computadores e os vínculos existentes entre a *web* e o mapa mundi convencional. Conforme Sueli Fragoso (2006, p. 8), “o apelo de qualquer serviço baseado na Web varia nas diferentes regiões do globo, conforme as especificidades culturais dos potenciais usuários.”

Embora a maioria das redes tenha alcance global, observa-se que elas acabam se territorializando e que é possível traçar mapas de predominâncias das redes que coincidem com as fron-

⁴⁷ Conforme Zuckerman (2007), a maioria dos usuários lida com a tecnologia com uma atitude do tipo "é feito nos EUA, nós vamos usar", não importa onde o serviço é sediado, o que importa é que seja grátis. Assim, blogueiros africanos usam serviços sediados na Califórnia. Mas os blogs chineses utilizam serviços sediados no próprio país. A China está produzindo uma grande quantidade de tecnologia própria e competindo com as empresas americanas. Além disso, serviços baseados na China estão sujeitos à censura, o que é abominado na “cultura da Internet”.

teiras dos estados-nação, como estes publicados no jornal Le Monde (2008):



Conforme números do CETIC.br (2008), em 2007, cerca de metade da população brasileira nunca tinha acessado a Internet. A metade que tinha acesso somava aproximadamente 45 milhões de pessoas, desse total 64% se conectava a sites de relacionamento quando acessava à Internet.

Orkut, um lugar que tem história

Além de aspectos relativos à geografia do lugar Orkut, considereei pertinente chamar a atenção para a sua história, a fim de constituir a representatividade dessa rede como lugar de pesquisa. Originalmente projetado para ser uma rede global, formada pela conexão entre “amigos confiáveis” que mantivessem relação offline, o Orkut foi *invadido* pelos brasileiros que reconfiguraram o lugar à sua maneira.

Território conquistado por brasileiros – What a fucking crazy brazilian invasion

Conforme Recuero (2006), as redes sociais se modificam ao longo do tempo e devem ser analisadas levando em conta essa *dinâmica*. No caso do Orkut, é possível dizer que o espaço, mais do que uma dinâmica, tem uma história determinante da configuração territorial que o Orkut apresenta nos dias de hoje.

Conforme registros encontrados no próprio Orkut e discussões realizadas na mídia e por estudiosos do tema, essa rede é um território que foi *tomado e colonizado* por brasileiros⁴⁹. A *tomada do território* do Orkut ficou marcada na história da web (FRAGOSO, 2006), num episódio conhecido como *Brasilian Take Over* ou *Crazy Brazilian Invasion*.

Originário dos Estados Unidos, o site iniciou com maioria de usuários do país de origem, mas logo se *internacionalizou*,

⁴⁹ Várias redes foram território de disputas que marcaram sua constituição e sua história. Um dos primeiros episódios com essas características de que se tem notícia é mencionado por Fragoso (2006), que relata o conflito ocorrido no Fotolog (www.fotolog.com) em 2003, quando uma desavença sobre o “modo correto” de utilizar o site se estabeleceu entre fotógrafos amadores e adolescentes brasileiras. Outro episódio ocorreu no *Friendster*. Johnatan Adams, idealizador do site, era particularmente contrário aos assim chamados Fakesters. Em uma verdadeira cruzada contra os perfis falsos no Friendster, Adams deletou aqueles que usavam nomes de personagens históricos e ficcionais, que não tinham fotos realísticas, que descreviam a si mesmos com palavras ou imagens que ele considerava “pouco apropriadas” ou mesmo os que estavam linkados a uma quantidade muito grande de outros usuários. Uma grave crise foi então instaurada, pois entre os Fakesters estavam alguns dos mais entusiásticos usuários do *Friendster*. (ANDERSON, 2003).

conquistando adeptos no Reino Unido, Canadá, Holanda, Alemanha, Suécia e Japão, somando aproximadamente 13 nacionalidades entre os usuários que figuravam entre as estatísticas significativas do Orkut. Logo, um número crescente de brasileiros se filiou.

A partir daí se evidenciaram processos de cooperação, competição e conflito que, conforme Recuero (2005), inscreveram-se em dinâmicas próprias das redes. Brasileiros e brasileiras se congregaram em estratégias de cooperação para vencer uma competição cujo objetivo era suplantar em número os usuários norte americanos. Também entraram em conflito com estadunidenses pela hegemonia do espaço e pelo direito de ditar e transgredir regras de uso localmente estabelecidas.

Surgiram, no Orkut, comunidades de protestos contra os brasileiros (*WTF a Crazy Brazilian Invasion, Too Many Brazilians in Orkut, Brazilians, the plague*; entre outras) e de revide contra os protestos (*Eu Odeio os Estados Unidos, No americans, Yes Brazilians*; *Eu odeio quem odeia o Brasil*).

Formou-se um verdadeiro movimento de *tomada de território*. Nesse afã, foram fundadas comunidades como *Brazilians Own Orkut*, que recomendava estratégias para arregimentar brasileiras e brasileiros como usuários do site. Entre estas estratégias estava a distribuição indiscriminada de convites para participar.

Essa estratégia subverteu a proposta inicial do site, que era de compor a rede de relações *online* com base nas relações *offli-*

ne. No nascedouro, o Orkut trazia uma concepção de composição de rede baseada na *Teoria de Seis Graus de Separação*⁵⁰ e propunha formar uma rede de *amigos confiáveis*, convidando para a rede de relações pessoas com quem se mantivesse uma relação de amizade *offline* e adicionando-as como *amigos* também no Orkut. Essa intenção estava expressa na frase antes estampada na abertura do site: *Who do you know?*

O movimento de *tomada de território* motivou uma distribuição indiscriminada de convites e se passou a ter completos desconhecidos como *amigo no Orkut*. Além disso, os usuários do site passaram a considerar sinal de popularidade a quantidade de *amigos* adicionados, o que se celebra pela adição *ao nome* de expressões como *perfil lotado (a adição de amigos estava limitada à, aproximadamente, 1000 amigos)* e se marca pela informação de *links* para um segundo e até terceiro perfis no site.

Por um lado, diz-se que práticas como essa *vulgarizaram* o site, cujos outrora disputados convites para ingresso, que chegaram até a ser vendidos em leilões virtuais, passaram a ser largamente distribuídos. Mas, por outro lado, há quem considere brasileiras e brasileiros “*os grandes embaixadores do Orkut*”.

Conforme Fragoso (2006), no final de 2004 o número de brasileiros ultrapassou o de estadunidenses. Em 2006, o Orkut era

⁵⁰ Relativa a idéia de que, no mundo todo, são necessários no máximo seis laços de amizade para que quaisquer duas pessoas estejam ligadas, ou seja, que todas as pessoas no mundo podem ser conectadas a qualquer outra por uma rede de no máximo cinco intermediários.

considerado *território dominado* e os conflitos nas comunidades já eram praticamente inexistentes.

A apropriação do Orkut por brasileiros e os usos que fizeram dele, trouxeram algumas conseqüências que modificaram a rede. Muitas delas, como compor a rede adicionando desconhecidos indiscriminadamente, foram verdadeiros atos de subversão à concepção inicial da plataforma de sociabilidade idealizada por Orkut Buyukkokten.

Conforme Fragoso (2006), as identidades nacionais são pontos de apoio frágeis para analisar casos como o da invasão do Orkut e é preciso ser cauteloso ao tomar a nacionalidade como fonte primária de identificação.

Quando o Orkut foi lançado, usuários de diferentes nacionalidades se comunicavam em inglês, única língua que era apresentada na interface⁵¹, pois a idéia inicial era que *todos pudessem se comunicar com todos*. Apesar disso, os brasileiros começaram a escrever em português, atitude que provocou protestos porque tornava as discussões nas comunidades ininteligíveis para os não falantes dessa língua. Para Fragoso (2006), o pomo da discórdia na celeuma com os brasileiros no Orkut, geralmente, era a língua inglesa, na qual apenas uma minoria de brasileiros é fluente a ponto de conseguir travar discussões nas comunidades.

⁵¹ A versão em português só foi lançada em abril de 2005 e hoje o serviço tem suporte em diversas línguas. O hábito inicial de comunicar-se em inglês foi abandonado e os usuários podem comunicar-se no idioma que preferirem.

Muitos escreveram sobre o sucesso do Orkut no Brasil, mas para Fragoso (2006), até mesmo os acadêmicos recorreram a visões estereotipadas do brasileiro para abordar a questão, retratando-os como gregários, pacíficos e amigáveis. Contudo, essas características não estão de acordo com o comportamento xenófobo, belicoso e agressivo verificado na *tomada do Orkut*.

O comportamento agressivo e “voraz” parece ser recorrente entre os brasileiros que utilizam a rede. Segundo pesquisa divulgada pelo Ibope/Netratings⁵², em 19/06/2008, entre pessoas de todas as nacionalidades, brasileiras e brasileiros são quem passa mais tempos conectados a web. Durante o acesso, brasileiras e brasileiros permanecem grande parte do tempo dedicados a sites e programas que têm foco em comunicação interpessoal⁵³.

Conforme a pesquisa, os brasileiros permanecem conectados a sites desse tipo⁵⁴, em média, cinco horas por mês, já em vários outros países o valor médio é de duas horas. Brasileiros são considerados “vorazes” no uso da rede. Além de serem campeões mundiais em tempo de acesso, segundo Fragoso (2006), não é raro que o número de brasileiros usuários de um serviço

⁵² Empresa que faz os que são considerados os principais levantamentos sobre o uso de Internet no país, levantamentos estes recorrentemente citados em trabalhos acadêmicos de estudiosos da área.

⁵³ Conforme Fragoso (2006), que interpretou índices do ano de 2006, os quais já apontavam semelhantes perfis de uso de Internet, isso pode ser um indício de que os brasileiros se interessam pela Internet “mais como ferramenta de relacionamento do que como meio de distribuição de conteúdo.”

⁵⁴ Redes sociais, mensagens instantâneas, blogs e micro blogs, listas de discussão e mundos virtuais, entre outros.

logo ultrapasse o de usuários do país do qual o serviço é originário. O *post* encontrado em um blog da Internet alude a esse perfil de uso:

"Invadimos" o Orkut, o Fotolog, o Blogger, o GMail, o YouTube, o Carom3D, o WarRock, o Coyote, o MSN, além dos serviços que foram "obrigados" a migrar sua infra para uma terceirizada brasileira para comportar a demanda (vide priston tale, pangya, mercadolive, ragnarok...). Por mais que os ativos da comunidade relacionada protestem, as atividades dos brasileiros na Internet é muito mais abrangente e intrusiva que em qualquer outro país do mundo. E principalmente não temos vergonha ou preconceito de utilizar recursos de serviços de fora, simplesmente lhes tomamos recursos. (Carlos, 2006 sp).

Como ilustra o *post*, não é raro que a tomada de território por brasileiros suscite verdadeiros conflitos e choques culturais, até porque, conforme Guimarães Júnior (1999), o uso de um mesmo aparato não determina o pertencimento a uma mesma província de significado. Além disso, nesses conflitos que ocorrem no Ciberespaço, tem sido contumaz que hábitos e padrões de utilização do serviço sejam modificados com as "invasões brasileiras".

No ano de 2008, a frase *Who do you know*, já não estampava mais a interface de acesso ao site e o cadastro se tornou livre, dispensando convites. Atualmente, o Orkut está muito dis-

tante de ser *uma rede de amigos confiáveis* (outra expressão que desapareceu da interface). No cotidiano do Orkut, à semelhança das grandes metrópoles urbanas, é possível tanto reencontrar amigos, como engatar um namoro, arrumar (ou perder) emprego, como praticar crimes e contravenções como a pedofilia, venda de drogas e apologia ao crime.

Por onde andei? Descrevendo e refletindo sobre a entrada no campo

Como já foi dito, a entrada em cibercampos se dá por interface. Quando acessei o Orkut pela primeira vez, a tela de abertura era a seguinte:



No início dessa investigação, o Orkut era um *mundo acessível apenas para alguns*. Para entrar era preciso conhecer os códigos do mundo digital, ter um endereço de correio eletrônico (login), definir uma senha de acesso, mas isso só não bastava. O Orkut era um mundo de acesso restrito, a pergunta “*Quem você conhece?*”, estampada na tela de entrada queria dizer que você só

poderia se cadastrar no sítio se tivesse recebido um convite de alguém.⁵⁵

Ao longo do período de observação ocorreram muitas mudanças no site. Em 03 de janeiro de 2008⁵⁶, as fronteiras do lugar já estavam reconfiguradas, não era mais necessário esperar por um convite e a restrição de acesso já se limitava apenas à alfabetização digital, acesso à Internet e a criação de uma conta no Google. A tela de abertura havia se modificado⁵⁷, refletindo essa outra concepção da rede.

Ouvi falar do Orkut pela primeira vez na televisão ou talvez tenha lido algo sobre ele em uma revista semanal, não lembro bem, mas a informação chegou por meio de algum veículo de comunicação de massa. Tenho clara memória de que naquela ocasião não fiquei interessada em ter um perfil no sítio. É verdade que fiquei curiosa e tive vontade de navegar nele por intermédio do cadastro de algum conhecido, mas não de participar efetivamente.

⁵⁵ Recentemente, o site Orkut foi associado à plataforma Google, o acesso e cadastro foram abertos, bastando vincular uma conta de e-mail aos sites do Google. A frase “quem você conhece?” foi retirada da tela de abertura. Mesmo assim, é possível identificar acontecimentos particulares do “orkutar”.

⁵⁶ Foi quando refiz o caminho de entrada no site. Hoje ele já está totalmente reconfigurado, as telas mudaram e há uma nova interface chamada de novo Orkut. Como as experiências na Internet são mesmo marcadas pela efemeridade e volatilidade. Decidi manter o caminho que fiz naquela época e não atualizei nem o percurso nem as telas para corresponder à nova versão do site.

⁵⁷ Diante dessa mudança, recorri ao *waybackmachine* do site Internet Archive, organização sem fins lucrativos que mantém um arquivo de páginas de Internet, para recuperar a tela de abertura.

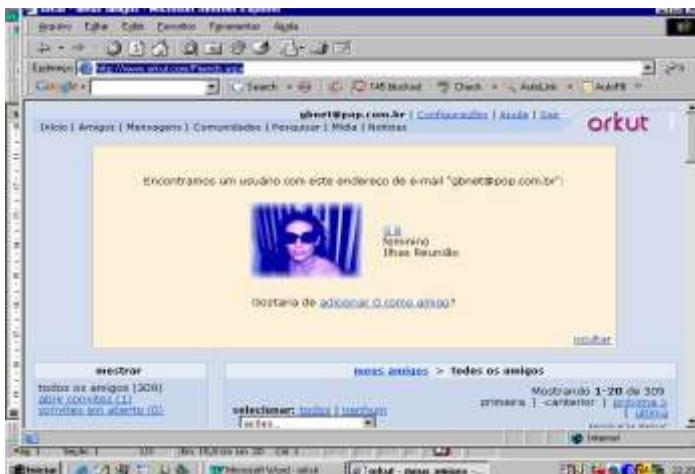
Logo em seguida, começaram a surgir mais e mais reportagens e comentários sobre o Orkut e o meu interesse foi se aguçando pouco a pouco. Até que, em meados de 2004, aceitei o convite que chegou à minha caixa de correio eletrônico para compor a rede de amigos de uma prima. Pronto, lá estava meu passaporte para entrar naquele que ainda era um fechado e seletivo espaço virtual.

Quando escrevi este texto, a experiência das primeiras interações com a interface já haviam se apagado de minha memória. Recordo apenas que fui descobrindo os recursos da rede aos poucos (alguns deles nunca utilizei) e que não tive maiores problemas em relação ao excesso de exposição da privacidade que as informações divulgadas na rede podem acarretar, pois já havia lido bastante sobre o assunto antes de me cadastrar.

Para fins de descrição aqui, precisei refazer esse caminho de primeiro contato com a interface. O processo de cadastramento no Orkut é composto por algumas etapas. Com a finalidade de relembrá-las, em 04/08/2006, enviei um convite para mim mesma em um endereço diferente daquele que consta no meu cadastro do Orkut e passo a descrever os eventos que se seguiram.

Para enviar convites é preciso fornecer alguns dados como nome, sobrenome e/ou endereço de correio eletrônico da pessoa a ser convidada. Com base nessas informações o site detecta os endereços já cadastrados e, se for o caso, avisa que o *convidado*

já possui um cadastro, ao mesmo tempo em que pergunta se quem convida quer adicionar o perfil cadastrado a sua lista de amigos, conforme pode ser visualizado na tela abaixo.



O convite recebido do site (que enviei a mim mesma) trazia a expressão "orkut – convite enviado por (nome de usuário que enviou o convite)" no campo assunto, sendo que o texto do corpo da mensagem é o seguinte

Você foi convidado a participar da rede de amigos de (nome de usuário) no orkut.

Corpo do texto: Para participar do orkut, clique no link a seguir:

<<http://www.orkut.com/Join.aspx?id=44D3D5426E3320A7>

Com problemas? Se você receber uma mensagem de erro ao tentar aceitar este convite, talvez seja necessário copiar e colar este URL em uma janela do navegador.

* * *

orkut é uma comunidade de amigos e conhecidos confiáveis conectados em uma rede social que cresce por meio de convites pessoais.

Com o orkut, você pode reencontrar velhos amigos, conhecer gente nova por intermédio de conhecidos de sua confiança e até achar finalmente aquela pessoa que você tem procurado por toda parte.

orkut lhe ajuda a organizar e participar de eventos, associar-se a comunidades com interesses comuns aos seus e encontrar companheiros para as suas atividades preferidas.

* * *

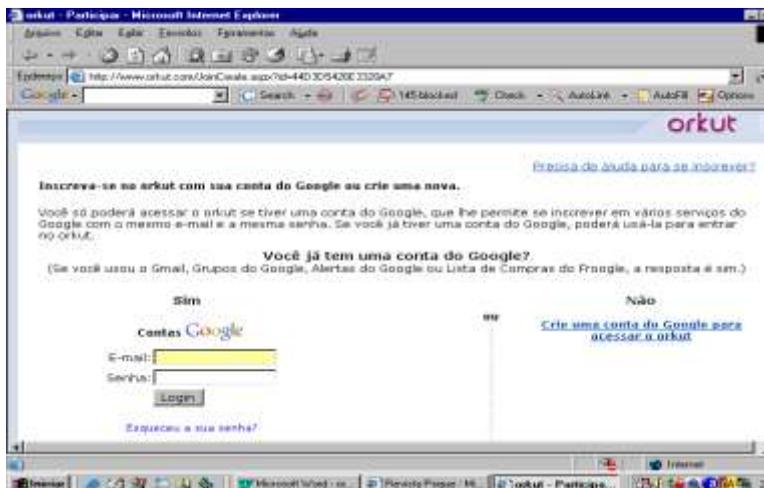
Se você já for membro do orkut, confira se o endereço de e-mail desta mensagem consta no seu perfil do orkut. Dessa forma, você será conectado automaticamente a todos os seus amigos.

Este convite foi enviado por G B .

Você também pode entrar em contato conosco através do nosso endereço físico: 2711 Centerville Road, Wilmington, DE 19808, EUA.

Para bloquear o envio de e-mails de usuários do orkut para você, visite:
<<http://www.orkut.com/Block.aspx>>

Ao acessar o link indicado para cadastro acessível em
<<http://www.orkut.com/Join.aspx?id=44D3D5426E3320A7>> a página visualizada foi:



Cliquei sobre o link vinculado à frase "Inscreva-se no Orkut e entre em contato com (nome de usuária/usuário)" e se abriu a página inicial de cadastramento, que pode ser visualizada na sequência do texto.

Para cadastrar-se no site é preciso informar um endereço eletrônico e senha, mas é preciso que a conta de correio eletrônico a ser cadastrada esteja vinculada ao site do Google, caso o

endereço de e-mail ainda não esteja cadastrado no site www.Google.com, você deverá fazer o cadastro conforme indicam as figuras.

Google Accounts Criar uma conta do Google

Crie uma conta

Se já tiver uma conta do Google, [clique aqui para logar](#)

Informações necessárias para a conta do Google

Nome (opcional)

Sobrenome (opcional)

Nome completo de e-mail atual

Endereço de e-mail [Troque de e-mail](#)

Digite a senha novamente

Salvar as minhas informações neste computador.

A criação de uma Conta do Google ativa o Pesquisa personalizada, que localiza os resultados de pesquisa mais relevantes para você com base em seu histórico de pesquisas on-line.

Ativar Pesquisa personalizada

Verifique o e-mail [Troque o e-mail para o qual você deseja receber e-mails](#)

Contas do Google - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Ferramentas Ajuda

Endereço <https://www.google.com/accounts/NewAccount?serviceurl=continua&hlpt=1&SLZ=1&fwww.akul.com/1&FwdLogin.asp?1.3fms>

Verifique o e-mail [Troque o e-mail para o qual você deseja receber e-mails](#)

angonm

Termos de Serviço Verifique os dados de Conta do Google que você digitou anteriormente (nome e sobrenome) e leia os Termos de Serviço e clique.

[você pode aprovar](#)

Termos de Utilização do Google para uso pessoal

Des-Visado! Ao usar os serviços de mecanismo de busca do Google ("Google Search")

Ao clicar em "Aceite" a seguir, você aceita os Termos de Serviço acima e a Política de privacidade.

Condição

Tráfego Microsoft W... Revista P... Contas do... Índex Mo... 11:30

No perfil, também está informado que a adoção do termo Google reflete a missão da empresa de organizar o enorme montante de informações disponíveis na web e no mundo. Atualmente, a empresa é a desenvolvedora do maior mecanismo de busca de informações na web.⁵⁸ Hoje, o Google responde a mais de 100 milhões de consultas por dia, dá acesso a mais de 1,3 bilhões de páginas para usuários de todo o mundo, geralmente em menos de meio segundo⁵⁹.

Para efetivar o cadastro no Orkut, além de informar endereço eletrônico e senha, é preciso concordar com os "termos de utilização do Google para seu uso pessoal". No texto disponibilizado no site em 05/08/2006, para fins de cadastro, informa-se que "estes termos de serviços serão gerenciados e construídos de acordo com as leis do Estado da Califórnia (EUA), sem que estas conflitem com as leis de seu atual estado ou país de residência", uma vez que nos termos estão dispostos títulos que correspondem ao conteúdo "linkado" por Google, utilização apenas para uso

⁵⁸ A tecnologia de busca utilizada pelo Google se baseia não só na utilização de palavras-chave ou meta-busca, mas na tecnologia PageRank™, que assegura que os resultados mais importantes sempre apareçam primeiro. O PageRank faz uma medição, calculada por uma equação de 500 milhões de variáveis e mais de 2 bilhões de termos, de importância das páginas web. Os métodos de pesquisa do Google são complexos, automatizados e impedem interferência humana. Diferente de outros serviços de pesquisa, o Google é estruturado de forma que não é possível comprar uma posição mais alta ou solicitar alterações nos resultados.

⁵⁹ O Google foi fundado em 1998, por Larry Page e Sergey Brin, dois estudantes Ph.D de Stanford. A companhia privada anunciou, em junho de 1999, ter assegurado \$25 milhões em consolidação de dívida flutuante de patrimônio líquido. Seus sócios incluem Kleiner Perkins Caufield & Byers e Sequoia Capital. Além dos serviços que presta através de seu próprio site público, www.google.com, a companhia também oferece soluções para busca na rede, em associação com provedores de conteúdo.

pessoal, não permissão de pesquisas automatizadas, política de privacidade, alterações nos termos e condições dos serviços de busca Google, Política de Propriedade Intelectual (satisfazendo a Lei de direitos autorais "Digital Millennium Copyright Act"), renúncia de garantias, limitação de responsabilidade, pedidos para a remoção de links ou *cached materials* e vários itens encontrados.

Para cadastrar-se é preciso clicar no botão de aceitação, que aparece na tela, abaixo dos *termos de utilização do Google* para uso pessoal. Como usuária do Orkut desde 2004, nunca li estes termos, confesso que os aceitei sem ler, mas, para a elaboração do trabalho, dediquei cerca de uma hora para ler rápida e superficialmente os termos, navegando por entre alguns links que precisei acessar para obter as informações necessárias para compreendê-los.

A aceitação destes termos conduziu para mais uma tela referente a termos, dessa vez são termos específicos dos serviços do Orkut, os "Termos de serviço" do Orkut.



Depois de simular concordar com todos esses termos, finalmente acabei a primeira página de cadastro das informações pessoais, aquelas com as quais você vai construir seu perfil (denominação adotada no site) *online*, sua persona, sua identidade virtual. Nessa parte do perfil, chamada de geral, é possível inserir uma foto e é preciso informar um nome, um sobrenome e fazer uma opção entre sexo masculino ou feminino. Todas as outras informações podem ser deixadas em branco.

A sua conta foi criada! Preencha o seu perfil abaixo para começar a usar o orkut.

geral

nome:

sobrenome:

sexo: feminino masculino

relacionamento:

data de nascimento:

ano de nascimento:

cidade:

estado:

CEP:

país:

interessado(a) em: amigos
 companheiros para atividades
 contatos profissionais
 namoro

filhos:

filhos:

Entre os itens a serem informados, há alguns cuja possibilidade de resposta é aberta e outros são limitados por um rol de opções predeterminadas pelo site. Entre os itens de resposta aberta estão data de nascimento, cidade, estado, CEP, cidade natal, endereço de uma página na *web* e um campo mais extenso destinado para uma pequena descrição de “quem sou eu”.

Os itens com opção de respostas predeterminadas são: relacionamento (solteiro, casado, namorando, casamento aberto, relacionamento aberto), país, interessado em (amigos, companheiros para atividades, contatos profissionais, namoro homens,

namoro mulheres, namoro homens e mulheres), filhos (não, sim moram comigo, sim não moram comigo, sim visitam de vez em quando), etnia (afro-brasileiro - negro, asiático, caucasiano – branco, índias orientais, hispânico/latino, oriente médio, indígena americano, ilhas do oceano Pacífico, multiétnico, outras), idioma, religião, visão política (conservador de direita, muito conservador de direita, centrista, esquerda liberal, muito liberal – de esquerda, libertário, libertário ao extremo, autoritário, autoritário ao extremo, depende e apolítico), humor (extrovertido/extravagante, inteligente/sagaz, pateta/palhaço, rude, seco/sarcástico, simpático, misterioso), orientação sexual (heterossexual, gay, bissexual, curioso), estilo (alternativo, casual, clássico, contemporâneo, só visto estilistas famosos, minimalista, natural, aventura, elegante, na moda, urbano), fumo (não, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente, tentando parar, ex-fumante), bebo (não, socialmente, de vez em quando, regularmente, excessivamente), animais de estimação (adoro meus animais de estimação, prefiro que fiquem no zoológico, gosto de animais de estimação, não gosto de animais de estimação), moro (só, com companheiro(a), com filho(s), amigos visitam com frequência, com outras pessoas, com animais de estimação, com meus pais, baladeiro de plantão).

Há, também, opções marcadas pelo desenho de uma chave amarela, o que significa que você pode determinar graus de permissão de visualização (só eu, amigos, amigos dos amigos, todos)

para os itens. Nessa primeira tela de perfil, os itens sinalizados são data e ano de nascimento, orientação sexual.

Ao terminar de preencher esta página, você visualiza as informações que estão circundadas em preto.



A próxima lista que compõe o perfil social se refere a *interesses*. Nessa página, conforme o site, você têm a chance de “mostrar às pessoas o quanto você é especial” e, para isso, você pode listar, separados por vírgulas, suas paixões, esportes que pratica, atividades, suas preferências em relação a livros, música, filmes, programas de TV e gastronomia.

Logo a seguir, serão preenchidas as informações de contato, nas quais poderão ser informados um endereço de correio eletrônico principal e até três secundários, dois nomes de usuário em programas de mensagens instantâneas, números de telefones residencial e celular, dois endereços, todos esses itens sinalizados

com a chave amarela. Aqui, cabe salientar que a presença de uma página com tais informações é importante, pois elas permitirão que os membros se comuniquem por intermédio de outros programas e aparelhos, ampliando o ambiente de sociabilidade.

A seguir vem a página para carregar uma foto, na qual lê-se: “Você pode carregar um arquivo JPG, GIF ou PNG (tamanho máximo de 500KB). Não carregue fotos que contenham imagens de menores de idade, animais de estimação, personagens de desenho animado, pessoas famosas, nudez, trabalho artístico ou outro material protegido por direitos autorais”, apesar dessa recomendação, o que não falta no Orkut são páginas que não atendem a essas solicitações. E depois, a última página, chamada lista de presentes, na qual você poderá expor até cinco páginas que disponibilizam listas de compras online⁶⁰. Este grupo de cinco páginas compõe o chamado *perfil social* no Orkut, além deste é possível, ainda, preencher um perfil profissional e um pessoal.

Avalio minha experiência de usuária como mais positiva do que negativa, mas devo dizer que estar no Orkut requereu algumas pausas para tomar fôlego, para refletir e, também, um aprendizado de como ser usuária do site, desviando-me de certas armadilhas, principalmente, relacionadas a exposições exageradas de minha vida privada. Quando me cadastrei pela primeira vez no

⁶⁰ Essa lista já não existe hoje em dia e foi substituída por outras possibilidades como a promoção de algo que se deseje divulgar ou a comunicação de evento no qual a pessoa comparecerá.

site, para fins de uso pessoal, informei nome e sobrenome, hoje restaram apenas as iniciais de meu primeiro nome e último sobrenome. Também mudei a foto do perfil, que mostrava todo o meu rosto, para outra na qual uso grandes óculos escuros. Além disso, excluí a maioria das informações do perfil, que eu havia preenchido completamente no ato do cadastramento, e restringi outras tantas a visíveis apenas para os *amigos*.

A experiência como usuária do site me possibilitou cumprir um tempo de contato com o campo que, segundo Fonseca (1999), permite reconhecer a complexidade do campo, para fins de interpretação das informações, desviando dos riscos de elaborar análises que incorram em *sacralização do indivíduo* ou *reificação do social*.

Referindo-se a ciberetnografia, Goijberg (2005) chama essa fase inicial de fase preparatória⁶¹, na qual o investigador deve conhecer as formas de comportamento e expressão do grupo a ser pesquisado, bem como experimentar por si mesmo os modos de comunicação, utilizando unicamente as ferramentas disponíveis na plataforma (geralmente baseadas em texto).

Segundo Goijberg (2005), para compreender realmente o processo de comunicação mediada por computador é preciso experienciar o significado de comunicar-se e compartilhar emo-

⁶¹Goijberg (2005) propõe uma organização seqüenciada dos passos que devem ser seguidos para ordenar metodologicamente a aproximação do campo de pesquisa na etnografia virtual. Esses passos se dividem em fase preparatória, de trabalho de campo, analítica e informativa.

ções *online* com outras *personas*, é necessário que o pesquisador viva e se imbua no ciberespaço.

Devido ao fato de já *estar no Orkut* bem antes de eleger o sítio como campo de pesquisa, já vinha realizando uma espécie de observação que me permitiu adquirir uma noção de como ocorrem as interações entre as pessoas na plataforma. Minha experiência como usuária propiciou o contato com o ambiente e aprendizagem das regras e códigos particulares de usuários⁶² suficientes para considerar que, como afirmado por André Lemos (2003 p. 23), na cibercultura “a sociedade contemporânea está viva no que o humano tem de mais radical: um presente caótico e violento.”

Identifico-me com o relato de pesquisa de Jonatas Dornelles (2004), segundo o qual o ciberlugar “adquire o status de lugar, como se fosse um entre tantos outros pontos de encontro da cidade”. Segundo este autor, a vivência do indivíduo no ciberespaço, assim como a experimentada na interação face a face, apresenta elementos de drama, emoção e complexidade. Devo dizer também que estar no Orkut mobilizou em mim várias emoções. Não eram só fotos e nomes em uma tela. Eu tinha histórias de encontros e desencontros com a maioria daquelas fotografias que iam aparecendo na tela do meu computador. Lá estavam parentes, amigas e amigos de infância, ex-alunos e alunas, ex-professores e

⁶² A palavra usuário é adotada para as pessoas cadastradas no sítio, poderia talvez equivaler à palavra nativo, no caso de esta ser uma etnografia clássica.

professoras, companheiros de festa, ex-namorados, ex-marido, novos amigos, colegas de curso e de trabalho e até alguns desafetos.

No início, o aparecimento/desaparecimento, com ou sem aviso prévio, as presenças e as ausências de todas essas pessoas me provocavam uma torrente de sentimentos, memórias, felicidade, angústia. Uma mobilização emocional que me fez atravessar madrugadas procurando pessoas conhecidas, digitando nomes e navegando pelas listas de amigos de meus amigos e amigas para ver quem estava lá.

Antes eu esperava ansiosamente ser *aceita* (adicionada, na linguagem corrente entre os usuários) e ficava aguardando que as pessoas me escrevessem e respondessem ao que eu escrevia⁶³. Precisei *cuidar da relação* que eu estava estabelecendo com aquilo tudo e percebi que não desejava viver tão intensamente essas relações de Orkut, elas não eram apenas virtuais, eram reais, mas eu podia, de certa forma, escolher como isso estaria no meu cotidiano. *Relaxe* e estabeleci, digamos assim, uma relação mais tranquila com as interações que foram estabelecidas por intermédio do site. Acredito que esse foi um passo importante em direção ao distanciamento necessário para a realização da pesquisa.

⁶³ É curioso perceber que acabei estabelecendo ótimas relações *off-line* com pessoas que não me aceitaram como *amiga de Orkut*. Com algumas dessas pessoas, compartilho xícaras de café, troco confidências, conselhos e até telefonemas.

Quando inciei a pesquisa eu já *estava no Orkut* há algum tempo, conhecia bem o campo e o *modus operandi* de grande parte das interações que lá ocorriam. A despeito da minha experiência anterior, assim como o afirmado por Daniel Ruoso (2004), quando me propus a desenvolver uma investigação nesse ciberlugar também tive que *converter o meu olhar* em relação às questões que eu propus investigar, para realmente *observar no sentido antropológico do termo*. Tal conversão resultou na elaboração de um novo perfil, distinto do que eu utilizo para interagir com meus amigos de infância e com meus colegas de trabalho, no qual eu me apresento como pesquisadora e no qual tenho adicionadas as comunidades e os amigos que têm relação com a pesquisa.

Neste perfil (acessível em <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=15500624911089937458>), apresento-me com o nome de *Ciber Antropolog@*, descrevo brevemente os objetivos da pesquisa, explico minha condição de pesquisadora e adicionei todas as comunidades relacionadas a menstuação que encontrei:

3 COMUNIDADE COMO CATEGORIA NATIVA DO ORKUT

“nunca somos estranhos entre nós.”
Bauman (2003, p. 8).

Meu local de pesquisa no vasto mundo do Orkut, as *praças* onde realizei as observações, são as chamadas comunidades. No cenário dessa pesquisa, comunidade virtual é considerada como categoria nativa do ciberespaço e, por este motivo, precisa ser discutida e analisada. Apesar de ser categoria nativa do local, comunidade não é uma categoria que emergiu junto ao ciberespaço. O termo polissêmico circula na linguagem cotidiana, mas também é uma categoria da qual a sociologia clássica se ocupou e que se apresenta atualizada na cena contemporânea, principalmente, pelas discussões acerca de *comunidades virtuais*.

Hoje, aceita-se que comunidades se formem em ciberespaços sem presença corporal e ou base territorial físicas. Entretanto, tanto a noção de comunidade como o emprego do termo para referir-se aos agrupamentos (ambientes de sociabilidade) que se formam no ciberespaço permanecem polêmicas.

O termo *comunidade virtual* foi adotado para denominar grupos de pessoas que se reuniam por intermédio de computadores desde as redes que precederam a Internet e a existências de *redes sociais* mediadas por dispositivos digitais nos moldes que

hoje conhecemos. Conforme Lemos (2002), que lançou um olhar para os agrupamentos no ciberespaço questionando se eram *agregações eletrônicas ou comunidades virtuais*, “não se pode generalizar para toda forma agregadora da Internet o rótulo de comunitária”.

Nas chamadas comunidades virtuais do ciberespaço, mesmo que os membros compartilhem um espaço simbólico (chats, listas, fóruns, newsgroups, etc.) por um determinado período de tempo e que um determinado grupo possa ser diferente de outros que podem se dar nos mesmos espaços telemáticos, isso não vai significar, necessariamente, que se estabelecerão vínculos afetivos e/ou temporais . Ou seja:

[...] podemos dizer que no ciberespaço existem formas de agregação eletrônica de dois tipos: comunitárias e não comunitárias. As primeiras são aquelas onde existe, por parte de seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo. O segundo tipo, refere-se a agregações eletrônicas onde os participantes não se sentem envolvidos, sendo apenas um *locus* de encontro e de compartilhamento de informações e experiências de caráter totalmente efêmero e desterritorializado. (LEMOS, 2002, não paginado).

Conforme este autor, as diferentes formas de agrupamentos no ciberespaço (chats, listas, *newsgroups* e *websites*) podem

ser comunitárias ou não, dependendo das formas de integração estabelecidas entre seus usuários e do pertencimento simbólico e temporal observado.

Para Lemos (2002, não paginado), o emprego e a adoção do termo comunidade para os estudos de agrupamentos no ciberespaço devem ser discutidos: é preciso “pensar a aplicabilidade do conceito aos agrupamentos eletrônicos da cibercultura como listas de discussão, salas de bate-papo, newsgroups e websites.”

Segundo Recuero (2001), discutir o conceito de comunidade virtual passa por questionar “em que medida ele pode ser aplicado diante das relações que surgem entre as pessoas online”? O que demanda análise de fundamentos, características e condições de emergência de agrupamentos no ciberespaço.

Um dos aspectos que torna mais polêmico o conceito de comunidade é a idealização que existe em torno dele. Conforme Durham (2004), a noção de comunidade vigente no senso comum é idealizada e mitificada, pressupõe a idéia de identificação afetiva e convivência harmoniosa entre os membros e exclui conflitos de interesses e relações impessoais.

Conforme Bauman (2003, p. 7) a palavra comunidade, mais que significado, guarda sensações. “Ela sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’ [...] as companhias ou a sociedade podem ser más; mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa.”

Assim como Durham, Bauman ressalta a idealização da idéia de comunidade como espaço de segurança, acolhimento, entendimento, solidariedade, harmonia:

Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. **Nunca somos estranhos entre nós.** Podemos discutir — mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar juntos ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar sobre como fazê-lo. Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros à nossa volta nos querem bem. (BAUMAN, 2003, p. 8, grifo nosso).

Para Bauman (2003, p. 9-8), a realidade não comunitária em que vivemos ajuda a acalentar a idealização da “comunidade imaginada”:

Para nós em particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer “sim”, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios — a palavra “comunidade” soa como música aos nossos

ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes.

Há que se considerar as discussões sociológicas sobre comunidade. A sociologia se ocupou do tema relacionando-o a configurações possíveis de relações de sociabilidade (ainda que certas discussões sociológicas conservem a idéia de um tipo ideal de convivência humana). Às concepções presentes no senso comum somara-se outras, como a oposição entre comunidade/sociedade e a relativização da concepção de comunidade como algo essencialmente bom e positivo.

Conforme Recuero (2001), a idéia de comunidade vai se distinguindo daquele protótipo inicial e passa a apoiar-se em outros princípios de coesão de seus elementos constituintes, quais sejam, o contraste entre parentesco e território, sentimentos e interesses, entre outros. Esta autora mostra que o conceito de comunidade foi sendo identificado com aspectos, como coesão social, base territorial ou conflito e a colaboração para um fim comum.

Palácios, citado por Recuero (2001), é um dos autores que enumera alguns elementos que caracterizariam essa nova idéia de comunidade. Entre os elementos listados por Palácios, destacam-se o sentimento de pertencimento ou "pertença", que seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sen-

timento de comunidade e projeto comum); a territorialidade, o *locus* da comunidade; a permanência, condição essencial para o estabelecimento das relações sociais, pois nessa perspectiva, a noção de comunidade passa a estar fortemente ligada às de lugar e de tempo.

Segundo autores como Quentin Jones (1997), o termo comunidade permanece um dos mais alusivos e vagos entre as concepções sociológicas, cujo significado não é específico, mas depende do contexto em que é empregado. E não há definição de comunidade na sociologia que exclua a possibilidade de existência de uma nova forma comunitária baseada no ciberespaço.

Com o surgimento da comunicação mediada por computador e de diversos modos de sociabilidade no ciberespaço, como as redes sociais mediadas por computador, emergem formas de agrupamento humano que passam a ser chamadas de *comunidades virtuais*.

São diversos os conceitos de comunidade virtual. O pioneiro na definição do conceito de comunidade virtual foi Howard Rheingold (1993 p. 5), para quem as comunidades virtuais são “agregações sociais que emergem na Internet quando uma quantidade significativa de pessoas promove discussões públicas num

período de tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar teias de relações pessoais no ciberespaço.”⁶⁴

Essa primeira definição suscitou críticas e debates, inaugurando, também, uma discussão sobre a existência ou não de comunidades virtuais e do uso adequado delas. Estas críticas abrangiam desde o não compartilhamento de um território até o argumento de que simples troca de informações não constitui comunidades.

Segundo Rosa (2003), os embates entre a concepção de comunidade virtual e as concepções de comunidade da sociologia clássica giram em torno de alguns pontos específicos. O fato de as comunidades virtuais supostamente não compartilharem um *locus* físico para a constituição das relações sociais é um desses pontos. Para Rosa (2003), abordagens sociais da comunicação mediada por computador envolvem ruptura com conceitos de comunidade sedimentados pela sociologia e são necessários outros pressupostos para analisar as relações sociais mediadas por meios eletrônicos, tais como um elevado índice de interatividade e a transformação das percepções de espaço e de tempo.

Penso que a questão de espaço não chega a se apresentar como uma ruptura, já que embora as comunidades virtuais careçam de base geográfica, em termos de território físico, a noção de

⁶⁴ Livre tradução de: *Virtual communities* are social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace.

lugar, de território, não está ausente, apenas se apresenta desencaixada (GIDDENS, 1991). Os ciberterritórios das comunidades virtuais podem ser vistos como “lugares praticados” ou como “não-lugares”, assim como concebidos por Augé (1994).

Quentin Jones (1997) criou o termo *virtual settlement* para denominar *loci* virtuais de alguns agrupamentos no ciberespaço. A preocupação inicial desse autor foi delimitar o espaço (literal) que oferece ferramentas interativas do ciberespaço. Depois, ele se ocupou com a especificação das relações sociais que legitimam tanto o termo comunidade quanto o espaço (*virtual settlement*) que a comunidade ocupa. Conforme Jones (1997), para que um local no ciberespaço onde há comunicação mediada por computador possa ser taxado de *virtual settlement* é necessário que reúna algumas condições, entre as quais a noção de interatividade⁶⁵ é central. Assim, *um virtual settlement* deve apresentar um nível mínimo de interatividade, uma variedade de comunicadores, um nível mínimo de permanência dos membros (usuários) e a ocorrência de uma significativa porção de interatividade entre os membros no espaço (virtual) público e comum. Além disso, um *virtual settlement* será simbolicamente definido por tópicos de interesse comuns.

⁶⁵ Conforme Rafaelli e Sudweeeks (1997), interatividade não é uma característica do meio. A interatividade se refere a um processo de comunicação. É a extensão na qual uma mensagem guarda uma seqüência de relação com cada uma das outras em um local de comunicação mediada por computador e, especialmente, a extensão na qual a última mensagem faz menção as mensagens anteriores.

Com base em Jones, autores como Recuero (2001) alertam que “a comunidade é diferente de seu suporte tecnológico e não pode ser confundida com ele”. Conforme Alex Primo (1997), as comunidades virtuais consistem em pessoas que, muitas vezes, estão separadas geograficamente, organizadas não por localidade, mas por interesses comuns. Para Primo, comunidades virtuais seriam baseadas em proximidade intelectual e emocional, em vez de mera proximidade física. A explicação dele oferece uma alternativa de definição de comunidade virtual nos termos propostos por Jones (1997), para quem se tornou necessária a distinção entre comunidade e sua base material, seu território (*virtual settlement*) para determinar quando grupos de comunicação mediada por computador configuram a existência de comunidade virtual.

No ciberespaço, o termo comunidade foi adotado, indiscriminadamente, para denominar os mais variados pontos de encontro, abrangendo desde listas de discussão por mensagens de correio eletrônico, fóruns, chats, troca de mensagens instantâneas via um comunicador específico (MSN, Yahoo, Google talk, entre outros), áreas de discussão baseadas na web, listas de notícias, etc. Mas, segundo diversos autores (Cynthia Harumy Watanabe CORREA, 2004; LEMOS, 2002), nem toda a forma agregadora existente na Internet pode ser considerada comunitária, assim, no ciberespaço existem formas de agregação eletrônica de dois tipos: comunitárias e não comunitárias.

Conforme Lemos (2002, p.2), para que seja considerada comunitária, a forma agregadora deve apresentar algumas características específicas:

[...] não se pode generalizar para toda forma agregadora da Internet o rótulo de comunitária. Nesse sentido, podemos ter chats, listas, newsgroups e websites comunitários ou não, a depender da forma de integração de seus usuários e do pertencimento simbólico e temporal. Para o nosso interesse aqui, [...] o ciberespaço pode, efetivamente, criar agrupamento de tipo *Gemeinschaft*, como descrito por Tönnies.

Comunidades sobre menstruação, relações de sociabilidade no Orkut

Em cada perfil no Orkut, o usuário pode *adicionar* até 1000 comunidades (cada uma com número ilimitado de participantes). O *fórum* de uma comunidade do Orkut é uma possibilidade de comunicação *não sincrônica* e funciona por meio de postagem de perguntas e respostas de determinados tópicos, podendo funcionar como *fórum* de discussão de interesses comuns. Para manifestar-se nesses fóruns, elabora-se um *tópico* com um título e um texto que pode ser lido e comentado por outros usuários.

Uma miríade de temas aparecem lá. Conforme Jardel Dias Cavalcanti (2006), estes são exemplos de temas discutidos em

comunidades e do que uma comunidade como o Orkut pode fazer por você:

Quer discutir poesia francesa? Quer encontrar apaixonados por música erudita contemporânea? Quer encontrar um casal disposto a uma experiência de troca de casais? Quer encontrar seus velhos colegas da escola onde estudou? As pessoas da sua cidade natal que deixou para trás? Quer discutir a revolução francesa? Quer vasculhar os interesses de seus inimigos? Quer encontrar ateus como você e partilhar suas idéias filosóficas? No Orkut tudo isso e muito mais é possível. (CAVALCANTI, 2006).

Para este autor, apesar da variedade de temas que podem ser discutidos em comunidades do Orkut, a falta de privacidade pode complicar as possibilidades de discutir, já que o que se diz nos fóruns fica à vista e as conversas podem ser lidas por qualquer pessoa cadastrada no *site*.⁶⁶ Além disso, percebendo o apelo identitário que a adição de uma determinada comunidade representa, o autor questiona quem, por exemplo, anexaria à suas comunidades, comunidades sobre sexo bizarro, mesmo que as visi-

⁶⁶ Um tempo depois da publicação do artigo citado, o Orkut implementou configurações de privacidade para os fóruns das comunidades que permitem ao proprietário tornar as discussões dos fóruns visíveis apenas para membros. Mesmo assim, muitas comunidades permanecem com os fóruns visíveis para todos.

te? Por isso, nem tudo é tão aberto e, também, como na vida social, no Orkut se cria uma máscara para se exibir em público.

Com base nas reflexões desenvolvidas até aqui, o Orkut pode ser visto como suporte de vários agrupamentos com características distintas. É um suporte no qual as pessoas podem conectar-se para discutir temas de interesse comum, como a menstruação, o ciclo menstrual, entre outros. No entanto, apenas um ou outro grupo que se reúne *em torno do tema menstruação no Orkut constitui uma forma agregadora comunitária*.

Na observação exploratória das comunidades sobre menstruação do Orkut, percebi que as duas principais formas de uso do recurso de interface *Comunidades* são: *estratégia identitária e interesse comum*. Em muitas comunidades sobre menstruação não há *interatividade*, elas são *adicionadas* como um artifício de performance, de construção de persona, sua utilização é uma estratégia identitária⁶⁷. Esse caráter do uso das comunidades virtuais é registrado nas próprias comunidades, como exemplificado a seguir:

⁶⁷ É interessante analisar essa prática à luz da noção de “comunidades cabide”, de Bauman (2003).



Conforme Correa (2004, p. 1), a formação de comunidades virtuais pode ser vista como “[...] uma estratégia do indivíduo inserido numa sociedade em rede de se fazer reconhecer por meio de uma ou várias identidades.” Conforme a autora, o modo de atribuição dessas identidades tem uma característica particular, ele é eletivo, baseia-se em escolhas pessoais.

Como estratégia identitária, as comunidades sobre menstruação no Orkut apontam para uma apropriação *genderada* desse espaço. A adição de comunidades com a palavra menstruação no título parece ser identificada como atributo de gênero e o seu uso pode ser entendido como artifício de performance de gênero. *Personas* que querem ser identificadas como femininas parecem fazer um uso da adição de comunidades com a palavra menstrua-

ção no título, o que não é observado nas que se apresentam como masculinas. Paradoxalmente, falar sobre menstruação no Orkut não parece ser prerrogativa de nenhum gênero, mas as falas dos homens estão mais concentradas em comunidades sobre sexualidade.

Ao perceber esse uso das comunidades, abandonei a idéia inicial de restringir a observação a algumas comunidades que traziam menção a menstruação no título e passei a seguir as discussões, utilizando o mecanismo de busca por palavras-chave disponibilizado pelo site. Adotei, então, a observação flutuante e passei de *newbie* a *lurker* assumida.

Como o Orkut conta com milhares de comunidades e perfis, na hora de utilizar a busca disponibilizada pelo site era preciso que o critério de busca fosse o mais preciso possível para evitar uma avalanche de resultados⁶⁸. Mesmo restringindo as pesquisas por palavras-chave específica, a avalanche de resultados foi exatamente o que observei. No dia 30 de maio de 2007, uma busca para resultados em português com a palavra-chave *menstruação* resultou na informação de que existiam 112 comunidades com essa palavra no título. Quando a palavra digitada foi *menstruar*, retornaram 39 resultados. Ao digitar o termo *menstrual*, encontrei 14 comunidades com ele no título. Ao escrever *absorvente*, encontrei 107 comunidades. Mais 23 agrupamentos foram

⁶⁸ <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut#O_sistema>. Acesso em: 26 maio 2007.

identificados contendo a palavra *modess* e a sigla TPM intitulava mais de 1000 comunidades.⁶⁹

Como indicam outros pesquisadores, quando a etnografia se dá em ciberespaços pode haver uma primeira fase de observação não participante, que facilita a seleção de cenários relevantes. Nesse caso, o pesquisador adota uma posição de *newbie* até que se sinta mais familiarizado com os fóruns e comece a participar. Seguindo essa recomendação, realizei um estudo exploratório em quatro comunidades sobre menstruação da rede de relacionamentos Orkut que apresentavam fóruns com discussões desenvolvidas, cujo teor permitiria observar, no jogo discursivo, interdições, produções e relações de saber/poder, bem como contrastar esses discursos com os biomédicos.

Observei as comunidades “Menstruação adora uma festa” (representativa de posicionamentos de senso comum), “O Ciclo menstrual” (representativa de posicionamentos relacionados a conhecimentos biomédicos), “Menstruar é uma merda!” (representativa de posicionamentos negativos em relação ao fluxo menstrual), “Eu adoro menstruar!” (representativa de posicionamentos positivos em relação ao fluxo menstrual). Confrontando as postagens nos fóruns dessas comunidades e comparando com

⁶⁹ Uma nova busca realizada no dia 03 de janeiro de 2008 retornou os seguintes resultados: 124 comunidades com a palavra menstruação no título, 42 comunidades com a palavra menstruar, 12 com menstrual, 115 com a palavra absorvente, 28 com a palavra modes (há também 25 com *modess* e 2 com *moddes*) e mais de 1000 com a sigla TPM.

as encontradas por meio de mecanismo de buscas, percebi que se eu me restringisse às comunidades que têm a palavra menstruação no título, deixaria escapar falas importantes. Por exemplo, as falas dos homens que costumam postar em comunidades sobre sexualidade, como “Eles perguntam, Elas respondem”, mas que se manifestavam muito pouco nas comunidades selecionadas inicialmente, ou falas sobre os prós e contras da supressão menstrual que estavam em comunidades sobre dispositivos e medicamentos para promover a supressão menstrual, mas não nas comunidades sobre o fluxo mensal.

Assim, optei por abandonar a proposta inicial de restringir a análise às falas postadas nas quatro comunidades selecionadas e decidi navegar por várias comunidades da rede, desenvolvendo observação flutuante em seus diversos fóruns, a fim de destacar alguns *posts* que considerei significativos sobre o tema. Detive-me às falas, às postagens, como lugar de expressão e interação dos sujeitos *online*.

4 CORPO – CATEGORIA QUE INTERESSA AOS ESTU- DOS DE GÊNERO



"The Goddess," while the blood is still wet.
She painted these pictures after a doctor diagnosed her with a double uterus⁷⁰

Conforme Adriana Piscitelli (2000), embora as reflexões contemporâneas sobre corpo e corporalidade integrem um amplo campo de discussões⁷¹, elas são relevantes nos debates

⁷⁰ Acessível em <<http://www.mum.org/armene.htm>>.

⁷¹ Segundo alguns autores, que ganharam bastante visibilidade nos anos 90, o corpo “emerge”, nas duas últimas décadas, como uma das categorias centrais da teoria social e cultural, quase ocupando o lugar de categorias mais coletivas, tais como sociedade ou cultura. Essa afirmação deve ser, no entanto, problematizada. Sem negar inovações conceituais presentes nas discussões atuais, é necessário levar em conta que esse debate faz parte de uma longa e ampla linha de estudos, na qual se

feministas e de gênero e têm se mostrado como crescente foco de atenção da produção acadêmica de estudos que abordam as relações entre corpo, corporalidade e gênero, orientados pelas mais diversas abordagens.

A ausência do tema corpo na agenda de debates feministas realizados em determinado período de tempo motivou críticas de algumas autoras, como Elisabeth Grosz e Rosi Braidoti:

O corpo continua a ser um ponto cego conceitual, tanto no pensamento filosófico ocidental dominante quanto na teoria feminista contemporânea. O feminismo adotou acriticamente muitas das suposições filosóficas em relação ao papel do corpo na vida social, política, cultural, psíquica e sexual e, pelo menos neste sentido, pode ser visto como cúmplice da misoginia que caracteriza a razão ocidental. (GROSZ, 2000, p. 47).

Em muitos aspectos, o corpo é o continente negro do pensamento feminista; a primitiva teoria feminista radical herdou do marxismo uma distinção perfeitamente binária entre o "biológico" e o "social", modelada segundo as linhas da distinção "privado" e "público". A idéia da construção social de gênero dominava a abordagem de questões relacionadas à biologia ou ao corpo, que eram na maior parte das vezes lidas como signo e lugar de opressão. As feministas invocavam a "história" e o condicionamento social para explicar as representações e as imagens ligadas à realidade

corpórea da mulher. A ênfase foi mudada, entretanto, pelo pensamento e pela prática da diferença sexual. (BRAIDOTI, 1997 p. 132).

Na seqüência das críticas a essa ausência, Braidoti reivindica que se rearticule o feminino à realidade corporal, mas desviando-se dos determinismos e da idéia de essências a-históricas, “a sexualização e a corporificação do sujeito são as noções principais do que eu chamaria ‘epistemologia feminista’, por fornecerem as ferramentas conceituais e as percepções específicas de gênero que governam a produção do pensamento feminista.” (BRAIDOTI, 1997 p. 124). Grosz (2000) argumenta que retomar a categoria corpo em uma perspectiva feminista, passa por desvinculá-la de “apropriações biológicas e pseudo-naturalista a que o corpo foi historicamente submetido”. Ela propõe que se retome a discussão da categoria corpo de uma maneira que supere a crítica feita por Foucault (2006)⁷² ao temor que nossa sociedade teria do burburinho e da desordem dos *acontecimentos* discursi-

⁷² Foucault (2006), p. 50) escreve: “Ora, parece-me que sob esta aparente veneração do discurso, sob esta aparente logofilia, esconde-se uma espécie de temor. Tudo se passa como se os interditos, as barragens, as entradas e os limites do discurso tivessem sido dispostos de maneira a que, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso seja dominada, de maneira a que a sua riqueza seja alijada da sua parte mais perigosa e que a sua desordem seja organizada segundo figuras que esquivam aquilo que é mais incontrolável; tudo se passa como se se tivesse mesmo querido apagar as marcas da sua irrupção nos jogos do pensamento e da língua. Há sem dúvida na nossa sociedade, e imagino que em todas as outras, com base em perfis e decomposições diferentes, uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo por esses acontecimentos, por essa massa de coisas ditas, pelo surgimento de todos esses enunciados, por tudo o que neles pode haver de violento, de descontínuo, de batalhador, de desordem também e de perigoso, por esse burburinho incessante e desordenado do discurso.”

vos e é justamente nos acontecimentos⁷³ discursivos que propõe que se conduzam os estudos.

O corpo deve ser compreendido por via de uma série de discursos disparatados e não simplesmente restrito aos modos de explicação naturalistas e científicos. Há outras maneiras pelas quais as diferenças corporais sexualmente específicas podem ser compreendidas, diferentes daquelas desenvolvidas em contextos de representação mais convencionais e científicos. Dado o investimento em restringir ou conter os estudos do corpo no âmbito das ciências da vida e das ciências biológicas e de desqualificar todos os traços de corporalidade que apareçam alhures (isto é, nas atividades epistêmicas, artísticas, sociais e culturais – o restante da vida fora da esfera da simples biologia), desenvolver análises alternativas do corpo pode causar comoção na estrutura dos saberes existentes, sem mencionar as que pode causar nas relações de poder que ordenam as interações

⁷³ A idéia de acontecimento orienta a análise no sentido das relações de poder em detrimento às de sentido, “seria o lugar do irracional, do impensável, daquilo que não entra e não pode entrar na mecânica e no jogo da análise (na forma que tomaram no interior do estruturalismo). [...] Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas.” (Foucault, 2004 p. 4-5).

entre os dois sexos. (Grosz, 2000 p. 80, grifo nosso).

Foi lá mesmo, no burburinho dos discursos disparatados que fui desenvolver os meus estudos, tomando a menstruação como um recorte para refletir sobre a materialidade de corpo em uma perspectiva de gênero, embrenhei-me pela fluída fonte constituída pelas postagens nas comunidades do Orkut.

Esse burburinho se revelou um *corpus* extenso e desafiador que me impôs muitas questões sobre como construir a análise. Orientei-me pela intenção de trabalhar com uma perspectiva arqueo/genealógica para mergulhar nesse mar de falas. De acordo com Foucault (2005, p.16), arqueologia e genealogia podem compor um projeto conjunto, conforme o qual “ arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes desassujeitados que daí se desprendem.”

As postagens sobre menstruação observadas indicaram que a menstruação é uma experiência particular para cada uma e cada um, algo com o que se aprende a viver e lidar a partir de um complexo jogo de informações e observações, no qual se cruzam referências de mitos e credices, de familiares, de outras mulheres, das mídias, da biomedicina.

As postagens sobre menstruação no Orkut tratam de temas tão diversos como o receio de lavar o cabelo durante o período de

fluxo menstrual até a manipulação tecnológica do corpo que suprime os sangramentos mensais. Contudo, a riqueza dessas falas não se resume à diversidade de temas que abordam, um dos seus aspectos mais importantes reside nos *saberes sujeitos* que podem fazer emergir.

Conforme Foucault (2005), *saberes sujeitos* correspondem a dois blocos de conteúdos. Um composto por saberes mais eruditos, de conteúdos históricos, que foram mascarados em coerências funcionais ou sistematizações formais, são blocos de saberes presentes e disfarçados no interior de conjuntos funcionais e sistemáticos que a crítica pode fazer reaparecer. Mas, também, uma série de saberes que foram desqualificados

como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos. (FOUCAULT, 2005, p.12),

As postagens sobre menstruação nos fóruns do Orkut compõem debates e discussões acerca do menstruar. É difícil encontrar algum tópico onde se registre uma posição unívoca sobre o que está sendo discutido porque lá se fala sobre tudo o que se refere ao tema em outros locais e situações. Por estarem lá postados, naquele local e naquele contexto, são saberes que podem ser identificados com a concepção de *saber sujeito*, de Foucault (2005, p.12):

o "saber das pessoas" (e que não é de modo algum um saber comum, um bom senso, mas, ao contrário, um saber particular, um saber local, regional, um saber diferencial, incapaz de unanimidade e que deve sua força apenas à contundência que opõe a todos aqueles que o rodeiam).

Vejamos essas discussões sobre a crença de que lavar o cabelo durante a menstruação pode causar algum problema de saúde, observada no tópico “Lavar cabelo”, na comunidade “Eu tenho TPM”⁷⁴:

[Pati](#) Sabe que qdo costumo lavar no primeiro dia, sempre tenho cólicas fortes..não sei se é lenda ou não, mas evito lavar no primeiro dia.

[Cacau - OFF](#) Hum..Eu normalmente lavo independente do dia que mestruar e nunca reparei nada de mais nao!!

[Ana Rosa Moraes \(...\)](#) É piada, ã é??

[Lowrena](#) Confesso que fico com um certo nojo de lavar meus cabelos quando estou menstruada e também não tenho muita paciência,mas fazer o que né,não tem outra solução, tenho que lava-los,então faço isso sempre do terceiro dia em diante!

13/07/09

⁷⁴ Disponível em <http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=1315207&tid=5349067981368072192&kw=lavar+cabelo+menstrua%C3%A7%C3%A3o&na=4&nst=0&nid=1315207-5349067981368072192-534906798136807>. Acesso em: 01 jun. 2010.

[Ana](#) Não lavar cabelos e não tomar banho eram atitudes q nossas bisavós tomavam qdo menstruavam. Se eu não tomar aquele banho, principalmente qdo estou menstruada...me sinto podre

18/07/09

[Lu](#) Isso é uma lenda do tempo das nossas avós e até mesmo das nossas mães dependendo da idade, mas não tem absolutamente nada a ver..é realmente lenda que dizia que o sangue subiria pra cabeça ou coisa parecida!!! Siplesmente um absurdo!!!

Bjs

[Tamires](#) minha vó uma vez disse que faz mal , não acreditei , fui lá e lavei o cabelo, senti bastante cólica, mas foi só coincidência , porque minha cólica independe de lavar o cabelo ou não , ela sempre vem forte , não tem jeito .

[Liviane](#) meh... coisa de doido...minha avó e minha mãe falam isso desde que eu comecei a menstruar...

E desde o começo eu sempre achei isso absurdo... nao vejo fundamentação nessa afirmação.

Lavo quando necessario, coincidindo ou nao com os dias de menstruação...

Nesse tópico, Pati recorreu a uma comunidade do Orkut para conversar sobre suas dúvidas acerca de um hábito que man-

tém durante o período menstrual e que hoje é considerado superstição por muitas pessoas: não lavar a cabeça durante o fluxo menstrual. O tópico inaugurado por Pati indica que uma comunidade do Orkut pode ser considerada local para discussão e esclarecimento de dúvidas sobre o período menstrual, tanto quanto o consultório médico, a mídia ou qualquer outro dispositivo que tenha conseguido o *status* de fazer veicular verdades sobre o tema.

As falas que compõem a discussão apontam, por um lado, que a vivência do período menstrual mudou ao longo das gerações e que hábitos considerados fundamentais à manutenção da saúde por mães e avós são hoje considerados mitos, lendas, superstições. Mas, por outro lado, despertam curiosidade sobre essa prática sustentada por gerações de mulheres que precederam a que hoje se manifesta na comunidade do Orkut.

Inicialmente, fiquei espantada com a possibilidade de alguém ainda manter tal hábito na atualidade, mas, logo em seguida, questionei-me sobre o seu aparecimento e sobre o que sustentou sua prática por várias gerações.

Diversas fontes indicam que evitar lavar a cabeça ou “pegar friagem” (andando descalça ou com roupas leves) durante a menstruação figuram entre os principais *mitos menstruais*. Todavia, a pesquisa permitiu perceber essas crenças, que hoje parecem absurdas, deslocando-as do campo das credices e situando-as no campo da ciência. Isso aconteceu quando as associei à me-

dicina de Galeno e à fisiologia dos humores⁷⁵, campos de saber que fundamentaram a ciência médica desde a Antiguidade até a Idade Média. Olhar o hábito de evitar lavar a cabeça durante o período menstrual à luz do que Rasteiro (2000) denominou “doutrina dos quatro elementos”, enquadrá-lo em outro quadro lógico.

A “doutrina dos quatro elementos” combinava o sistema pensado por Empédocles de Agrigento de quatro princípios (água, ar, terra e fogo) e quatro qualidades (fria, quente, úmida e seca), que se opõem dois a dois, ao qual Hipócrates relacionou os humores (sangue, fleuma, bÍlis negra e atra-bÍlis ou bile amarela), com propriedades relacionadas a semelhantes e contrários, acrescentadas por Galeno. Conforme Rasteiro (2000), tal doutrina vigorou pelos dois mil anos que antecederam o conceito de elemento químico, elaborado por Robert Boyle, fundamentando a medicina no passado.

⁷⁵ A fisiologia dos humores ou “economia do fluídos fungÍveis” (LAQUEUR, 2001) é um entendimento que decorre da Teoria do Humores, elaborada por Hipócrates e perpetuada por Galeno, segundo a qual “O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra — esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. Pois é necessário que, quando um desses humores se separa e se desloca para adiante de seu lugar, não só este lugar donde se desloca adoeça, mas também o lugar no qual ele transborda, ultrapassando a medida, cause dor e sofrimento. E quando um desses humores flui para fora do corpo mais do que permite a sua superabundância, a evacuação causa sofrimento. Se, por outro lado, for feita a evacuação, a metástase e a separação dos outros humores dentro do corpo, é forçoso que isto cause, conforme o que já foi dito, um duplo sofrimento: no lugar do qual se deslocou e no lugar em que superabundou.” (CAIRUS, 1999, p. ??).

Com base nesse sistema, desenvolveram-se muitas práticas, precauções e cuidados de que deveriam se cercar as mulheres durante os períodos de fluxo menstrual, cujos resquícios persistem até hoje, embora desligados dos saberes que os originaram.

Com a doutrina dos quatro elementos, identifica-se a emergência⁷⁶ de um acontecimento discursivo que reverbera até a atualidade: *sangrar desintoxica o organismo*. A este acontecimento pode ser associado outro, que imprime conotação negativa, não especificamente ao menstruar, mas a qualquer sangue que flua da vagina. Se menstruar está associado ao processo de desintoxicação do organismo porque a fisiologia dos humores considera que qualquer sangue que flui para fora do corpo está carregado de impurezas e toxinas, logo o sangue *menstrual também é impuro, venenoso e/ou tóxico*.

Embora a idéia da impureza do sangue menstrual já estivesse presente antes em culturas tribais e no discurso religioso judaico-cristão (é mencionada na Bíblia, no livro Levítico), a associação entre temperatura/fluído/partes do corpo é característica do que Rasteiro (2000) chama de Doutrina dos quatro elementos.

⁷⁶ Saliento que, na perspectiva genealógica, *emergência* não se refere à origem, mas trata do jogo casual das dominações, estabelecimento de sistemas de submissão entre os saberes. (FOUCAULT, 2004).

A discussão das associações binárias entre fluídos corporais, frio/calor, feminino/masculino é desenvolvida por Françoise Héritier (1996) no contexto paradigmático da antropologia estrutural francesa.

As postagens observadas no Orkut remeteram a um recorte temporal amplo. Foi preciso considerar a medicina dos humores praticada na Grécia Antiga, um horizonte epistemológico baseado em uma fisiologia fluída e em corpos instáveis, que podiam facilmente se metamorfosear em outra coisa, e também na moderna biotecnologia da atualidade com seus corpos híbridos e corpos *cyborgs*. (HARAWAY, 1991) . Algumas vezes escapando para sociedades tribais cuja cultura pode até preceder a Antiguidade Clássica.

Foi nessa miríade de discursos cuja materialidade impacta, molda e atravessa outra materialidade, a dos corpos, aquela conforme a qual a plasticidade do biológico é constantemente trabalhada, que fui buscar *discutir as vontades de verdade* associadas à menstruação e as suas interfaces com corpo e gênero, bem como a historicidade dos discursos sobre a menstruação os relacionam com um biológico contingente.

Conforme Denise Bernuzzi de Sant'Anna (2000 p. 237), “da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea” o corpo é sucessivamente redescoberto:

As descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento

humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado! Cada tentativa feita para conhecer o funcionamento do corpo, incluindo os seus significados biológicos e culturais, é desencadeadora de esclarecimentos e de dúvidas inusitadas a seu respeito [...] este conhecimento não se restringe ao terreno da história, nem ao campo da medicina. Ele faz parte de todas as ciências e das artes. Por isso, torna-se arriscado, senão impossível, realizar uma história do corpo ou mesmo uma história das numerosas pesquisas realizadas a seu respeito.

Essas sucessivas redescobertas se fazem acompanhar por produções discursivas que envolvem questões diretamente relacionadas a gênero. Conforme Michelle Perrot (2003), apesar de se falar muito sobre os corpos das mulheres, incidem, pesam e se estendem sobre eles zonas de sombra e silêncio. Segundo a autora, apesar dos corpos femininos aparecerem em discursos que abrangem desde as artes até a ciência e terem sido alvo central de lutas públicas das mulheres, mesmo assim impressionantes silêncios ainda pesam sobre eles. Para a autora, esse silêncio vem de longa data, está inscrito na construção da diferença sexual e vem sendo reforçado pelo pensamento médico e político.

Conforme Perrot (2003, p. 13), ao aparecem mimetizados e reduzidos à impessoalidade e ao anonimato da função reproduti-

va, os corpos femininos permanecem opacos apesar de se falar muito sobre eles. Apoiada em elaborações teóricas sobre o discurso de Foucault, tomo a menstruação como recorte estratégico para discutir algumas dessas zonas de silêncio.

4.1 Menstruação - tema tabu: interdições externas dos discursos

Menstruação é um tema que permanece sendo um tema tabu. Mesmo depois de ter sido medicalizado e naturalizado ainda é um acontecimento cercado por uma aura de silêncio, vergonha e constrangimento. O trailer de um recente documentário chamado *The Moon Inside You*⁷⁷ (Fabianova, 2009) é ilustrativo desse tabu. As imagens iniciais, que podem ser acessadas na Internet⁷⁸, antes de exibirem a frase “uma viagem às raízes da feminilidade e da vida”, mostram homens espantados ao serem conclamados a falar sobre o assunto. Elas exibem uma entrevistadora que aborda homens que passam pelas ruas de uma cidade, interpelando-os com a pergunta “o que lhe vem em mente quando digo menstruação?”. Um deles, prestes a fugir correndo, diz: “simplesmente não posso pensar sobre isso, desculpa”, outro, com expressão facial que mistura espanto e contrariedade, balbucia algo como

⁷⁷ Apresentado em 2009, na televisão brasileira, com o título *Mulher em fases*

⁷⁸ <<http://www.mooninsideyou.com/>>

<<http://www.youtube.com/watch?v=b1aD4u3hUzE>, entre outros.

“menstruação? ...é isso mesmo?...será que estamos falando da mesma coisa?”.

No site do documentário, a diretora fala, ainda, que o filme é uma resposta frente ao incômodo que sentia por ser obrigada a manter silêncio sobre a menstruação. Fabianova diz que, por muito tempo, compreendia a menstruação como “coisa de mulher” e que em seu círculo de convivência o sangramento mensal era tratado segundo uma “etiqueta menstrual”, conforme a qual “os períodos” eram considerados vergonhosos, impróprios para a discussão pública e deviam ser escondidos, principalmente dos homens. Ainda assim ela se perguntava, “se 25% da população feminina está menstruando nesse exato momento (de modo discreto, invisível), por que essa função biológica normal é um tabu?”

Com base em Foucault (1996), para quem as sociedades têm procedimentos de produção, organização, controle, seleção e distribuição dos discursos, gostaria de mostrar como alguns discursos sobre menstruação estão atravessados por procedimentos de exclusão, internos e externos, que se relacionam com gênero. Como são muitos os regimes de enunciação que produzem silêncios sobre a menstruação, na impossibilidade de abranger todos, optei por primeiro *flanar sobre* os procedimentos que interditam os discursos sobre menstruação desde o seu exterior para, depois, aprofundar a análise nos que os interditam desde dentro.

Foucault (1996) menciona procedimentos que interditam o discurso desde o seu exterior, segundo os quais o direito de dizer qualquer coisa que se tem vontade está limitado pelos temas, pelas circunstâncias e pelos interlocutores:

Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. (Foucault, 2006).

Priore (1999, p.9) indica como pode dar-se essa partilha quando se trata de falar sobre corpos de mulheres, “já se disse que na sociedade ocidental existem temas e assuntos sobre os quais só falamos sussurrando. Em voz baixa. É de bom tom usarem-se metáforas quando se trata de moléstias, mênstruos, deflo-rações e deformações.”

Quando o sangue que circula no interior do corpo humano transborda as fronteiras do corpo, ele pode vir a mudar de nome. Conforme a forma como escape e em que situações venha para fora poderá receber esta ou aquela nomeação.

O sangue que a cada mês cruza o “orifício/fronteira” (DOUGLAS, 1966, p.90) recebe o nome de menstruação. Esse é um nome difícil de ser dito com naturalidade, fora da esfera dos discursos biomédicos. Para substituí-lo são inventados muitos outros nomes. Os diferentes nomes dados à menstruação são tópicos de discussão, tanto nas comunidades que trazem o termo

no título quanto em outras que não fazem referência direta a ele. Na comunidade *Eu amo meu namorado* encontrei o tópico *Eufemismos pra menstruação*:

em função do topico da **menstruação** me veio uma curiosidade: quais as expressões, das bizzarras as mais comuns, q vcs usam pra flar q estão menstruadas??? [sic].

Esse tópico recebeu várias respostas, que reproduzo a seguir: “to de chuva”, “to de Chico”, “impossibilitada”, “to de boi”, “não to nos meus melhores dias”, “to fechada pra balanço”, “sol-tando tinta”, “de fraudinha” [sic], “interditada”, “vieram me visitar”, “to de bode”, “sinal vermelho”, “to de Pampers”⁷⁹, “to nos dias vermelhos”, “to contundida”, “to de saquinho”, “tá chovendo”, “o morcego vai me visitar”, “monstruada”.

Falar sobre menstruação, lançando mão de figuras de linguagem, é algo que ocorre com frequência na convivência cotidiana e nos fóruns de discussão do Orkut. Lá encontrei vários tópicos que se referem ao sangramento mensal sem dizer seu nome. *Quantos anos você tinha quando o Chico bateu a sua porta?*, Perguntava um tópico sobre a idade da primeira menstruação. Além destes, outros tópicos, dispersos em diferentes comunidades, discutem os muitos nomes atribuídos à menstruação.

⁷⁹ Pampers é uma marca de fralda descartável.

O tópico Chico, postado por um homem que tem esse apelido, dá início a uma dessas discussões:

Como é? Estou de Chico?
Explica isso direito
:)
Isso tem alguma coisa a ver comigo ou realmente existe essa expressão?

Este tópico recebe 12 respostas e, ao longo do fio topical, outras metáforas para denominar menstruação são citadas: “paquete”, “estou nos meus dias”, “estou naqueles dias”, “tia de Lagoa Vermelha”⁸⁰, “chovendo no laguinho”, “visita periódica do Francisco”, “ter a sogra”, “a visita”, “la Pepa”, “Estar com a Lúa”, “ter a lua”, “dias de mulher”, “boi”, “estar na lua nova”, “tempo da lua”.

O uso de metáforas para substituir o termo menstruação também é mencionado em estudos acadêmicos. De Fáveri e Venson (2008) dizem que os discursos sobre menstruação podem organizar-se em torno de práticas de segredo. Essas práticas que procuram o segredo⁸¹ se apresentam marcadas pelo que Foucault (1998, p. 23-24) chama como uma economia restritiva que define situações, locutores, relações e que envolve tato e discrição ao

⁸⁰ No tópico, a autora explica que Lagoa Vermelha é o nome de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul.

⁸¹ Expressão utilizada em analogia a Foucault (1998, p. 9): “As práticas não procuravam segredo; as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce.”

falar da qual faz parte uma retórica da alusão e da metáfora que filtra as palavras. Conforme as autoras, embora não seja possível dizer que é um fenômeno universal, grande parte do ocidente se utiliza de códigos quando a questão é a menstruação:

na língua inglesa, é coloquialmente usada a designação *period* (período), mas também a palavra *curse* (maldição). Também são usadas as expressões *it is that time of the month* (é aquele tempo do mês); *I am on the rag*, que significa “estou no pano” [...]; *I am riding the red tide* (estou no período vermelho); *I'm on the red flag* (estou de bandeira vermelha); *up on blocks*, expressão usada para descrever a situação de um carro parado, talvez em conserto, sem as quatro rodas e sustentado por blocos ou tijolos [...]. É como dizer que você está “fora de uso”. Na língua alemã, são usadas as expressões *ich bin auf der roten welle* (estou na onda vermelha), *ich habe meine tage* (estou tendo meus dias), *ich habe die Regel* (estou nas minhas regras), *die monatliche sache* (coisa mensal). As espanholas, quando menstruam, usam o mesmo termo dito em caso de doença: *estoy mala*. Para diferenciar as ocasiões, elas esclarecem: *estoy mala, cosas de mujeres*. E, então, segundo elas, todos entendem. Na Argentina, as mulheres dizem que estão *indispuestas* (indispostas), termo somente usado nessa situação. As italianas dizem que estão *in quei giorni* (naqueles dias), ou *indisposta*. (DE FAVERI; VENSON, 2008, p. 67).

Na pesquisa que realizaram, as autoras se depararam com interlocutoras que não se mostraram muito dispostas a falar sobre

o assunto e quando falavam, mesmo estando apenas entre mulheres, utilizavam uma “maneira segredada e codificada de falar”, valendo-se de metáforas pronunciadas em baixo tom de voz para referir-se a menstruação: “*o chico*”, “*o boi*”, “*tá com a boiada*”, “*ficou mocinha*”, “*assistida*”, “*está assistindo*”, “*tava naqueles dias*”, “*regra*”, “*bandeira vermelha*”, “*o mês*”, “*veio hoje*”, “*eu vim*”, “*vieni oggi*”, “*sono cosi*”⁸² entre outras.

Outro exemplo da utilização de metáforas para falar sobre menstruação é descrição da comunidade “Eu fico é de Moranguinho”.



⁸² “Do dialeto italiano falado no sul catarinense, *vieni oggi*, que significa “veio hoje”, e *sono cosi*, que significa “estou assim”.” (DE FAVERI et al., 2007, p. 59)

A explicação da dona da comunidade, autora da metáfora “eu fico é de moranguinho”, é alusiva ao fato de que em certos contextos da vida cotidiana o termo menstruação pode ser de difícil materialização discursiva. Fora dos discursos biomédicos, carrega consigo o estigma da abjeção, da impropriedade e pede para ser deslocado, disfarçado, é compreendido como sujo, indiscreto, escandaloso, bruto, fica melhor se for substituído por outro “mais meigo, fofo e discreto”.

É preciso estar atenta ao uso de metáforas, sua utilização não é neutra, mas traz consigo uma série de implicações socioculturais e, conforme Dépêche (2007), uma metáfora não é apenas uma metáfora, assim como para Gauthier (2004, p. 133) “a metáfora traz tensões num mundo que se apresentava como pacífico, desproblematizado.”

Tema tabu a menstruação está atravessada por esses interditos, eles se relacionam com “uma espécie de vergonha secreta e desconfortável” que se associa ao estar menstruada e que não se sabe ao certo de onde vem. Esse sentimento é mencionado por Lara Owen (1994, p. 25):

[...] meus períodos menstruais eram algo que deveria ser mantido escondido de meu pai e meus irmãos. Se tivesse que mencioná-los teria de usar um tom de voz abafado e falar com minha mãe quando estivéssemos sozinhas [...] sempre existiu aquela vergonha no fundo dos meus pensamentos, e ela contaminou todo o meu relacionamento com o mundo exterior.

O constrangimento é compartilhado por muitas mulheres, mesmo por expoentes feministas. Ele é mencionado por Steinem (1997, p. 416, grifo nosso):

[...] ao ouvir recentemente uma mulher descrever a chegada inesperada de sua menstruação (uma mancha vermelha se espalhou em seu vestido enquanto ela discutia, inflamada, num palco) **eu ainda ranjo os dentes de constrangimento**. Isto é, até ela explicar que quando foi informada aos sussurros deste acontecimento óbvio, ela dissera a uma platéia 100% masculina: "Vocês deveriam estar orgulhosos de ter uma mulher menstruada em seu palco. É provavelmente a primeira coisa real que acontece com vocês em muitos anos!" Risos. Alívio. Ela transformara o negativo em positivo.

Fiz uma busca no Orkut, usando as palavras menstruação e vergonha. Existiam mais de mil tópicos (a partir de mil resultados o mecanismo de buscas da rede social para de contar) associando menstruação e vergonha, em várias situações, quando o fluxo vem pela primeira vez e é preciso contar para alguém, quando o sangue mancha a roupa e aparece em público, entre outras.

A vergonha faz da menstruação tema para ser tratado só com algumas pessoas, conforme o caso, pode ser algo a ser falado entre mulheres, assim como pode ser o que tem que ser es-

condido até mesmo de outras mulheres. Procurei analisar essas situações na perspectiva das reflexões de Foucault (1998, p. 34):

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos.

Um dos momentos em que a relação entre vergonha e falar sobre menstruação pode se apresentar bem estreita é a primeira menstruação. Enquanto algumas anseiam por ela e ficam felizes com a sua chegada, outras experimentam negativamente esse momento. Denominada de *menarca* nos discursos biomédicos, o primeiro sangramento, considerado um marco no desenvolvimento orgânico e relacionado à maturação sexual feminina, costuma estar associado ao *tornar-se mulher*. O *primeiro sangue*, muitas vezes, vem acompanhado de vergonha e dificuldade de falar sobre o assunto. A sequência de tópicos que responde ao “*como que você contou pra sua mãe, pai, amiga?*” que está no Fórum da comunidade *Menstruar é uma merda*, ilustra a vergonha e a dificuldade de falar de que, às vezes, a primeira menstruação vem acompanhada:

Anônimo19/09/07: ~> como que você contou pra sua mãe,pai,amiga?conta ai pra gente pq eu quase morri quando contei pra minha mãe!
[?]

Anônimo 21/09/07: eu passei uns dias pra ter corangem(sic) de contar pra minha mãe 🤔 foi horrivel, alzf

04/10/07: eu nem fiquei com vergonha nem nervosa pq eu num sinto emoções =/ hehe eh serio .-

30/04/08: como eu estava na praia com minha vó tive q contar pra ela e pra minha tia minha mãe só ficou sabendo depois q eu fui embora

19/01/2009: eo fikei kun vergonha di fla pra minha mae kuando eo falei ela flow pro meu pai dai ela falow pro resto da família

É curioso observar como a vergonha de falar sobre menstruação, até mesmo com outras mulheres da família, parece ser suspensão nos fóruns das comunidades do Orkut, onde muito se

fala desse tema, ainda que, algumas vezes, sob a proteção de postagem anônima. A fala que segue é representativa dessa situação:

Vou entrar em depressão: “(: Eu tenhoo 12 anos :(ai ontem na aula eu senti uma coisa saindo parecia xixi, ai eu fui no banheiro e era uma coisa escura. achei que fosse um xixi descuidado que saiu e a cor da calça (azul marinho) misturou e deu aquilo. ai eu ja tava com muita dor na barriga. a noite tava doendo e minha mae disse: sera que voce vai ficar mocinha? eu morri de vergonha :(ai de manha ela viu minha bunda suja e disse: sera que ficou mocinha? eu MORRO de vergonha de falar ate sobre sutia com ela, ai inventei que sentei num negocio sujo. mas ai hoje o dia todo ficou saindo, eu morro de vergonha de falar E NAO VOU FALAR sobre isso com ela sempre que ela vinha falar eu respondia: menstruaçao? o que é isso? eu to chorando muito porque inves de absorvente to usando papel higienico! (...) o que eu faço? eu roubei um absorvente dela! espero que nao seja nada, espero que eu tenha ate infeccao mas NAO POSSO TER MENSTRUADO 🤔 (Anônimo, 06/05/08 in MEUM)”

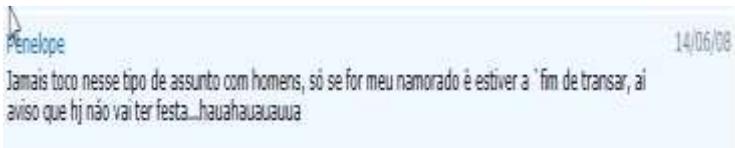
O anonimato, uma condição disponibilizada pela estrutura de alguns fóruns, parece possibilitar que se suspenda *online* o interdito sobre o que não se pode falar *offline*. Lá é possível *falar*

sobre o próprio silêncio. Embora algumas (poucas) vezes, essa situação seja questionada pelas participantes.



Em certas situações a interdição é suspensa entre mulheres, mas o assunto permanece interdito para os homens. Na comunidade “Elas perguntam Eles respondem” Fake⁸³, na qual homens respondem dúvidas de mulheres, encontrei uma longa discussão com dezenas de tópicos discutindo a pergunta: “Pq homens ã gostam qd mulher diz q tá menstruada?”.

Alguns tópicos, postados por mulheres, reforçam que não há necessidade de falar sobre menstruação com homens, a menos que uma relação sexual esteja em eminência de acontecer:



Em outros tópicos, observa-se que o falar sobre a menstruação sofre uma partilha que o coloca como tema de *conversas entre mulheres*. A participação de homens em comunidades sobre menstruação do Orkut é mínima e predomina em três situações específicas: postagens de tom jocoso e debochado, tópicos que ficam sem resposta e as postagens sobre sexualidade (que são observadas, em sua maioria, em comunidades que não discutem especificamente menstruação, como a “Eles perguntam, elas respondem”).

A predominância de mulheres nas comunidades sobre menstruação é notória entre os participantes e, às vezes, questionada. Na comunidade MEUM (16/03/08) eu...: “eu sou o unico homem na comu??? se for é um coisa muito bacana =D”:



O tópico postado por *Ma...Lucas* não teve nenhuma resposta, mas este outro, postado na comunidade Menstruar é uma merda “*Pq 99% dos participantes desssa comu é mulher?????-Que dúvida...*”. Recebe 22 respostas, a maioria delas dizendo que é porque homem não fica menstruado. E a proprietária responde: “*Homem não é proibido aqui, mas eu também não esperava...*”

Como são os homens que costumam postar tópicos fazendo brincadeiras de mau gosto e deboches, na comunidade MEUM, as brincadeiras consideradas de mau gosto são logo atribuídas a eles, não são bem aceitas, sofrem revides e desencadeiam *flame wars*. Embora a postagem que tenha dado origem a guerra tenha sido apagada, selecionei este tópico, pois é um exemplo de tópico que responde a piadas de mau gosto⁸⁴ :

⁸⁴ Nesse mesmo tópico se seguem oito respostas semelhantes, postadas por participantes diferentes.

Camila 4 Bahia 23/09/08
 Ha-ha-ha. Como você é engraçado, anônimo. Se eu não me engano, tem dois homens nessa comunidade. Qual será o idiota que escreveu isto? Eu nem vou apagar este tópico ridículo, que é para dar a chance de vocês, meninas, deixarem aqui um recado para o nosso colega imbecil, dizendo o que vocês acham deste tipo de piada e das pessoas que fazem essas brincadeiras.
 Eu acho esta piada pouco original, sem graça e de mal gosto. É uma agressão gratuita. Acho que o imbecil que deixou este recado tanto aqui tem problemas com mulheres. Ou é bixa (quero esclarecer que não tenho problemas com homossexuais, mas com homossexuais ignorantes sim), ou não suporta que uma mulher seja mais inteligente (o que não deve ser difícil, de acordo com a qualidade da piada).

Camila 4 Bahia 23/09/08
 Ah, seu ridículo. Burro é você. A frase correta seria "Sabe porque mulher menstrua?" E o "porque" da segunda frase também não tem acento, idiota.

NININH L3PH 24/09/08
Tapado mesmo hein!!!!
 Padinha retardada, totalmente sem noção...
 E se isso fosse verdade? Agora tento imaginar... O q come na veia dos homens??? (isto é, se come alguma coisa)
 Estes, não felizes por serem desprovidos de massa cefálica, entram na conta para tentar nos ofender e fracassam, pois claramente se vê q são inferiores as mulheres.
 ...Principalmente um machista, mongolóide como você!!!!
 Que fala besteira, escreve errado e ainda não tem coragem de mostrar a cara, raris
 Meninas, vamos falar tbm... "malhar judas"!!!

Danny 30/09/08
Seu idiota
 Mostra a cara já que vc é tão macho assim, é nós que somos burras né, vcs que são uns ignorantes e vem falar merda... mostre a cara aí num mostra pq sabe que tá errado né seu lesado...nem sabe escrever ainda por cima, primeiro vc procura ver os seus erros e depois vc vem falar dos outros pq o único burro que tem aqui é vc tá seu trouxa...

Algumas respostas ao tópico **SABEM POR QUÊ MULHER MENSTRUA?** postado anonimamente na comunidade *Menstruar é uma merda*.

É possível observar situações em que homens explicitam que não desejam falar sobre menstruação:



Menstruar é uma merda!
 (7.314 membros)

SABEM POR QUÊ MULHER MEI
 Início > Comunidades > Outros > Menstruar é uma merda

mostrando **11-11** de **11**



Phillipênis
 uHAUhUAUhAijIAkoAOKOApIAPLpLA
 só entrei para rir msm
 aUHAUhahuhAUHau²
 bye =*

xD

No fórum da comunidade *O Ciclo Menstrual* encontrei um diálogo entre alguém que se apresenta como homem, a proprietária

ria e uma das participantes da comunidade que se estende por onze postagens, escritas ao longo de dois dias, e pode ser considerado raro nos fóruns observados. Reproduzo alguns trechos, importantes para a análise:

sou homem e tenho uma curiosidade: menstruar dói ? (28/03/2005) [...] se menstruar não dói, qual seria o motivo da TPM (uma razão mais específica)? e quanto tempo após a cólica acontece a menstruação? (28/03/2005) e eu tenho outra curiosidade...você mulheres se sentem inferiores aos homens pelo fato de vocês menstruarem (perderem sangue), terem cólicas (algumas), terem TPM (algumas)... e ainda por cima sofrendo tanto a vida toda (com essa perda de sangue) serem mais fracas fisicamente???

e outra ...ver seu próprio sangue em um quantidade consideravel todo mês não é meio, tipo, estranho ou sendo mais específico ... aterrador ??? (28/03/2005) tenho mais 2 ultimas perguntas ... 1)quando a mulher está prestes a menstruar ela não sente 'nada' ? tipo nenhuma necessidade como se quisse fazer 'xixi' ou algo do sentido? 2)"A menstruação é um momento de introspecção" eu li essa frase umas 10 vezes nos tópicos dessa comunidade, você poderia ser mais específica em relação a palavra "introspecção" ? Desde já eu agradeço a beça por todas as explicações dadas (coisas que eu NUNCA teria coragem de perguntar nem para minha mãe) e outra **o motivo deu não me identificar nessa comunidade é infelizmente os tabus dessa sociedade machista, pois eu tenho uma vizinha (quase namorada) que faz parte dessa comuni-**

dade ... eu não sei qual seria a minha reação caso ela descobrisse ... Desculpe, mas é difícil para mim até de assumir isso (o fato de eu estar fazendo essas perguntas)
...

Desculpe e Obrigado ao mesmo tempo ...
(29/03/05)

A frequência e o tipo de participação de homens nas comunidades sobre menstruação me levam a pensar que talvez as redes sociais digitais tenham possibilitado a digitalização e dado visibilidade a diálogos já travados nos fóruns em privado em *redes de solidariedade entre mulheres*.⁸⁵

Foucault também menciona o *comentário*, a *função autor* e as *disciplinas* como três procedimentos internos de controle dos discursos, segundo os quais, os próprios discursos exercem controle sobre si mesmos, lançando mão de classificações, ordenamentos, distribuições que tendem a dominar as dimensões do discurso, relacionadas com o acaso e com o acontecimento. Entre esses, no que diz respeito ao tema menstruação, destaco o princípio das disciplinas⁸⁶ como um dos mais importantes na constru-

⁸⁵ As relações de solidariedade, uma das características de agrupamentos comunitários, são outro ponto que foi observado nessas comunidades. É comum tópicos com pedidos de ajuda, cujos títulos trazem expressões como “Me ajudem!” ou semelhantes, referindo-se as mais diversas situações, como consultas sobre risco de engravidar, métodos contraceptivos, assuntos que tem vergonha de perguntar a familiares e médicos e frases como “espero que vocês me ajudem”, “espero ter ajudado” são recorrentes na redação dos tópicos.

⁸⁶ Conforme o autor, uma disciplina compreende um determinado domínio de objetos, conjunto de métodos, corpo de proposições consideradas verdadeiras, jogo de regras e

ção dos discursos acerca do tema, bem como na limitação desses discursos. Ele se refere ao que está posto *a priori*, que permite a construção de enunciados em “um certo horizonte teórico” dentro do qual os enunciados podem se inscrever, que desenha as margens dentro das quais uma determinada proposição será considerada verdadeira ou falsa. Para Foucault (2006), “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Fixa-lhe limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reactualização permanente das regras.”

Na perspectiva das disciplinas, a menstruação é tema recorrente na biomedicina e na antropologia, aparecendo, ainda, muitas vezes, sob o recorte do binômio natureza/cultura e sempre implicada com o recorte de gênero.

4.2 O princípio das disciplinas: interdições internas aos discursos sobre menstruação

Pode-se dizer que, no ocidente, a associação entre menstruação e feminino adquiriu contornos diferenciados com a ascensão do modelo de dois sexos que preconiza a incomensurabilidade

de definições, de técnicas e de instrumentos que constituem uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quiser ou puder servir-se dele. O princípio das disciplinas tem relação com um *a priori* que estará estabelecido e a partir do qual será possível construir enunciados novos. Uma disciplina “não é a soma de tudo aquilo que pode ser dito de verdadeiro a propósito de qualquer coisa”, mas as proposições que se referem a ela se dirigem a um plano de objetos e devem utilizar-se de instrumentos conceptuais ou técnicas de um tipo definido e referir-se aos modelos explicativos suportados no interior do campo disciplinar que circunscreve “um certo horizonte teórico”.

de entre os sexos. Esse modelo instaura um recorte disciplinar diferente do que estava estabelecido pelo modelo de sexo único e a partir dele se inicia um trabalho para identificar diferenças corporais como aspectos *essenciais* que pertencem a eles e a elas. Conforme Laqueur (2001, p. 8):

[...] uma anatomia e fisiologia da incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher em relação ao homem” e “processos fisiológicos” – menstruação e lactação -, que eram vistos como parte de uma organização comum de fluídos, passaram a ser considerados específicos da mulher.

Esse processo de estabelecer especificidades acaba por transformar a mulher na metonímia do útero. A máxima “Tota mulier in útero”, ideia lançada por Aristóteles, sustentada por Hipócrates e transformada em adágio escolástico, vincula-se ao entendimento de que *as mulheres são específicas, particulares, diferentes, enquanto os homens encarnam a espécie, a universalidade*. Conforme Vidal (2005), o axioma *propter solum uterum mulier est is quid est (a mulher só é o que é pelo útero)* invade os tratados de ginecologia do século XIX (aparecendo ainda no século XX)⁸⁷ e traz consigo uma perspectiva particular como sa-

⁸⁷ Será modificado para *propter solum ovarium mulier est is quid est (a mulher só é o que é pelos ovários)* quando a importância dos ovários na concepção foi descoberta.

ber/poder que incide sobre os corpos femininos e sobre os papéis e condutas das mulheres.

O útero só é objeto de interesse no que se refere à reprodução, sendo a menstruação o sinal de quando essa capacidade se inicia e cessa. Conforme Priore (1997, p. 84), o conhecimento feminino médico sobre o corpo feminino se voltava para a reprodução, o estatuto biológico da mulher (parir e procriar) estava ligado a outro moral e metafísico, conforme o qual a mulher deveria ser mãe, submissa, frágil e se contrariasse a função reprodutiva seu útero a encerraria em uma cadeia de enfermidades.

Essa concepção mostra o caráter *disciplinar* da medicina da época, segundo a qual os corpos indisciplinados atraíam sobre si uma série de doenças individuais e, por isso, deveriam ser controlados por intermédio de intervenções médicas. Nesse contexto, ser mãe era norma disciplinar e menstruar, evidência que ajudava a manter o controle sobre a reprodução feminina. (FOUCAULT, 2005).

Segundo Priore (1997), nesse contexto, o sangue mensal era visto como mecanismo de depuração e a regularidade menstrual estava ligada ao equilíbrio físico. A autora ressalta, ainda, a crença vigente à época de que o útero produzia vários excretos, sendo o sangue catamenial o mais poderoso entre eles.

Associada à natureza feminina e à reprodução, em contextos sociais em que se esperava que as mulheres desempenhassem o papel de mães, a menstruação foi considerada sinônimo de

feminilidade e termômetro da saúde da mulher⁸⁸. Conforme Manica (2004, p. 24), “a universalidade dos sangramentos menstruais e a sua associação com a capacidade reprodutiva da mulher colaboraram na atribuição de um sentido natural à menstruação.” A idéia de que a menstruação faz parte da natureza das mulheres circulou tranquilamente no conhecimento biomédico até que tenha sido posta em xeque pelos discursos pró supressão menstrual.

Diferente da biomedicina, que busca elaborar um modelo único que seja o mais geral e universal possível, a antropologia, impulsionada pelo foco nos estudos de parentesco, é um campo de conhecimento que tem apresentado a diversidade de modelos de biologia reprodutiva os quais existem nas diferentes culturas e sociedades. Vários estudos antropológicos têm explicado diferentes concepções nativas desses modelos e, conseqüentemente, acabam abordando, também, as percepções acerca do sangue menstrual e da relação dele com a reprodução.

Os gregos Aristóteles e Galeno defendiam que a menstruação cessava durante a gestação porque o sangue era aproveitado

⁸⁸ Lembro de um dia no consultório do ginecologista, quando ele me pediu licença para interromper a consulta e atender uma ligação. Quando desligou o telefone, ele me disse: “aqui é assim o dia inteiro, sangue que vem, sangue que não vem”. A lembrança daquele dia indica a importância que a menstruação ainda tem para a clínica ginecológica, que estabeleceu uma série de padrões de normalidade para classificar o volume do fluxo, sua regularidade e o número de dias pelos quais perdura, características que são consideradas indicativos de como está ocorrendo o ciclo ovariano e de que efeitos esse ciclo produz sobre a mucosa endometrial.

como matéria para a geração, durante a amamentação o sangramento não ocorria porque o sangue não sobrava, já que se transformava em leite.

Observando os diferentes modelos de biologia reprodutiva, identificam-se semelhanças entre as explicações de sociedades distantes no tempo e no espaço. Tanto os Dobu estudados por Malinowsky como os gregos antigos acreditavam que a menstruação cessava durante a gestação porque o sangue coagulava e servia de matéria constituinte do corpo do bebê. A aproximação dessas explicações indica que qualquer modelo que se elabore é uma interpretação que pode fazer sentido se colocada em um cenário que o faça parecer verdadeiro.

Apesar da riqueza oferecida pela diversidade de *folk models* oferecidos pela antropologia, esses modelos geralmente ficam relegados ao distante e ao estranho, e não são tomados como contribuição para pensar a menstruação. Assim, ao longo da história, a menstruação foi sendo naturalizada, medicalizada e transformada em “coisa de mulher”, sentido em que é entendida atualmente. Na comunidade *Elas perguntam, Eles respondem* observei a seguinte postagem⁸⁹:

Coisa de homem e coisa de mulher: Nestes tempos onde os cultos e inteligentes cha-

89

<<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=55982&tid=2512361602501157846&kw=menstrua%C3%A7%C3%A3o+%22coisa+de+mulher%22>>.

mam de globalizados, será que ainda existe alguma coisa que podemos dizer que é "coisa de homem" e/ou "coisa de mulher".(não me refiro a beleza).

Não são necessárias mais do que três postagens para, ainda no mesmo dia, surgir a seguinte resposta:

Menstruação: é coisa de mulher! Parir é coisa de mulher! Agora, as coisas de homem.....são todas aquelas que, por acaso, a maioria das mulheres não querem. Elas usam até cuecas....nem vou falar nas profissões. Então, pouco nos restou.

Dizer que “menstruação é coisa de mulher” tem como um de seus efeitos a inscrição do sangramento em uma partilha específica, a da diferenciação ontológica e da diferença sexual⁹⁰. Apesar dos significados e interpretações atribuídos ao fluxo menstrual divergirem em distintas culturas e ao longo das épocas, mesmo além das fronteiras da biomedicina há forte tendência de identificá-lo com um *feminino universal*. Tanto que a antropóloga estruturalista Françoise Héritier o incluiu entre os *dados de base* que determinam o que ela chama de *valência diferencial* entre masculino e feminino.

Conforme Héritier (2004 p. 18), “Uns tem pênis e produzem esperma, outras têm seio e uma vagina, produzem leite e perdem sangue. É sobre essa primeira grande constatação, uma

⁹⁰ A construção da diferença sexual se identifica à concepção de homem (o masculino), como um padrão fixo e estável, do qual a mulher (o feminino) difere.

constatação trivial, que se constrói uma oposição fundamental que estrutura o pensamento, aquela que opõe o idêntico ao diferente”. Mas a colocação de Hérítier está atravessada por uma concepção específica de corpo, o modelo de dois sexos, já que, como mostrou Laqueur (2001), no modelo de sexo único e na fisiologia dos fluídos fungíveis, sangue, leite e esperma eram vistos segundo uma organização comum de fluídos.

Diferente de Hérítier, Laqueur (2001) argumenta que a construção de masculino e feminino como dois sexos incomensuráveis é resultado de práticas discursivas que só se tornam possíveis dentro de realidades sociais às quais estas práticas dão sentidos. Com base neste autor, é possível discutir menstruação, não como *coisa de mulher*, mas como sangramento que foi, ao longo da história da cultura ocidental, sendo fortemente associado ao feminino sob certas condições.

Apesar de associada à feminilidade, a menstruação nem sempre foi interpretada como *marca do feminino* nem como parte da *natureza* das mulheres. Segundo Laqueur (2003), foi só no final do século XVIII que a menstruação começou a ser considerada pelas ciências como uma função fisiológica exclusiva do corpo das mulheres (uma das que foi usada para promover discriminação com base no sexo). Antes disso, ela era algo que os corpos em geral tinham, e não uma peculiaridade da anatomia feminina, naquela época.

Se analisarmos o “horizonte teórico” da medicina de Galeno, veremos que conforme a fisiologia dos humores e no contexto do modelo de corpo unissex⁹¹ (modelo explicativo hegemônico antes do século XVIII), menstruação e sangramento hemorroidal eram considerados tipos de sangramento equivalentes⁹². Conforme Ornella Moscucci (1990), as teorias sobre menstruação, que circularam no século XIX, reviviam as concepções gregas nas quais a menstruação era considerada uma espécie de mecanismo de limpeza, uma perda de sangue fisiológica que cumpria a função de expelir as quantidades supérfluas de sangue produzidas pelo corpo. Conforme essa idéia, não apenas o útero, mas outros órgãos, como nariz, ânus, gengivas, mamilos e rins também podiam assumir essa função e a “menstruação vicária⁹³” era vista como benéfica, normal e fisiológica.

⁹¹ Esse modelo classificava homens e mulheres em termos de “graus de perfeição metafísica”, cujo referente era o calor vital, e cuja expressão de perfeição era o corpo masculino. O corpo feminino era considerado uma versão inferior, menos desenvolvida do corpo masculino. Conforme Laqueur (2001), Galeno desenvolveu, no século II d.C., um poderoso modelo de identidade estrutural dos órgãos reprodutivos que demonstrava que “mulheres eram essencialmente homens, nos quais faltava calor vital”, o que resultava na retenção das estruturas visíveis no corpo dos homens.

⁹² No Orkut, encontramos vários relatos de meninas que confundem o sangramento da menarca com fezes. Na comunidade *Menstruar é uma Merda* há um tópico que pergunta sobre a primeira coisa que a menina pensou ou disse na hora em que menstruou pela primeira vez, ao qual uma participante responde assim “pensei: Aihh não...será menstruação? parece com as coisas que minha amigona mim contou que aconteceu com ela...ou sera que eu estou de caganeira” e na comunidade *Eu odeio ficar menstruada* há o relato de Manoela: “..E eu estava em ksa. Quando fui no banheiro fazer xixi ..VÍ aquele sangue , qê mais parecia cocô .

⁹³ Extravasamento de sangue que ocorre por outra membrana concomitantemente ou substitutivamente à menstruação, no período do ciclo para o qual o fluxo menstrual é esperado.

Parece que essa concepção sobreviveu mesmo após o movimento de estabelecer diferenças entre os sexos ter se iniciado na ciência. Conforme Fabíola Rohden (2001, p. 40), a menstruação ainda figurava entre o que era possivelmente comum a ambos os sexos no final do século XIX, quando “ainda se reconheciam escorrimentos sanguíneos do pênis como prova da existência da menstruação no homem”.

Muito embora estudos antropológicos tragam informações de que diferentes tipos de sangramentos penianos (espontâneos ou provocados) possam ser interpretados como menstruação masculina em algumas sociedades longínquas, é necessário salientar que aqui nos referimos a idéia da menstruação masculina como discurso aceito no interior da ciência médica que se desenvolvia no início da modernidade. Gianna Pomata (2001) escreve que nos séculos XVI e XVII os períodos masculinos eram vistos como fenômeno natural, identificado pela observação, debate e divulgação científica da época que, com base na analogia entre sangramento hemorroidal e menstrual (principalmente), delineou corpos masculinos e femininos como corpos “menstruantes”⁹⁴. Nesse contexto, a menstruação não era associada à feminilidade e não efeminava os homens, mas era vista como vantagem, benção que

⁹⁴ Nesse trabalho, além de apresentar uma elaborada pesquisa sobre o paralelo menstruação/sangramento hemorroidal, Pomata contesta a idéia de que o corpo masculino tenha sempre sido o modelo de interpretação do feminino. Naquela época, ela cita os trabalhos de Vesaluis e de outros anatomistas para defender que, nesse caso, o corpo feminino é que serve de modelo para explicar os sangramentos masculinos.

proporcionava ao corpo um meio para livrar-se do sangue excessivo ou impuro.

No Orkut, a idéia da menstruação masculina também circula, mas como piada na maior parte das postagens. Alguns tópicos mencionam os sangramentos penianos, na comunidade *Agência de namoro Fake* encontrei o tópico HJ MIJEEI SANGUE ... /Será Que é Menstruação Masculina? cujas respostas variam entre piadas e hipóteses de doenças, vai morrer, teu piu-piu vai cair, é gonorréia, é pedra no rim, mas os tópicos não se desenvolvem e acaba predominando o tom jocoso. Isso indica que o corpo masculino menstruante é um corpo “impensável” ou, pelo menos, impossível de ser levado a sério.

Pode-se dizer que, no Ocidente, a associação entre menstruação e feminino adquiriu contornos específicos com a ascensão do modelo de dois sexos, que preconiza a incomensurabilidade entre os sexos. Cabe lembrar que essa mudança não foi decorrente de simples evolução científica, mas esteve implicado em relações de saber/poder e envolveu toda uma série de transformações políticas e sociais relacionadas à ascensão do humanismo, aspectos bem explorados em trabalhos de vários autores, como Thomas Laqueur (Laqueur, 2001), Ligia Bellini (2000), só para citar alguns poucos entre muitos.

Esse modelo instaura um recorte disciplinar diferente do que estava estabelecido pelo modelo de sexo único. A partir dele, inicia-se um trabalho para identificar diferenças corporais como

aspectos *essenciais* que pertencem a eles e a elas, conforme Laqueur (2001, p.17):

[...] uma anatomia e fisiologia da incomensurabilidade substituiu uma metafísica de hierarquia na representação da mulher em relação ao homem e processos fisiológicos – menstruação e lactação -, que eram vistos como parte de uma organização comum de fluídos, passaram a ser considerados específicos da mulher.

O reboque dessa partilha, o campo da biomedicina que mais diretamente se ocupa da menstruação atualmente é a ginecologia, que pode ser vista, como diz Fabíola Rodhen (2001, p. 35), como uma ciência da mulher e da diferença que passa pelo atrelamento da mulher à função reprodutiva.

No século XX, a ginecologia passa por outra alteração importante e, conforme Manica (2004 p. 24) passa a se desenvolver junto à indústria farmacêutica hormonal⁹⁵.

Uma grande modificação na compreensão da fisiologia do ciclo menstrual se deu no século XX. Foi o pioneiro estudo de Hitschmann e Adler que iniciou o aprofundamento dos conhecimentos sobre a atividade cíclica do endométrio e sobre os aspec-

⁹⁵ A capacidade de processamento e produção de hormônios em larga escala pelas indústrias farmacêuticas e a sua interação com o campo médico possibilitaram que as discussões sobre o uso de hormônios adquirissem um grau de cientificidade, além de permitir que fossem introduzidos como produtos/medicamentos no mercado. A produção desses medicamentos e, ao mesmo tempo, de conhecimento sobre os mecanismos bioquímicos da fertilidade feminina [...] representa um processo cada vez mais presente na sociedade contemporânea, em que são colocadas em questão as relações entre conhecimento, tecnologia e a dimensão do humano.

tos microscópicos da menstruação (Trevisan, 1983, p.6), que foi sendo aprofundado por outros pesquisadores, mas que até hoje apresenta pontos obscuros e que não foram esclarecidos. A esses conhecimentos se somaram outros sobre a atuação dos hormônios no corpo⁹⁶.

Em conseqüência do desenvolvimento desses estudos e da adoção deles como referência para a clínica médica, no horizonte teórico das áreas da biomedicina atual, as fronteiras de produção de discursos sobre a menstruação estão demarcadas pelo modelo explicativo chamado *eixo hipotálamo-hipófise*. Conforme esse modelo, na fisiologia do corpo feminino vários processos cíclicos sincronizam-se reunidos em torno de um único eixo que compreende interações da função secretora de hormônios do hipotálamo, da hipófise e dos ovários. Essas atividades secretoras determinam alterações nos tecidos constitutivos dos ovários e no útero (a menstruação é uma das etapas do ciclo uterino).

Do ponto de vista explicativo, o modelo é tão complexo e elaborado com uma linguagem tão específica que se torna difícil o entendimento por parte dos “leigos”, levando a questionar o quanto ele contribui para a divulgação de conhecimentos sobre o corpo feminino. Encontrei no Orkut, dispersos por diferentes comunidades, vários tópicos que se utilizavam desse modelo para fundamentar as discussões. Na comunidade *Plantão de Dúvidas*

⁹⁶ Uma perspectiva de como esses conceitos foram se desenvolvendo pode ser vista em Gruhn (1989).

Virtual, que é uma comunidade que tem por objetivo discutir dúvidas oriundas de matérias escolares, encontrei esse diálogo iniciado com o tópico *Biologia – Menstruação*

[Princess](#) -

- Alguém poderia me informar o que vem a ser ovulação? "Acontece 14 dias após o início da **menstruação**"

Não entendi..

[Paulinha](#):

- ovulação é o processo no qual o folículo ovariano maduro se rompe e libera o gameta feminino, que participa da reprodução. O processo de ovulação é controlado pelo **hipotálamo** do cérebro, e através da liberação dos hormônios luteinizante e hormônio estimulador do folículo.

[Princess](#):

- Desculpa, não entendi nada do que você falou...Esse folículo é liberado?

[Felipe](#):

- Kra tudo é a questão de hormônios FSH- amadurecimento de um folículo, aumento das cels. Proliferativas Estrgenio- Inibe o FSH promove a produção de LH e Espessamento do endométrio LH- Retomada da meiose, parada na profase I desde de nove meses de idade. laçamento o ovocito secundário na tuba uterina progesterona- vascularização do endométrio e a inibição do LH

se não ocorrer fecundação, acontece a

queda da progesterona e a mulher menstrua, liberando a parade do endométrio.

Felipe:

- folículo compreende um ovocito I rodeado por cels foliculares

Paulinha:

- os folículos ovarianos são bolsas de líquido que contém os óvulos ou ovócitos (gametas femininos).

Princess

- Tá, mas esses folículos liberam o óvulo e ele fica aonde?!?! Eu não estou entendendo. ./

Bruno

- o fólíco fica no ovário...(sic)

Felipe

no ovário, ele libera na tuba uterina

A elaboração desse modelo permitiu um grande domínio técnico sobre a reprodução humana (apesar de ele estar sujeito a algumas limitações explicativas que precisam ser consideradas). Com base nele os conhecimentos biomédicos pretendem ter elucidado e estabelecido princípios de funcionamento da fisiologia reprodutiva feminina. Tais conhecimentos *fundamentam cientificamente* prescrições, práticas e manipulações tecnológicas, como

a supressão da ovulação e da menstruação e a reprodução programada e assistida.

Embora as intervenções técnicas sejam possíveis, o sucesso alcançado pela sua realização mascara a existência de pontos obscuros em relação aos conhecimentos desses ciclos e, talvez, a difusão de desconhecimentos sistemáticos que estão embutidos nessas *vontades e efeitos de verdade* seja um dos *efeitos de poder* que os discursos biomédicos podem exercer.

Um desses *desconhecimentos* diz respeito às relações entre menstruação, gravidez e concepção. As explicações que os conhecimentos biomédicos costumam fazer circular como verdadeiras são postas em xeque nas discussões de comunidades do Orkut por certa *insurreição de saberes sujeitos*. (FOUCAULT, 2005).

Essas conversações instauram um jogo que vai ao encontro do que escreve Foucault (2005), para quem vários saberes, que foram desqualificados por serem considerados ingênuos, não conceituais, insuficientemente elaborados, hierarquicamente inferiores e/ou com baixo nível de cientificidade reaparecem para fazer a crítica dos saberes científicos. Saberes que reivindicam para si o *status* de *verdadeiros* e configuram uma instância teórica unitária, filtrando, hierarquizando e ordenando os outros saberes que possam contra eles se insurgir.

Esse jogo pode ser visto nas discussões acerca de duas formações discursivas ligadas entre si: *grávida não menstrua* e *mulher menstruada não engravida*.

A relação de exclusão entre menstruação e gravidez é recorrente e empiricamente observável em muitas gestantes, embora não se possa afirmar que exista uma relação de causa efeito entre uma coisa e outra. Entretanto, o modelo HHO promove uma clivagem fictícia dos ciclos endometrial e ovariano, produzindo um *efeito de verdade* que configura um tipo específico de relação de exclusão entre menstruação e a gravidez, segundo o qual seria “teoricamente impossível uma grávida menstruar”⁹⁷. Contudo, se considerarmos o que é dito nas postagens das comunidades do Orkut, a idéia de que a gravidez **necessariamente** exclui a menstruação pode ser vista como uma generalização apressada.

Vejam os diálogos do tópico *Se a menstruação desce... ,* no qual uma estudante de ensino médio pergunta se a descida da menstruação é um sinal seguro de que não está grávida e se inicia uma conversação da qual participam também outras mulheres com a mesma dúvida:

⁹⁷ Admite-se que ocorram sangramentos durante o início da gravidez, mas eles devem ter outro nome ou ser chamados de sangramento. Como a menstruação é vista como parte de um ciclo que prepara o corpo para a fecundação, se a fecundação já ocorreu não se admite que o sangramento seja chamado de menstruação, não importando se ele é descamação do endométrio ou não.

[...]

Marry: - Desencana guria. É cientificamente impossível que uma mulher grávida menstrue normalmente. O embrião se fixa no endométrio, certo? A menstruação é a descamação deste endometrio, então, pela lógica, se uma grávida menstruar normalmente o bebê vai sair junto e ela abortará. Há caso de gestantes que tem sangramento mas é coisa muito mínima. Gotinhas só. E mesmo assim é preciso de acompanhamento médico. (Comunidade Eu tomo anticoncepcional)

[...]

Camila: - Meninas! Eu menstruei estando grávida!!

Meninas, desculpa contradizer algumas, mas eh o seguinte! Eu to grávida de um pouco mais de 5 meses, e no primeiro mes de gestação veio a menstruação, naum igual a de todos os meses mas parecia sim ser igual, achei q pudesse ser soh uma alteração hormonal. No mes seguinte veio o atraso, fikei super preocupada, pelas datas eu estava de 1 mes, qndo fiz o ultrassom veio a surpresa: eu estava com 2 meses!! Entaum o caminho eh tomar direitinho o anticoncepcional, pq nem sempre qndo menstruamos eh sinal de q naum estamos grávidas, comprovação medica. Fikem espartas!!! A unica forma de ficar tranquilas eh tomar o remedio de maneira correta, sem falhas. Se possivel, complementem com algum outro metodo. Gnt eh isso, to dividindo um pouco pra vcs saberem q eh possivel sim, e eu tenho 20 anos e essa eh minha segunda filha, de primeira vez foi tudo normal, desde o primeiro mes naum menstruei mas dessa foi surpresa msmo! Entaum, cuidem-se!

[...]

Biby: - mas sabe oq me preocupa...??? esse povo q fica falando q tomava anticoncepcional e engravidou e ainda menstruava....to entrando em parafuso... :(

[...]

Maari : - ahsuahsuasha

boa sorte pra gnt =>

Fiz perguntas à um médico... quando ele responder, eu posto aqui, ok?

[...]

Maari: - o médico respondeu..

Olá Dr.!

Se a mulher toma antinconcepcional, suspeita de gravidez durante o uso das 3 semanas, e a menstruação desce na pausa, no dia previsto, pode estar grávida?!

(Já se passaram 2 ciclos depois disso, e minha menstruação veio normal... Lembrando que não tive nenhum escape durante a cartela)

Obrigada

Cara Marianna,

Se vc menstrua não está grávida.

Um abraço,

Dr Jefferson

[...]

Maari: - Pra quem tem ainda dúvidas, leiam esse artigo

<http://www.e-family-net.com/artigos/articles.php?article=873>>

' Birachiselda: - muito boa a matéria.

realmente grávida n menstrua mais seria bacana agente poder diferenciar oq é esse sangramento de gravidez ou uma menstruação a vida dagente ia ser melhor.

[...]

[Marina](#) ♥ : - vou ver se acho artigo CIENTÍFICO sobre isso no pummed! deve existir estudo sobre isso. se eu achar algum resultado ESTATISTICAMENTE SIGNIFICANTE, escrevo aqui! não vamos nos descabelar em cima de leigo falando q menstrou e num sabia q estava grávida tomando 10 kg de antibiótico!⁹⁸

Os diálogos mostram que embora o enunciado “grávida não menstrua” seja aceito como *cientificamente verdadeiro*, ele não corresponde aos relatos das experiências pelas quais passaram algumas participantes das comunidades (não pensem que são poucas, um ou outro caso excepcional, os tópicos sobre esse assunto são muitos e mais numerosos ainda são os relatos de mulheres atestando o fato).

Em nome do poder de produzir verdades pelos discursos biomédicos e a prática científica atual, as falas dessas mulheres são desqualificadas, até mesmo por outras mulheres, suas experiências são ignoradas em detrimento dos que têm privilégio de dizer a verdade (o médico, a ciência). Apesar de existirem, relata-

⁹⁸ A fala de Marina pode ser associada a um grupo de procedimentos de controle de discursos, mencionado por Foucault (2006), que não se ocupam de dominar os poderes que os discursos detêm, nem de “exorcizar os acasos do seu aparecimento”; outróssim, dirigem-se a determinar as condições do emprego dos discursos e de impor regras aos indivíduos que os proferem, de modo a não permitir, desse modo, que toda a gente tenha acesso a eles. O efeito que esses procedimentos produzem são de rarefação dos sujeitos falantes, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências, ou se não estiver, à partida, qualificado para fazê-lo”

rem suas experiências e aparecerem com filhos no colo em seus perfis, as grávidas que menstruam, embora existam e até postem tópicos em redes de relacionamento, estão relegadas à ordem do impensável pelos *efeitos de verdade e poder* do discurso científico.

Cabe aqui resgatar as questões enumeradas por Foucault (2005, p.15):

Quais tipos de saber vocês querem desqualificar no momento em que vocês dizem ser esse saber uma ciência? Qual sujeito falante, qual sujeito discorrente, qual sujeito de experiência e de saber vocês querem minimizar quando dizem: 'eu, que faço esse discurso, faço um discurso científico sou cientista'? Qual vanguarda teórico-política vocês querem entronizar, para destacá-la de todas as formas maciças, circulantes e descontínuas de saber?

Com a proposta de buscar um dizer abalizado pelo saber médico, as falas postadas até então seriam afirmadas como possibilidades ou, ao contrário, seriam desacreditadas como credíces, saber popular sem cunho científico.

Vejamos outro tópico a respeito do assunto, aberto por Natália, em março de 2009 (o perfil de Natália exibia, em janeiro de 2010, uma foto dela com o bebê no colo e sua mensagem pessoal era “Saudades da barriga”):

[Natália](#)

Menstruou e estava grávida??

Gente..

alguém aki menstruou mesmo estando grávida??

como descobriu a gravidez se menstrua-va??

e o fluxo de sangue??

Beijos.. (Comunidade Gravidez, Parto e Maternidade - + de 20.000 membros)31/03/09

[•«☆»•daiane](#)

Oi Natália

olha eu menstruei os 3 primeiros meses da minha gravidez só descobri que estava grávida graças a minha mãe que percebeu que eu estava comendo de mais....e sempre decia pra mim uma semana, e todo mês descia uma semana só que descia pouco...ai minha mãe falou é melhor ver isso!

ai fomos ao medico e la ele me passou o exame de sangue e de urina o de sangue deu positivo o de urina eu não entendi nada pq apareceu um monte de numeros e eu não sabia que não mostrava positivo e sim %....ai mostrei o exame ao medico e ele me passou a vitamina acido folico depois que comecei a tomar parou de descer pra mim nessa altura eu ja estava de 4 meses....

hoje estou com 27 semanas

[♥ Denise](#)

Sim, eu

Mas depois vi q não se tratava exatamente de uma menstruação, e sim do processo de implantação do óvulo no meu útero. Descobri sozinha porque a minha médica não me explicou isso! Na verdade era um sangramento.

Quando descobri que estava grávida do Gabriel já haviam se passado 17 semanas. Eu não notei nenhuma diferença pois como eu estava tratando da síndrome dos ovários policísticos, minha monstra sempre atrasava então, pra mim, qq atraso era normal. Vinha pouquinho sangue - outra coisa q tb eu não achava estranho já q meu fluxo variava muito.

Eu havia parado com o anti bb pra dar um descanso para os ovários e minha médica disse q eu ficasse tranquila pois as chances de eu engravidar seriam remotas. E eu acreditei! 😊

[Kênya Carvalho](#)

eu também!!!

Durante 2 meses meu ciclo veio normal, no terceiro mes veio apenas 2 dias (e o normal pra mim era vir 5) mesmo assim não desconfieei de nada,não tinha nenhum sintoma de grávida,trabalhava e levava minha vida normal,ate que um dia ao pas-

sar hidratante no corpo notei meus peitos doloridos, apertei e notei que saiu um liquidozinho, me desesperei, no outro dia fui ao medico e fiz um ultra, resultado: estava grávida de 3 meses e 15 dias exatos!!!

[♥ Silvia](#)

Eu menstruei estando grávida por 3 meses, descobri pq estava vomitando muito e com muito enjôo, dai fiz exame de sangue e deu negativo, e o de urina deu positivo...fiquei desconfiada e fiz um ultra morfológico e já vi que era um menino....rsrsrs

[Naty](#)

eu!!!

mas foi só no primeiro mês. desceu 6 dias certinho, como descia sempre, e foi um sangramento razoável. tanto q ã estranhei nada! mas no proximo mês ã desceu, então ai sim descobri a gravidez de já 2 meses.

[*Ju* Mulher](#)

Hum...eu tenho uma dúvida quanto a isso...

...mas a menstruação de vcs era regular? Tipo relógio? Conheço uma moça(parente) que tinha ciclo irregular e havia menstruando nos últimos meses, estava passando mal, então a mãe dela mandou ela fazer o beta e ela disse que não faria,

devido à insistência fez e deu positivo, e pelos cálculos da médica(DUM99) já estava de 2 meses...uma semana depois fez a ultra: estava de 4 meses esperando uma menininha...

[Natália](#)

Nossa!!

eu perguntei isso pq parei de tomar anti bb no mes de fevereiro, porem a médica falou que podia demorar bastante...e no mes passado eu tive uma queda de pressao e quase desmaiei..Tive fome d+++ e vontade de comer churros..(nunca gostei mto de churros)...

Ai a minha mostra desceu normalmente no dia previsto (ciclo de 30 dias) mas somente dois dias (fluxo normal).. Agora neste mes eu to tendo dor no estomago, tonturas, fome desesperadora, sono..peito inchado..as vezes chorona e outras vezes uma fera!! So que eu to achando que eu nao sei diferenciar...pode ser ate psicologico..sei lah!!

(...)

[♥Dany&Vi](#)

Ju

Minha menstruação é irregular tenho cistos no ovário, quando fiquei grávida em 2004, fiquei grávida entre os dias 15/08 à 21/08 e minha última menstruação foi em 12/06, minha filha nasceu em 20/05/05.

⁹⁹ Abreviatura para a expressão *data da última menstruação*.

Se fosse pela DUM em 20/05/05 estaria de
 11 meses rrsrrsrs
 E pelo USG engravidei entre os dias 15 ou
 20 de agosto

Obs: Não confio na ausência da menstrua-
 ção para se confirmar a gravidez, já tive
 amigas que descobriram que estava grávi-
 da somente no terceiro mês que aí a mes-
 ma veio a falhar, e o engraçado que eu
 descobri a minha com 5 semanas e 1/2, vai
 entender e sem sintomas, simplesmente
 achei que estava sempre com fome e aí fiz
 o teste como quem não quer nada deu po-
 sitivo, no dia seguinte fiz um USG e con-
 firmou tudo e como era muito rescente a
 precisão era de 90%.

[...]

Associações entre menstruação e reprodução já estavam estabelecidas muito antes da elaboração do modelo *hipotálamo-hipófise-ovários*. Conforme Sardenberg (1994), a associação entre a ausência da menstruação e gravidez é “empiricamente observável” e a relação de exclusão entre uma e outra é “suficientemente óbvia a ponto de ser reconhecida quase que universalmente”. Entretanto, a autora sublinha que explicações do porquê uma exclui a outra variam entre as culturas e ao longo da história, podendo apresentar-se de modo muito diferente das atuais.

Outra pergunta recorrente é: *Sexo menstruada engravida?*

um colega meu fez com a moça menstruada e agora ela tá dizendo q atrasou a menstruação, a gente acha q ela tá blefando pois ele disse q ela tava sangrando quando fizeram! (EPER)

As respostas para esse tópico variam entre o *pode, mas é raro e não pode*. Em tópicos sobre esse assunto, as discussões são extensas, algumas mulheres postam histórias sobre alguém que conhecem que engravidou menstruada, outras contam experiências pessoais:

engravidei 1 dias apos a menstruação!!!

meninas, todos dizem que a gente engravida, no periodo fértil, mais ou menos 14 dias apos a menstruação ne???, mas eu engravidei 1 dia após a menstruação, a medica disse q as vezes acontece isso mesmo, ja aconteceu com alguma de vcs??? (Pedriatria Radical)

Lançam mão do deboche como nesse diálogo:

Alexander: - impossível gente. A primeira coisa que "desce" são os restos do óvulo. Se Sangrou é pq o O tecido uterino já está se decompondo (O tecido ganha mais fibras pra ter o Bebê) e sendo eliminado. Antes dele o Óvulo já foi. Sem óvulo, sem bebê.

Alexander: - Portanto, se está menstruando, pode mandar ver.

Alexander: - Tava tentando achar um livro com isso, mas tá meio difícil, então segue um artigo mesmo, embora antigo, é bem baseado

<http://www.prosex.org.br/sexual1.html>>

Fernando: - Alexander, de acordo com o site q vc passou, está escrito isso: " Outra questão comum". É possível ocorrer uma gravidez com a pratica sexual durante a menstruação?

A possibilidade de ocorrer uma fecundação durante o fluxo menstrual é tão pequena, que grande parte dos autores sobre sexualidade, afirmam ser nula a chance de se engravidar. isso quer dizer q é possível acontecer.... só é raro!!!

Alexander : - Dom Juan, mas parte (a maior parte, te digo) dos autores descarta a possibilidade. Tenho um livro de uma pesquisa feita na china, durante 20 anos, e nunca aconteceu, ou seja.... Cerveja.

Fernando: - Alexander sim... concordo contigo...mas nada é impossível... 😬
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk...

Alexander: - Don.. ai eu vou ser obrigado a concordar contigo :-D
Se alguma mulher aqui engravidar menstruada, pode aparecer que eu crio o filho hehehhe

Nina: - é raro raríssimo... mas possível sim cabeça

Alexander: - Nina..me apresenta uma q eu te dou 5 mil reais.

Nina: - kkkkkkkkkkkkkk...aumenta o lance que eu merma engravido assim

Alexander: (...)vamos tentar entao.. qdo vc estiver menstruada, me liga, aí a gente faz o teste.. prometo q tomo Cialys pra aguentar 3 dias sem parar

Nina: – Alexander pega o avião que eu tô menstruada hj 🤔

Alexander: - Nina.. sem graça.

As definições sobre menstruação, baseadas na interpretação do modelo HHO, também têm seu caráter questionável. Uma das definições mais simples de menstruação, elaborada com base nos conhecimentos da biomedicina, restringe-se ao caráter descritivo. Segundo ela, menstruação é apenas sangramento consequente da descamação do endométrio:

A menstruação é uma descamação do **endométrio** (membrana que reveste a cavidade do útero...), acompanhada de saída de sangue. Isto ocorre porque os ovários reduzem muito a secreção de hormônios, e estes, por vários mecanismos, reduzem o estímulo ao endométrio, cujas células morrem e descamam¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Acessível em (<<http://www.unifesp.br/grupos/rhumana/ciclo2.htm>>), acesso em fev. 2010.

Restrita aos imperativos da naturalização e a objetividade requerida pelo campo disciplinar em que se enquadra, esta concepção ignora outras tantas possibilidades de perceber o sangramento que circulam no Orkut. Uma busca no site, utilizando a expressão “menstruação é”, retornou incontáveis resultados (mais de 1000), entre eles, definições como *menstruação é uma vitória* (quando significa antônimo de gravidez para quem não deseja estar grávida); *menstruação é coisa do capeta* porque ela causa desconforto, alterações de humor e “aquela puta disfarçada de Eva deve tem tudo haver com isso” (sic) ou, ainda, porque torna a mulher impura, segundo o texto bíblico Levítico 15¹⁰¹; *é pecado*; *é foda* (porque é desagradável); *é impedimento para sexo* (existem vários tópicos e fóruns discutindo a questão); *é nojento, ruim, inconveniente*; *é coisa inútil* (para quem não quer engravidar), *desnecessária* ou *sem sentido*; *o útero que chora por não estar grávido* ou *é motivo para chorar* (quando significa aborto para quem queria ter filhos); *é defeito ou falha*.

Mas a perspectiva reducionista não é o único problema em relação as definições biomédicas para menstruação. Elas não costumam se restringir ao caráter descritivo e, com isso, elas se tornam tão problemáticas quanto produtoras de sentido quando colocam vários eventos fisiológicos cíclicos reunidos em torno de um único eixo (HHO) e interpretam que eles ocorrem em função

¹⁰¹ Tópico postado na comunidade Perguntas Cristãs Complexas.

da **reprodução** (o ciclo todo teria essa finalidade)¹⁰². Nessa perspectiva, menstruação pode ser definida como:

Sangramento vaginal normal, ou menstruação, ocorre a cada 21 a 35 dias quando o revestimento do útero se desprende e desce, dando início a um novo **ciclo reprodutivo**. (MAYOCLINIC, 2010, grifo meu)¹⁰³.

Tendo como referência e finalidade a reprodução, a menstruação (que supostamente só ocorre na ausência de fecundação) tem sido interpretada como um *produto disfuncional de um ciclo reprodutivo mal sucedido*. Só que essa maneira de pensar a fisiologia parece estar atravessada por duas concepções que têm sido amplamente criticadas pelos estudos feministas e de gênero, a ideia de que a natureza da mulher é procriar e a ideia de que os corpos femininos são mais frágeis, débeis, instáveis e suscetíveis.

Desde 1950, quando as primeiras pílulas anticoncepcionais apareceram, é conhecida a possibilidade de manipular o ciclo

¹⁰² A abordagem da menstruação pelo conhecimento biomédico extrapola o campo de abrangência das ciências naturais. O estudo das finalidades é conteúdo de um campo da filosofia chamado *teleologia*, e não das ciências naturais. As ciências naturais romperam com o conceito de causa finalística e abandonaram a preocupação com o estabelecimento de finalidades a partir da adoção do pressuposto de que na natureza “as coisas acontecem por que acontecem”. Por isso, as ciências naturais apenas aceitam o emprego de conceitos teleológicos como instrumento auxiliar no entendimento dos fenômenos no sentido de causa eficiente. (BENETTI, 2001).

¹⁰³ Livre tradução de: Normal vaginal bleeding, or menstruation, occurs every 21 to 35 days when the uterus sheds its lining, marking the start of a new reproductive cycle. Disponível em: <<http://www.mayoclinic.com/health/vaginal-bleeding/MY00209>>. Acesso em: fev. 2010.

menstrual, antecipando ou adiando o aparecimento do sangramento, mas, naquela época, julgou-se melhor desenhar o emprego do contraceptivo de modo a manter os sangramentos mensais.

A pílula anticoncepcional foi um dos elementos que possibilitou escapar do determinismo biológico que obrigava as mulheres à maternidade e desvinculou sexualidade e reprodução. Mas, cabe lembrar que essa *revolução* não se deu de modo uniforme em todo o globo terrestre e que até hoje ainda há países em que ela nem mesmo se iniciou. Conforme Joana Maria Pedro (2003), a experiência com os contraceptivos hormonais se “por outro lado atravessou fronteiras, por outro lado não foi homogênea” e se deu junto a mudanças sociais e interesses políticos. Conforme a autora, nos países do terceiro mundo a divulgação e a comercialização dos métodos contraceptivos modernos, como a pílula e o DIU, começaram já no início da década de 60, como parte de políticas internacionais, voltadas para a redução da população. Mas em países europeus, nos quais as políticas natalistas tinham adquirido força após as guerras mundiais, isso se deu de modo diferente e, em lugares como a França, a pílula somente foi liberada para consumo em 1967, mas acompanhada de argumentos diferentes voltados para o planejamento familiar.

Existem posicionamentos que, deslocando e reformulando lutas que já vem sendo travadas há algum tempo pelas feministas, pincelam com vernizes libertadores a supressão da menstruação. Se liberar-se da função biológica da maternidade é considerada

uma grande conquista, por que liberar-se de um *subproduto disfuncional do ciclo reprodutor* (a menstruação) não seria também uma grande conquista? Seguindo essa linha argumentativa, alguns dizem que não menstruar é “um novo direito da mulher¹⁰⁴” e que “aparentemente, liberar-se da ‘obrigação’ de menstruar vem a ser como uma segunda etapa dessa liberação de condicionantes biológicos típicos de ser mulher.” (Ribeiro, et al., 2007 p. 77).¹⁰⁵

Essa pode ser uma conclusão apressada, como indicam os trabalhos de Joana Pedro (2003 p. 21) sobre a pílula anticoncepcional. Embora para mulheres de países tidos como desenvolvidos a liberação da venda de contraceptivos tenha sido consequência de lutas pelo direito à liberação da sexualidade¹⁰⁶, as mulheres da “geração pílula” entrevistadas para a sua pesquisa não consideravam a contracepção uma conquista. A pílula era vista como necessária para definir uma família de menor porte, mas também como um perigo constante para a saúde. Então, é preciso uma reflexão mais aprofundada e que leve em conta múltiplos aspectos antes de se atribuir um caráter exclusivamente positivo, libertador e revolucionário à supressão da menstruação.

104

Acessível

em

<http://www.wmulher.com.br/template.asp?canal=saude&id_mater=1876>.

¹⁰⁵ Embora eu concorde que as investigações sobre a supressão da menstruação tragam à baila discussões inseridas no campo do feminismo contemporâneo acerca do direito das mulheres sobre seus corpos (OLIVEIRA, 2007) e considere essa posição interessante, não posso concordar que manejar um fluxo fisiológico de sangue seja equivalente a “criar filhos”, integrar uma família e desempenhar o papel social de mãe.

¹⁰⁶ Conforme Pedro (2003), no Brasil, que vivia uma ditadura militar, o movimento feminista não teve participação direta na liberação da venda de contraceptivos.

Até porque é só com o surgimento de contraceptivos de ação prolongada¹⁰⁷, que têm **como efeito colateral** a suspensão do fluxo mensal para algumas mulheres, que se inicia toda uma produção discursiva pró-supressão. Ou seja, a supressão da menstruação não foi era intenção dessas pesquisas, tais estudos não foram desenvolvidos com a intenção de melhorar a vida das mulheres, aliviando-as dos possíveis problemas causados pelo sangramento mensal. Até que um medicamento tenha apresentado como um efeito colateral a supressão da menstruação, parece que a pesquisa científica não se orientou muito no sentido de dar cabo de “tamanho mal” manifesto na vida das mulheres.

É importante perceber que o recorte disciplinar do ciclo menstrual, determinado pelo modelo HHO, somado à sua interpretação teleológica de orientação para finalidade da reprodução, possibilitou a interpretação de que o sangramento que aparece quando se está com a ovulação suspensa por contraceptivos hormonais, embora seja resultante da “queda do endométrio”, não é menstruação de fato, já que menstruação mesmo, de verdade, só ocorreria em decorrência de uma ovulação.

¹⁰⁷ São contraceptivos que contém apenas progesterona (hormônio produzido pelo ovário, considerado “o que prepara para a gravidez”) ou progestagênios (fármacos sintéticos que simulam a ação do hormônio progesterona - esteróide produzido pelo corpo lúteo e pela placenta – que não pode ser ministrada oralmente, pois é destruída pelo estômago) e podem ser ministrados sob diferentes modos: contraceptivos hormonais injetáveis (duram três meses), implante subcutâneo desenvolvido e patenteado por Coutinho (dura até três anos e provoca suspensão do fluxo em mais da metade das usuárias) e dispositivos intrauterinos de progesterona (que têm duração de cinco anos).

4.2.1 Menstruação – função, disfunção? A grande polêmica

O livro¹⁰⁸ escrito por Elsimar Coutinho, *Menstruação: uma sangria inútil*, é um marco dessa perspectiva discursiva. Nesse livro, ele retoma o discurso médico dos antigos sobre a sangria e o utiliza como base para construir uma argumentação a favor da supressão da menstruação mediante a utilização de hormônios sintéticos. Dizendo que a menstruação é “sangria inútil”, ele inaugura toda uma produção discursiva que desestabilizará a menstruação de sua posição anterior, na qual significava saúde e feminilidade.

Coutinho desenvolve seu discurso com base no dualismo natureza/cultura. Ele defende que a menstruação não é um processo natural, mas uma consequência do estilo de vida contemporâneo, que permite às mulheres “enganar a natureza” e, em consequência desse artifício, conceberem e amamentarem menos filhos. Com a queda do número de concepções, aumenta o número de ciclos menstruais, condição que seria potencialmente perigosa para a saúde e associada ao desenvolvimento de doenças

¹⁰⁸ Ganhei um exemplar do meu ginecologista, depois de discutir algumas questões sobre a supressão menstrual com ele e comunicar minha posição de pesquisadora do assunto, quanto escrevia a dissertação de mestrado. Agora, quando abri novamente o livro para utilizá-lo aqui, percebi que ele fora distribuído por empresas farmacêuticas, cujo cartão estava colado na folha de rosto.

como a endometriose e a anemia. Tais discursos também estão baseados em uma concepção da natureza da mulher como “desenhada” para a reprodução:

Há cem anos, as mulheres se casavam cedo, emendavam uma gravidez atrás da outra e, quando não estavam grávidas, estavam amamentando. A falta de menstruação nunca fez mal a ninguém, rebate Luis Bahamondes, professor da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.¹⁰⁹

Para Coutinho, o sangramento só ocorre por uma falha no ciclo de reprodução, o corpo feminino não tem um ciclo menstrual, mas a menstruação seria um ciclo gravídico encurtado e o sangramento um aborto de restos ovulares.

O ciclo menstrual [...] é um ciclo gravídico encurtado pelo insucesso reprodutivo, o sangramento menstrual apresentando-se como uma espécie de aborto de restos ovulares e suas membranas ou decíduas ou um parto prematuro ou uma pseudogravidez. (Coutinho, 1996, p. 84).

Conforme este autor, o fenômeno da menstruação

[...] é reconhecido pelo seu caráter hemorrágico de duração autolimitada a cerca de cinco dias e se repete de maneira periódica a intervalos de 28 dias enquanto houver in-

¹⁰⁹ Acessível <<http://legaisgerais.blogspot.com/2008/01/menstruao-sangria-intil-titulo-livro.html>>.

sucesso reprodutivo¹¹⁰ após cada ovulação bem sucedida [...] a menstruação só ocorre quando não há fecundação ou quando um óvulo fecundado não vinga. (Coutinho, 1996, p. 84).

O corpo feminino, construído pelos discursos supressivos, é um corpo marcado, se não mais pelo antigo *handicap*, conforme o qual: “a fragilidade física da mulher a tornaria inapta para se expor aos perigos do mundo exterior, enquanto a fragilidade mental implicaria a incapacidade de atuar satisfatoriamente na esfera pública” (Bellini, 2003, p. 39), por outro que diz que com um corpo voltado para “produzir um filho atrás do outro” (cuja natureza não evoluiu para acompanhar as mudanças sociais e a diminuição do número de gestações), inserido numa ordem social de baixa natalidade, produz um sangue desnecessário que alardeia sua falha e que, por isso, precisa da intervenção clínica para assegurar sua condição saudável.

Além disso, divulga uma ideia refutada pelos próprios conhecimentos biomédicos: a de que todos os ciclos são ovulatórios. Já existem vários estudos biomédicos tratando de ciclos anovulatórios (ou monofásicos), que são muito frequentes nos primeiros anos após a menarca e nos anos próximos à menopausa, mas podem ocorrer ao longo de toda a vida fértil. Conceber

¹¹⁰ O insucesso reprodutivo pode ser decorrente de ausência de coito (para o autor, na natureza, as mulheres estão sempre sob a ação reprodutiva dos machos), coito incompleto ou interrompido, coito com homem infértil, obstáculos no trajeto dos gametas, falhas na fertilização, embriogênese ou implantação do embrião. (COUTINHO, 1996).

esses ciclos como anormais ou falhos é apenas uma questão de interpretação. Esse fato, além de fragilizar o argumento de Coutinho sobre a natureza feminina, atinge diretamente outro de seus argumentos, de que no mês em que não estivesse grávida nem amamentando a mulher certamente engravidaria.

O enunciado elaborado por Coutinho é questionado nas comunidades do Orkut:

Chris

Menstruar é desagradável, mas daí a ser inútil eu não sei!!!

Denise

Menstruar não é inútil e sim chato.

O livro de Coutinho alcançou grande repercussão na mídia e as ideias do médico passaram a ser vistas com frequência em veículos de comunicação de massa. Em janeiro de 2010, existiam comunidades no Orkut dedicadas a Elsimar Coutinho, nenhuma delas tem fórum muito desenvolvido, nem muitos seguidores. No fórum de uma delas encontrei a seguinte postagem (sem nenhuma resposta):

lis: **mirena;** coloquei o diu de mirena dia 22 de outubro e desde lá não parei de sangrar o q fazer pois o meu médico diz para ter paciencia q vai parar, mas ninguem merece sangrar mais de um mes... qual medicação sugerir para ele me receitar? já tomei 3 di-

as de transamim e não adiantou nada
SOS (26/11/2008)

As postagens sobre o Mirena, escassas no início da observação cresceram nos últimos anos e polemizam o uso do dispositivo. Enquanto algumas mulheres se adaptam, muitas não gostam dos efeitos provocados:

[Huidkliniek](#)

D.E.C.E.P.C.I.O.N.A.D.A com o
M.I.R.E.N.A

Pessoal, até hoje nao consigo entender o porquê que as pessoas dizem que ele é tão bom, coloquei a nove meses e me arrependi tanto que já marquei para retirá-lo. Para colocar dói demais, mesmo tomando antes 2 ibuprofen, senti dores horríveis, quem já teve filho diz que nao sente muita dor. Depois que coloquei, senti colicas nao so dois dias como muitas pessoas falam, mas durante os 3 primeiros meses. E menstruava normalmente, com menos refluxo mas a mesma quantidade de dias. Depois dos 3 meses a menstruacao veio bem pouquinho e daí percebi que a cada mes que se passava ganhava uns quilinhos a mais e o que mais me incomoda é a barriga inchada que a pessoa fica. Conheco 4 amigas que também colocaram o mirena e que aumentaram quase 10 kilos com o Mirena assim como eu. A única coisa boa é que vc nao menstrua, mas em compensação você incha completamente. Sem contar nas consequências da inchação. Sinceramente não aconselho ninguém a colocar, mas como cada organismo reage diferente, mas aqui está o meu conselho.

Offline

mas como vc disse, cada organismo reage de um jeito...

eu nao tive dores após a colocação, nao tive mais sangramento nenhum, nao engordei, nao inchei... e o Mirena me trouxe uma qualidade de vida que antes eu nao tinha... como portadora de endometriose severa... eu nao tinha mais vida, nao tinha condições de trabalhar, nao tinha condições de me relacionar... enfim...

pra mim é Deus no ceu... e Mirena na terra...

A postagem ilustra algo que já tem sido dito sobre os discursos supressivos, que obscurecem pontos polêmicos envolvidos na questão, como os efeitos colaterais provocados pelos hormônios sintéticos que devem ser utilizados para provocar a supressão do ciclo menstrual e sobre a ineficácia desses medicamentos se aplicados para essa finalidade.

Reporter: Existe alguma contra-indicação para a suspensão do ciclo menstrual?

Coutinho: Não, porque a menstruação não é natural. **A natureza faz a mulher ovular todos os meses para engravidar (grifo meu).** Quando ela mens-

trua, não está cumprindo o objetivo da natureza, que é ter um filho atrás do outro.¹¹¹

Nas entrevistas que concede, Coutinho vai modificando seu discurso e deslocando o foco da supressão menstrual para a anticoncepção continuada. Ele passa a dizer que nem tudo o que é natural é bom, com isso, passa a atacar a gravidez, exacerbar seu discurso a favor da necessidade de produzir um corpo feminino *cyborg*, apesar de estabelecer um limite do número de filhos que uma mulher pode ter para ser saudável.

Reporter: Por que o senhor diz que não é saudável ser mãe?

Coutinho: Porque a gravidez consome o corpo da mãe e pode até levá-la à morte. A mulher pode ter seu corpo deformado, perder uns dois dentes por gravidez. Também pode haver perda de cálcio e iniciar um processo de osteoporose. Se o parto for normal, ela ainda sofrerá com as incontinências urinária e fecal, difíceis de corrigir. Apesar de danificar o organismo da mulher, dois filhos são o limite para ela conservar a saúde. Neste milênio, as mulheres não mais terão seus filhos na barriga, mas num útero artificial. Já está na hora de fazer filhos sem a necessidade de deformar ou expor a mulher ao sofrimento.¹¹²

¹¹¹ Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/menstruar-nao-natural-443372.shtml>>.

¹¹² Disponível em: <<http://super.abril.com.br/saude/menstruar-nao-natural-443372.shtml>>.

Essa fala de Coutinho mostra como a questão da supressão menstrual vai perpassar a da reprodução, configurando-se em saber/poder que implica-se com a perspectiva do biopoder, uma “tecnologia de poder que tem como objetivo a vida [...] um poder que trata de aumentar a vida, de prolongar sua duração, de multiplicar suas possibilidades, de desviar seus acidentes, ou de compensar suas deficiências.” (FOUCAULT, 2005, p. 303). Uma vez que Coutinho elabora um discurso supressivo que vai se cercando de uma série de cuidados para não entrar em choque com a questão da reprodução assistida (campo em que também trabalha) se soma a contracepção contínua.

Ocorre, também, que os discursos que clamavam pela supressão não eram os únicos sobre a menstruação que estavam sendo produzidos no final do século passado. Aquela foi uma época de eloquente produção discursiva no campo em que vários autores dialogaram¹¹³. Conforme Sardenberg (1994, p. 343), nos anos 90 se estava vivendo:

[...] um momento de emergência de novas atitudes e comportamentos relativos à menstruação na sociedade brasileira [...] enquanto até poucas décadas atrás a menstruação era assunto reservado às conversas íntimas entre mulheres ou restrita aos es-

¹¹³ Fabianova resgatou grande parte desse debate e inseriu trechos de entrevistas como quase todos os principais autores que participaram dele no documentário que produziu (mencionado no início do texto). No livro, *Menstruação a sangria inútil*, Coutinho cita e critica Margie Profet .

paços ditos privados como o consultório médico por exemplo, ultimamente, seja devido às campanhas publicitárias dos absorventes femininos seja pelo debate que se instaura em torno da questão dos direitos reprodutivos das mulheres a temática da menstruação vem extrapolando esses limites para ocupar espaços públicos.

Sardenberg se referiu à época em que escreveu esse artigo como uma época de emergência de novos valores e comportamentos, na qual se observava uma ordem cultural fragmentada, na qual conviviam novos e velhos valores que justapunham elementos diferentes e até supostamente incongruentes. Um cenário de “confronto entre os diferentes discursos e as ordens praticas simbólicas a eles subjacentes”, propício para que se travassem “lutas pelo poder simbólico acerca da menstruação e da construção social do ser mulher”. O confronto poderia também atingir “o íntimo das mulheres pela interiorização dos fragmentos dos discursos e dos debates desenvolvidos na ordem do dia”. (SARDENBERG, 1994, p. 343),

O livro de Coutinho é de publicação posterior a outras que compuseram um debate travado com base em argumentos relativos à biologia evolutiva, que foi veiculado, principalmente, pela revista *The Quarterly Review of Biology*, ganhando também destaque na mídia e na Internet. No início da década de 90, Margie

Profet¹¹⁴ ganhou um prêmio da fundação MacArthur com seu trabalho *Menstruation as a defense against pathogens transported by sperm* (1993). Neste trabalho, ela discorda da hipótese mais aceita pela comunidade científica acerca dos sangramentos vaginais mensais, a de *que menstruação é um subproduto não funcional do ciclo reprodutivo e critica a ausência de uma abordagem fisiológica que descreva como mecanismos funcionais, fenômenos que, à semelhança da menstruação, são vistos como defeitos*¹¹⁵.

O trabalho de Profet defende a ideia de que a menstruação é uma vantagem evolutiva. Para Profet, era possível pensar a menstruação (e outros tipos de fluxo uterino) como algo que protege¹¹⁶ o útero e as trompas de desenvolvimento de colônias de organismos patogênicos externos, introduzidos pelo esperma e, por isso, ela pode ser vista como um mecanismo de defesa contra patógenos externos.

¹¹⁴ Embora sem formação em biologia (Profet era formada em filosofia), publicou trabalhos considerados, por alguns, brilhantes na área da biologia evolutiva que lhe conferiram espaço na mídia.

¹¹⁵ Segundo Profet (1993), Graff, anatomista do século XVII, que deu nome aos folículos ovarianos já pensava que "o sangue menstrual escapa das partes mais fracas do corpo, como vinho ou cerveja escapam das partes defeituosas do barril onde estão sofrendo processo de fermentação". Apesar desta hipótese ser considerada um absurdo nas pesquisas modernas sobre menstruação, a crença de que "a menstruação é um processo de um corpo ineficiente que repetidamente gasta, mais do que reaproveita, os nutrientes do revestimento endometrial" não foi totalmente abandonada. Além do trabalho sobre menstruação, ela elaborou outros nessa perspectiva, falando sobre os enjoos matinais das grávidas e sobre as alergias.

¹¹⁶ Segundo Riesgo (2001), aceita-se que a descamação periódica do útero seja um mecanismo de defesa, mas contra patologias como hiperplasias, neoplasias (em ciclos monofásicos).

A autora considera que a existência de um mecanismo capaz de promover sangramento uterino periódico (menstruação) seja uma *adaptação*¹¹⁷ evolutiva que aumenta a capacidade de defesa uterina contra organismos patogênicos externos¹¹⁸. Para a autora, como a menstruação tem um custo nutricional/energético considerável para o metabolismo, *a persistência da existência da menstruação deve ter também alguma vantagem seletiva*. Ela argumenta ainda que, se a única função da menstruação fosse expulsar tecidos, não haveria justificativa para desperdiçar os *valiosos componentes do sangue* e o fluxo menstrual poderia ser composto apenas de água¹¹⁹.

A hipótese elaborada por ela motivou uma discussão que perdurou por aproximadamente uma década e, se por um lado foi criticada pela comunidade científica da *área* (biologia evolutiva)

¹¹⁷ Profet interpreta o fato do tecido que reveste o útero ao final do ciclo menstrual diferenciar-se em *artérias espiraladas* que se contraem e se dilatam em uma sequência que induz ao desprendimento do revestimento, como evidências da existência de um mecanismo especial adaptado à defesa. Somam-se a isso algumas características específicas do sangue menstrual, como a falta de vários fatores de coagulação presentes no sangue circulante.

¹¹⁸ Mecânica: o fluxo sanguíneo ajuda a expulsar o tecido endometrial potencialmente **infectado, a descamação e expulsão do epitélio varre os agentes patogênicos**; **Imunológica**: a contagem de células de defesa nas secreções vaginais flutua, apresentando maior concentração nos períodos de fluxo. O sangue menstrual tem uma quantidade de leucócitos (que são levados ao tecido endometrial infestado de bactérias) três vezes maior do que o sangue circulante. O pH vaginal se altera (fica mais básico)¹¹⁸ e há aumento dos níveis vaginais de lactoferrina (nas mulheres que não utilizam contraceptivos orais), uma proteína que é considerada bactericida por associar-se fortemente ao ferro, impedindo que este metal fique disponível para a reprodução das bactérias.

¹¹⁹ Riesgo ressalta que essa função protetora da menstruação é reconhecida, mas não é considerada "de capital importância", uma vez que as técnicas que levam à suspensão da menstruação também promovem proteção ao útero, já que o muco cervical se adensa com o uso de progestágenos, formando uma espécie de tampão protetor.

por não se apoiar em evidências, por outro foi elogiada por apresentar uma perspectiva original, nunca antes estudada. Mas as críticas ao seu trabalho acabaram sendo mais impactantes que os elogios e ela abandonou a biologia evolutiva, passando a dedicar-se ao estudo da astronomia. Em entrevista a Holloway (1996), Profet se declara cansada da biologia evolutiva, "Eu amo esta área [...], mas não como ela está atualmente".¹²⁰ Entre as razões do desgosto manifesto por Profet na entrevista está o fato de que poucos dos seus colegas *diferenciam hipótese e teoria*, apressando-se em publicar ideias que não foram rigorosamente testadas e que podem ter implicações na saúde pública.

Profet virou uma espécie de mito, pois ela parece ter “desaparecido no ar” e hoje circulam na Internet vários sites questionando a sua trajetória e o seu desaparecimento, onde ela é retratada como um gênio excêntrico, frágil emocionalmente, portadora de algum tipo de distúrbio psíquico.

O pensamento de Profet é pioneiro por transformar a maldição (nos países de língua inglesa a menstruação é chamada *The curse*) em benção evolutiva¹²¹. Essa ideia de menstruação como uma vantagem circula no Orkut em comunidades místicas e com discursos ecofeministas, mas o pensamento de Profet é original

¹²⁰ Livre tradução.

¹²¹ Disponível em <<http://weeklyscientist.blogspot.com/2009/07/margie-profets-unfinished-symphony.html>>. Acesso em: ???

por recolher essas ideias e inseri-las na perspectiva do campo disciplinar da biomedicina.

Uma das principais opositoras de Profet foi a antropóloga da Universidade de Michigan, Beverly Strassmann. Ela se declarou impactada pela grande publicidade que as declarações e a hipótese de Profet receberam na mídia popular, principalmente, porque podem ter importantes implicações clínicas¹²².

No artigo *The Evolution of Endometrial Cycles and Menstruation* (1996), Strassmann discutiu e discordou, em parte¹²³, da hipótese proposta por Profet. O trabalho de Strassmann traz um resumo das mudanças cíclicas que ocorrem no útero de primatas do "velho mundo" durante o ciclo menstrual (para a autora, é importante analisar todo o ciclo de mudanças no qual a menstruação se insere, já que a menstruação é apenas o ponto final dele), discordando de três pressupostos estabelecidos na hipótese de Profet: *Organismos patogênicos são mais prevalentes no útero antes da menstruação do que depois dela; A ocorrência da menstruação sucede um ataque por patógenos trazidos pelo esperma; A intensidade do fluxo menstrual em primatas aumenta conforme seu sistema de acasalamento for mais promíscuo.*

¹²² Segundo Strassmann, os contraceptivos que suprimem a menstruação podem causar infecção uterina e sangramentos uterinos curtos, quando há infecção, podem minar as defesas do trato reprodutivo.

¹²³ Small (2001) diz que Strassmann concorda que a menstruação tenha um propósito sob a perspectiva evolutiva, mas não que este seja uma ação antipatogênica, já que a hipótese de Profet não resistiria à *evidência* de que nas sociedades menos industrializadas as mulheres menstruam pouco.

Strassmann apresenta uma resposta alternativa para a pergunta: *Por que o endométrio não se mantém sempre pronto para a implantação do blastocisto?* Para ela, a proliferação/regressão cíclica do revestimento uterino (o qual é expelido/reabsorvido toda vez em que não há implantação) é uma *vantagem seletiva*, já que o processo de renovação custa menos energia do que a manutenção constante das condições requeridas para a implantação¹²⁴. Para ela, o sangramento é apenas *um efeito acessório* que ocorre quando o montante de sangue produzido no processo de vascularização que prepara o endométrio para receber o blastocisto é muito grande para ser reabsorvido se não houver implantação.

Strassmann também discorda de outras *evidências* apontadas na hipótese de Profet. Sobre a *função das artérias espiraladas*, Strassmann (1986) diz que está relacionada à nutrição e às trocas gasosas do tecido endometrial: elas crescem apenas porque o tecido também cresce. Quando a implantação ocorre, elas assumem uma segunda função que é conduzir o sangue materno até a placenta. Se o revestimento interno cai, as artérias espiraladas ficam lesadas e sangram. E a baixa taxa de coagulação¹²⁵ do sangue menstrual pode ser explicada pelo mecanismo que limpa o

¹²⁴ No estado regredido o consumo de oxigênio cai, influenciando na taxa metabólica total, que é 7% mais baixa (em média) durante a fase folicular do que na fase lútea. Isso significa uma economia de energia de 53 MJ ao final de 4 ciclos (aproximadamente seis dias de comida).

¹²⁵ A hemorragia é estancada por "plugs" hemostáticos e por vasoconstrição.

endométrio. A respeito da *especificidade do tipo de fecundação*, a autora salienta que a fecundação interna não ocorre apenas na classe dos mamíferos, mas também em pássaros, répteis e até insetos¹²⁶. Além disso, todos os mamíferos têm fertilização interna, mas a menstruação é observada apenas quando há vascularização do endométrio em preparação para implantação.

Apesar das discordâncias, tanto Strassmann quanto Profet elaboram trabalhos nos quais tratam as diferenciações cíclicas que ocorrem no endométrio em uma perspectiva da biologia evolutiva como *vantagens seletivas*.

Profet e Strassmann foram criticadas por Finn, para quem as autoras, ao considerar a possibilidade do útero se manter indefinidamente em estado diferenciado (pronto para a implantação do blastocisto), *não levam em conta a fisiologia do processo reprodutivo no qual a menstruação está envolvida*. Para Finn, a manutenção permanente do útero em estado pronto para a implantação *não é uma opção fisiológica viável*, pois não permite a ocorrência de um novo ciclo ovulatório. Finn adota a posição que interpreta a menstruação como *um produto não funcional do ciclo reprodutor*.¹²⁷

¹²⁶ Entendo que a comparação não se aplica, uma vez que esses animais não têm útero, põem ovos.

¹²⁷ Finn e Pope (1983) elaboraram um modelo que possivelmente descreve a sequência de eventos que vai do processo de decidualização até a menstruação. Segundo este modelo, um pouco antes da menstruação se distingue no útero humano duas camadas, uma basal e outra funcional (decidualizada) que será descartada com o fluxo. Para

Conforme o autor, quando a menstruação é considerada uma consequência dos eventos que ocorrem no útero, e não como um processo fisiológico, *não é possível atribuir função a ela*. Além disso, não sendo um processo fisiológico independente, a menstruação não pode ser analisada como um evento evolutivo isolado. No artigo *Menstruation: A Nonadaptive Consequence of Uterine Evolution*, publicado no ano de 1998, no *The Quarterly Review of Biology*, Finn também situa a menstruação na esfera da biologia evolutiva ao afirmar que *dados biológicos sugerem que a menstruação é simplesmente uma consequência das mudanças evolutivas necessárias para que os mamíferos pudessem se reproduzir fora de estação*.

Entre todos esses discursos, os pró-supressão ganharam muitos adeptos e circulam na Internet e outras mídias, argumentando que a menstruação provoca vários sintomas desagradáveis e incapacitantes, por isso, a menstruação deve ser suprimida:

Para amenizar esse problema, e exercer suas atividades livremente, muitas mulheres estão optando pela interrupção da menstruação¹²⁸.

Mas é preciso ponderar que existem poucos estudos que manifestam a posição de mulheres acerca de suas preferências

estes autores, *a menstruação é uma consequência do colapso do estroma*, que uma vez totalmente diferenciado, não pode nem manter-se, nem voltar a seu estado prévio.

¹²⁸ Acessível em <<http://www.online.unisanta.br/2002/03-23/ciencia-2.htm>>.

sobre alterações na menstruação. E que, embora muitas mulheres desejassem modificar o padrão mensal dos sangramentos, a dor e os sintomas desagradáveis podem não ser a principal motivação para desejar essa alteração. (Ribeiro, et al., 2007).

Os contraceptivos hormonais fizeram com que as mulheres deixassem de ser reféns do determinismo biológico, livrando-se de sucessivas gestações. Mas é preciso tomar cuidado para que não sejam transformadas em reféns do *oportunismo laboratorial*, nem presas a uma hierárquica relação médico-paciente (entende-se que são os médicos que suspendem a menstruação de suas pacientes).

Muitas vezes, adaptar-se aos contraceptivos de longa duração demanda a utilização de medicamentos complementares e aparecem médicos no Orkut dispostos a indicá-los:



23/07/09

[Auro Éder](#)

Não se entristeçam...

O levonorgestrel é um antigo aliado da medicina e lógico, conhecemos seus efeitos colaterais. Já passam de 400 inserções feitas por mim em meu consultório e até agora só tirei um mirena para a paciente engravidar e outra que estava em perimenopausa e precisava iniciar TH. Todos es-

ses efeitos colaterais são passíveis de tratamento secundário, simples e de baixo custo. Para cada caso um caso, um tratamento. Se alguma de vcs quiser apresentar suas queixas de agora em diante, posso ajudá-las nesse sentido,grato,T+



23/07/09

[lis](#)

estou me adaptando...

engordei uns 4 kg, não sei se foi o mirena ou não, mas tenho mto apetite o sangramento parou, só tenho uns scaps de vez em quando espinhas nas costas q eu não tinha achei q não teria mais TPM quando colocasse o mirena mas agora tenho tensão pré scap

``TPS`` É O Q MAIS ME INCOMODA GOSTARIA DE SABER O Q FAZER? E A LIBIDO ESTÁ MAIS OU MENOS, PODERIA ESTAR PARA MAIS, O Q FAZER

PARA AUMENTAR A LIBIDO? DR. SE PUDER ME DAR UMA DICA QUANTO A ESTAS QUEIXAS AGRADEÇO.



26/07/09

[Auro Éder](#)

Finasterida

O uso da finasterida (manipulada) de 1 mg= 1 cápsula ao dia, por 60 dias iniciais, poderá melhorar em muito sua pele e os efeitos secundários de mirena, inclusive

com uso coadjuvante de gel transdérmico de testosterona a 3 %,1 grama ao dia na pele(antebraço), para melhorar a libido, porém vc terá que ir ao seu médico para pegar a receita pois a testosterona é medicação de controle em receita 2 vias(obrigatório). Quanto ao peso, faça exercícios e procure orientação de um médico ortomolecular. Grato,T+

Menstruar ou não pode ser só mais uma das possibilidades de manipulação e controle sobre o corpo, como mostra uma das falas postadas no tópico *Menstruação na visão do cientista Elsi-mar Coutinho*, postado na comunidade Salvador – Bahia:

17/06/09

[Bira](#)

Alisar o cabelo, silicone no seio, cirurgia de estomago, plástica facial dentre outras coisas não é uma alteração natural? mas hoje em dia tudo isso né comum? então concordo com o cientista, evoluimos para melhor atender nossas necessidades, mas claro que com muita responsabilidade. Todo processo de alteração natural deve ter um acompanhamento profissional.

Mas há que se levar em conta que esse controle não é feito sem custos ou risco de efeitos colaterais.

[Bruna](#)

Eu acho uma boa ficar sem menstruar, agora esse método de só tomar anticoncepcional sem parar é um risco, a mulher engorda muito! Tem um implante que se coloca na pele e fica por 3 anos mas é muito

caro! o Custo desse implante na Bahia é de quase R\$800,00 fora a consulta e aplicação é de R\$ 300,00 e nenhum plano cobre! E as mulheres podem ter rejeição! Deveria se baixar o custo!

[Edson](#)

Concordo com vc, mas olha a maioria da população é assalariada tirar uma grana dessa de uma vez só é caro e tem a questão da rejeição, não é garantido vc si dar bem! Tem gente que sofre de enxaquecas terríveis outras vomitam muito, olha e esse preço é por conta do imposto da Bahia, pq andei pesquisando em Fortaleza o implante sai por R\$ 650,00, no Sul por R\$590,00.

Conforme Costa (2009), a questão “menstruar é preciso?” permanece polêmica. Suspender a menstruação não é tão simples quanto parece, a ausência de sangramento nem sempre se instala no primeiro ano de uso dos contraceptivos hormonais de longa duração, outras vezes, as paciente passam a ter sangramentos intermitentes por períodos prolongados (chamados *spots* ou *escapes*).

Algumas postagens indicam outros caminhos para lidar como os desconfortos menstruais:

[☀️ Naiana](#)

Artificial X Natural

A tendência da ciência é afastar cada vez mais o ser humano da natureza da qual ele próprio faz parte... Sintetizar, utilizar o artificial acaba sendo sempre mais prático e atraente à primeira vista.

Ao invés de suspender a menstruação, as mulheres deveriam praticar atividades físicas e utilizar de chás e outras formas alternativas para melhorar os sintomas da TPM e regularizar o ciclo, e assim aprender a conhecer seu próprio organismo e lidar melhor com ele. Se encher de hormônios para suspender a menstruação com certeza trará outros problemas, os colaterais, comuns aos remédios industriais.

A maioria das comunidades sobre menstruação no Orkut se referem a sentimentos de contrariedade em relação à menstruação. Algumas vezes, isso fica explícito já no título da comunidade, com é o caso das que se chamam *Menstruar é uma merda* e *Eu odeio menstruação*.

Mas existem algumas que se referem à menstruação como algo que traz sentimentos agradáveis, com é o caso da comunidade *Eu adoro menstruar*. O primeiro tópico postando no fórum dessa comunidade tem, até janeiro de 2009, apenas uma resposta com o título “somos fêmeas”: “*pq somos lembradas q somos natureza tb. bicho como muitas outras fêmeas.algo entre a natureza e a cultura, os dois ao mesmo tempo. conhecemos plenamente a natureza e sua crueldade: do sangramento, do parto, dos orgasmos...lindo sangrar por entre as pernas...lindo*”. Essa fala traz ícones de discussões e críticas que compuseram os feminismos e as teorias de gênero: a existência ou não de um feminino essencial que reuniria todas as mulheres na categoria das fêmeas;

a aproximação do feminino com a natureza (que traz implícita a polarização com um masculino mais próximo da cultura); a exaltação de acontecimentos da biologia humana associados ao feminino.

A Comunidade foi fundada em fevereiro de 2005 por uma jovem de vinte e poucos anos, residente de Brasília e estudante de Desenho Industrial na UNB¹²⁹. Trazia a seguinte descrição em 08 de janeiro de 2009, quando contava com 278 membros:

Não é pelas consequências que ela traz
Não falo de tpm ou coisas do tipo
Falo da beleza e do privilégio de sangrar
periodicamente.

Em *Eu adoro menstruar* se reúnem diferentes mulheres. Mas, observando as descrições dos perfis das autoras de tópicos e comunidades adicionadas a eles, foi possível identificar alguns grupos com interesses comuns, como vegetarianas¹³⁰, interessadas em danças circulares sagradas, na tradição wicca, são mulheres cujos tópicos postados mostram discursos que, muitas vezes, podem ser associados aos do ecofeminismo. O ecofeminismo é uma linha de pensamento fundada por Françoise d'Eaubonne, em 1974, e que, atualmente, tem Vandana Shiva como uma das principais representantes. Preconiza a aproximação entre a dominação

¹²⁹ Informações obtidas no início do ano de 2009 nos perfis mantidos pelos autores dos tópicos em diferentes redes sociais, acessíveis a partir do perfil no Orkut.

¹³⁰ É prática corrente nas redes sociais que os vegetarianos coloquem o broto verde em formato de letra “vê” na foto do perfil para identificar-se.

das mulheres e da natureza, valorização da espiritualidade e o retorno a um essencialismo que difira do determinismo biológico.

Desde essa perspectiva, as mulheres que postam nessa comunidade têm uma maneira de vivenciar e perceber o sangramento mensal. Rechaçam o uso de absorventes descartáveis e procuram utilizar absorventes reutilizáveis (como o abiosorvente ou menstrual cups) e integrar o sangramento a natureza. Lá é possível observar discussões sobre como utilizar o sangue menstrual:

Semilla

Usem seu sange

Disculpem meu português, escrevo da Espanha.

Fico muito contente que tem tantas mulheres que já se deram conta da importância e a beleza do fato de menstruar. Agora, proponho a todas que usem o seu sange. Você pode usar ela pra alimentar as suas plantas, elas ficam alegres e crescem com mais vitalidade, além de se criar um vínculo com a planta muito lindo. Dessa maneira, a vida que a nossa sangue alberga não é dejetada pra o banheiro se não que segue no círculo de auto-geração da vida. Recolher a sangue é um pouco difícil se você usa métodos descartáveis... o que eu gosto fazer é recolher o sangue só ao acordar, pois é ao me levantar da cama que sai uma grande quantidade. Ahí é só colocar um recipiente embaixo e deixar fluir. Eu também uso a sangue pra energizar os meus cristais e acrescentar o meu vínculo com eles, colocando eles com água e o sangue num recipiente de cristal durante os dias da menstruação. Espero que vocês experimentem com seu

sangue tbm e compartilhem com a gente as suas experiencias.LUZ.

Aline

omg! dar sangue pras plantas???
q tecnica estranha... funciona issu??? ^^

Semilla

Funciona sim!

Funciona sim!!! Sò faça o teste! A nossa sangue contém uma grande quantidade de minerais e outros nutrientes, além das hormonas, que ajudam as plantas a crescer. Ao fim é matéria orgânica igual que a que composita o fertilizante ou o compost!

Cristine Tita

é ótimo

alem de funcionar... como alimento pra o copro.. ajuda nossa conexão com a sagrada mãe terra.....

uma espécie de oferenda... onde agradecemos por suas bênçãos e ela nos retribui com abundância e alegria.. pois não esquecemos de onde viemos e pra onde voltaremos...

a conexão com as plantas é real... vale a pena experimentar!

Hacker

Utilizar o sangue para consagração de seus instrumentos mágicos tbm é ótimo
Uso tbm para meditações e passo sobre os chakras!

É fantástico!
Poder sangrar é Divino! E trabalhar com ele é mágico!

Boa sorte a todas q resolvam trabalhar com seu sangue!

bjos

Ana

VCS SÃO LOUCAS
 ISSO SIM
 AI,.....

Ana

mágico....

depois de ler este tópico comecei a usar o meu sangue na rega das plantas, achei o resultado fantástico.....a vitalidade delas melhorou muito e meu contato com elas se fortaleceu! tenho utilizado os absorventes de pano, coisa que também tem reforçado muito a minha feminilidade e o contato com o sagrado feminino.....

Destaco que, mesmo com uma visão mais positiva acerca do sangramento mensal, ele também é vivido com sentimentos ambivalentes como a angústia e o alívio. Um dos tópicos do fórum dessa comunidade questiona: “*Por que vcs gostam de menstruar?*”. Seu conteúdo não traz exaltações à menstruação: “*Qdo vai chegando perto do dia, fico angustiada com demora... daí qdo vem fico aliviada, parece que estou me renovando!*”.

O sentimento de alívio com a chegada do fluxo mensal e a ideia de que menstruar significa renovação são mencionadas em várias discussões dessa comunidade.¹³¹ No tópico *Para v6s (sic)*

¹³¹ Existem, ainda, outras comunidades no Orkut que se referem especificamente ao sentimento de alívio que acompanha a menstruação, como *Menstruação? Que Alívio !!!* (<<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=37229183>>) e *Cada mens-*

Sempre disse as amigas que adoro poder menstruar, fico realmente triste e incomodada qdo ouço mulheres reclamando das cólicas do modess, dizem coisas tipo; que droga de menstruação! Eu amei menstruar no dia 21 de julho de 1984. Nunca me lembro de reclamar do ato de menstruar e suas implicações. Cólica dói mas não é um sintoma normal, é um sinal do corpo dizendo que algo está errado no ciclo reprodutivo ou nos órgãos ligados a menstruação, ou ainda uma endometriose. Enfim é o corpo dando o alerta. Sangrar sem sentir dor é nossa maior benção! Por causa dela um dia nos é permitido embalar nossos filinhos.

A associação entre menstruação e renovação está presente em vários tópicos de discussão. Nessa comunidade, em maio de 2006, uma psicóloga, residente em Brasília, respondendo ao tópico *A magia de menstruar...*, posta a seguinte fala: “*estava conversando com minhas amigas, que tem um sentido em menstruar, libera, limpa, leva o que precisa ser reciclado renova, prepara para o novo ciclo*”.

Além do “fazer terra”, praticado pelas mulheres da comunidade Eu Adoro Menstruar, utilidades para o sangue menstrual têm sido encontradas também pelo conhecimento biomédico. Na comunidade Jaqueline 100% enfermeira, observei a seguinte postagem:

[##DRA.JAQUE##](#)

Menstruação pode ser nova fonte de células-tronco

As **células** que tornam a parede do útero mais espessa durante o ciclo menstrual contêm um novo tipo de **células-tronco**, e poderiam ser usadas no tratamento de tecidos danificados, de acordo com pesquisa norte-americana. A equipe de cientistas identificou um novo tipo de **células-tronco** que podem ser isoladas do sangue menstrual de mulheres saudáveis e dar origem a pelo menos nove diferentes tipos de **células**, incluindo do coração, do fígado e do pulmão. Segundo eles, há muitas dificuldades com os métodos atuais da terapia com **células-tronco**, pois além do risco de rejeição, elas têm um potencial restrito de gerar novas **células**. A vantagem é que essas **células-tronco** são conseguidas de forma não-invasiva e as “**células regenerativas endometriais**”, como são chamadas, se replicam mais rápido e produzem muito mais fatores de crescimento do que aquelas retiradas do cordão umbilical e da medula óssea. Além disso, apenas 5ml de sangue foi suficiente na produção.

leia mais sobre **células-tronco** em [Bibliomed](#)

leia mais sobre a notícia no [Science Daily](#) (em inglês)

O *post* acima se refere a estudos que começaram a ser divulgados em 2007 e que tratam da utilização das células do sangue menstrual como fonte potencial de células tronco adultas. Conforme estes estudos, as células do sangue menstrual se mos-

traram cem vezes mais eficientes dos que a da medula na regeneração do tecido cardíaco e podem ser conservadas por até 300 anos. O que indica que, se lançarmos um olhar para o sangue menstrual que ultrapasse o contexto reducionista que o vincula exclusivamente à reprodução, talvez possamos vir a descobrir nele até mesmo muita utilidade.

5 CONCLUINDO...



"Go with the Flow"¹³²

Nessa tese pretendi apresentar reflexões sobre a adaptação do método etnográfico para ambientes não topográficos chamados ciberespaços e, com base nessas reflexões, mostrar a rede de sociabilidade Orkut como um lugar apropriado desde uma perspectiva territorial e gendrada.

As estratégias da etnografia utilizadas encaminharam à observação flutuante dos *posts* sobre menstruação em diferentes

¹³² Acessível em <<http://www.mum.org/armenkg.htm>>.

comunidades e *links* da Internet. A discussão demorada de categorias como ciberespaço, comunidade virtual, etnografia virtual, etc., permaneceu na escrita da tese como testemunho da trajetória de pesquisa.

Procurei traçar algumas linhas da geografia efêmera da *Internet*, estruturada na arquitetura de redes dos territórios que levam o prefixo *ciber*. Mas também configurei a rede de relacionamentos como lugar histórico que foi invadido e conquistado por brasileiros, vindo a alcançar a posição de rede social preferida no país.

Unindo pesquisas já realizadas por outros estudiosos e a observação dos usos das comunidades do Orkut, pretendi problematizar a adoção do termo como categoria nativa.

A quantidade de comunidades e *posts* sobre menstruação no Orkut se apresentou com um verdadeiro burburinho de falas, levando ao desvio dos caminhos de análise projetados.

Os *posts* trazidos para o corpo da tese o foram por contarem enunciados que permitiam discutir questões que ligavam a menstruação ao tabu, ao essencialismo biológico, à medicalização da reprodução, exprimindo a *opacidade* dos corpos femininos e produzindo, ao mesmo tempo, o excesso discursivo sobre eles.

O tema menstruação foi tratado com base em reflexões sobre o discurso, elaboradas por Foucault, conforme as quais esses sofrem interdições internas e externas que permitem a produção de certos enunciados, contidos nos *posts* trazidos para a análise.

Paralelamente a atenção dirigida aos *posts*, a escrita do trabalho foi procurando destacar as polêmicas a respeito da menstruação contidas em discursos biomédicos discordantes sobre essa função feminina, não ligada desde sempre à reprodução em outros modelos explicativos das sexualidades feminina e masculina.

Com base nas observações realizadas, percebi as comunidades do Orkut como local onde as pessoas se permitem falar sobre os próprios silêncios acerca da menstruação. Locais privilegiados de enunciação, nos quais as falas sobre menstruação podem ser observadas em seu caráter de acontecimento, onde há um jogo discursivo particular em que as interdições se mantêm ao mesmo tempo em que se materializam na escrita.

Ao optar por observar os *posts* em vez de comunidades procurei apontar o caráter nômade e as potencialidades dos discursos sobre menstruação que circulam em diversos fóruns de discussão. Foi dado destaque para o jogo discursivo que ora reforça, ora suspende interdições impostas sobre a menstruação, produzindo as materialidades dos corpos.

A análise se deteve no atravessamento das falas nos diferentes lugares do Orkut, pelos discursos e saberes biomédicos produzidos sobre a menstruação, numa adesão ao princípio das disciplinas que permeia a produção de saberes e práticas relacionados ao tema.

Busquei apontar, também, a potencialidade de desestabilizar discursos biomédicos sobre o corpo feminino (que ainda divulgam desconhecimentos sistemáticos), latente no confronto entre os enunciados desses discursos e os relatos de experiências e vivências que os contrariam e questionam possíveis desconhecimentos sistemáticos que eles fazem circular. Navegando pelas comunidades sobre menstruação do Orkut, no entanto, podemos dimensionar a força dos discursos científicos, produzindo verdades e práticas sobre os corpos de mulheres.

A polêmica discursiva entre profissionais das áreas biomédicas, retratada nessa tese, encontra-se reproduzida em inúmeros diálogos referentes à menstruação travados no Orkut, cujos fragmentos podem ser observados nos *posts* trazidos para o corpo do trabalho e se evidenciam nas próprias designações das comunidades pesquisadas.



"Menstrual Arts & Crafts" project de Lana Leitch¹³³

¹³³ Disponível em: < <http://www.mum.org/armenlei.htm>>.

REFERENCIAS

Araújo, Cristiane Veloso de e Melchiades, Danielle Couto. sd. [Online] sd.
<http://www.webartigos.com/articles/1285/1/Trilhando-Dialogos-Com-Baudelaire/pagina1.html>

Augé, Marc. 1994. *Não- lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade.* Campinas : Bertrand , 1994.

Bauman, Zygmunt. 2003. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual.* Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.
 Tradução de: Community: seeking safety in an insecure world. 85-7110-699-1..

Bellini, Ligia. 2003. Concepções do corpo Feminino no Renascimento: a propósito de De Universi mulierum medicina de Rodrigo de Castro (1603). [A. do livro] Maria Izilda Matos e Raquel Soihet. *O Corpo Feminino em Debate.* São Paulo : UNESP, 2003.

Benko, Georges. 1990. Local versus Global in social analysis: some reflexions. [A. do livro] A Kulinski. *Globality versus Locality.* Warsaw : University of Warsaw, 1990.

Braidoti, Rosi. 1997. A Política da Diferença Ontológica. [A. do livro] Teresa Brennan. *Para Além do Falo.* Rio de Janeiro : Record, 1997.

Brasil, André. O virtual desbotado das webcams. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]

Butler, Judith. 2005. *Cuerpos que importam*. Barcelona : Paidós, 2005.

Caiafa, Janice. 2008. Antropologia Urbana. *Comunidade Virtual de Antropologia*. [Online] 2008. [Citado em: 18 de 08 de 2008.] <http://www.antropologia.com.br/entr/entr43.htm>.

CAIRUS, HENRIQUE F. *Da natureza do homem / Corpus hippocraticum*, História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, Oct. 1999 . [Online] <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300009&lng=en&nrm=iso>

Carlos, Ivan. 2006. A Last Requiem - O Teorema da Vida. [Online] 25 de 09 de 2006. <http://blog.icarlos.net/2006/09/>.

Castells, Manuel. 2003. *A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. [trad.] Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003.

Cavalcanti, Jardel Dias. 2006. Orkut, ame-o ou deixe-o. *Digestivo Cultural*. [Online] 27 de 01 de 2006. <http://www.digestivocultural.com/colunistas/imprimir.asp?codigo=1813>.

Cavalcanti, José Carlos. 2007. Redes Sociais, na Internet! *jcc.com*. [Online] 20 de 11 de 2007.

<http://jccavalcanti.wordpress.com/category/coluna-rai-tec-no-jc-on-line/>.

CAZELOTO, Edílson. 2006. Glocal: elementos para uma crítica do modo mediático de reprodução do capitalismo tardio. [Online] 19 de 08 de 2006. <http://www.gepicc.ufba.br/enlepicc/pdf/EdilsonCazeloto.pdf#search=%22glocal%22>.

CETIC.Br. 2008. TIC DOMICÍLIOS e USUÁRIOS - Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil. *Centro de Estudos sobre as TICs*. [Online] 2008. <http://www.cetic.br/usuarios/index.htm>.

Corrêa, Cynthia Harumy Watanabe. 2004. Comunidades virtuais gerando identidades em rede. *Revista eletrônica Ciberlegenda*. 13, 2004.

Costa, Carlos Antônio Tego da. 2009. A Saude da mulher - Artigos de divulgação científica em Ginecologia. *Menstruar é preciso!?* [Online] fevereiro de 2009. http://www.drCarlos.med.br/artigo_018.html.

Cotta, Carolina. sd. A filosofia da Rede. sd.

Coutinho, Elsimar. 1996. *Menstruação a Sangria Inútil - Uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos da mulher*. São Paulo : Gente, 1996.

Cunha, Paulo. 2004. Comunicação no Ciberespaço: Redefinindo a Relação Centro-Periferia. *Boletim tematico Alaic*.

[Online] 2004.

http://www.eca.usp.br/alaic/boletim16/boletim16_indice.htm.

Da_Matta, Roberto. 1987. *Relativizando: uma introdução à antropologia Social*. Rio de Janeiro : Rocco, 1987.

De FAveri, Marlene e Venson, Ana Maria. 2007. CORPOS CONSTRUÍDOS NAS PRÁTICAS DE SEGREGAR - PRESCRIÇÕESQUE CONSTITUEM OS CORPOS NA EXPERIÊNCIA DA MENSTRUACÃO. *Atemis*. dez de 2007, Vol. 7, pp. 56-68.

De Fáveri, Marlene e Venson, Ana Maria. 2008. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segregado. Prática e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. *Anos 90*. 14 de 08 de 2008. <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5403/3060>..

Dornelles, Jonatas. 2004. Antropologia e internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". *Horiz. Antropol.* 212, 2004, Vol. 10, pp. 241-271.

Douglas, Mary. 1966. *Pureza e perigo*. São Paulo : Perspectiva, 1966.

Estalella, Adolfo, et al. 2006. Etnografias do digital. *Observatório para la Cibersociedad*. [Online] 2006. [Citado em: 23 de 05 de 2009.] <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/gt.php?llengua=es&id=117>.

Exploración del espacios y lugares digitales a través de la observación flotante. Una propuesta metodológica. **Neve, Eduardo.** 2006. 2006. <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=493llengua=es>.

Fabianova, Diana. The moon inside you. [Online] [Citado em: 29 de 10 de 2009.] <http://www.mooninsideyou.com/>.

Filho, Ciro Marcondes. 2007. Merleau-Ponty: um sentido que está no durante. *Cibéria*. jan-fev-mar de 2007, Vol. 30. <http://www.eca.usp.br/njr/espiral/ciberia30a.htm>.

Fonseca, Claudia. 1999. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*. 10, jan/fev/mar/abr de 1999, pp. 58-77.

Foucault, Michel. 2006. *A Ordem do Discurso*. São Paulo : Loyola, 2006.

—. 1996. *A Ordem do Discurso*. 13ª. São Paulo : Loyola, 1996.

—. 2004. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro : Graal, 2004.

Fragoso, Sueli. 2006. Eu odeio quem odeia...Considerações sobre o comportamento dos usuários brasileiros na ‘tomada’ do Orkut. *E-COMPÓS*. 2006, pp. 1-22.

Geertz, Clifford. 2005. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro : Editora UFRJ., 2005.

Goijberg, Nicole Etchevers. 2005. Ruta Etnográfica para la Comprensión de la Comunicación On-line. *DIM*. 1, Junho de 2005, Vol. 1.

Grosz, Elisabeth. 2000. Corpos Reconfigurados. *Cadernos Pagu*. 2000, Vol. 14.

Gruhn, John G. e Kazer, Ralph R. 1989. *Hormonal Regulation of menstrual Cycle - The evolution of concepts*. s.l. : Springer, 1989.

Guimarães Junior, Mário José Lopes. 1999. Sociabilidade no Ciberespaço:: Distinção entre Plataformas e Ambientes. *Trabalho apresentado na 51a Reunião Anual da SBPC – PUC/RS*. [Online] 17 de julho de 1999. http://www.cfh.ufsc.br/~guima/papers/plat_amb.htm.

Guimarães Júnior, Mário José Lopes. 2000. O Ciberespaço como Cenário para as Ciências Sociais. *Ilha: Revista de Antropologia*. 1, 2000, Vol. 2, pp. 139-153.

Guimarães-Júnior, Mario Jose. 2000. Vivendo no Palace: Etnografia de um ambiente de sociabilidade no Ciberespaço. *Dissertação de Mestrado. Antropologia Social, PPGAS/UFSC*. 2000.

Héritier, Françoise. 2004. Janos de duas faces: implicações conceituais da fertilidade feminina. [A. do livro] Carmen sílvia Moraes Rial e Maria Juracy Filgueiras Toneli. *Genealogias do silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis : Mulheres, 2004.

Hine, Christine. 2006. Virtual ethnography, mediation and the textures of lived social experience. 2006. <http://teleuned.uned.es/teleuned2001/directo.asp?ID=2456&Tipo=C>.

Interação Mútua e INteração Reativa: uma proposta de estudo. **Primo, Alex Fernando Teixeira. 1998.** Recife : s.n., 1998. Intercom.

Jones, Quentin. 1997. Virtual-communities, virtual settlements & cyber-archaeology:A theorethical outline. *Journal of Computer Supported Cooperative Work.* 1997.

Koffes, Suely. 2001. *Uma trajetória em narrativas.* Campinas : Mercado de Letras, 2001.

Kozinets, Robert V. 2002. The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities. *ournal of Marketing Research.* 38, 2002, pp. 61-72.

Laqueur, Thomas. 2001. *Inventando o sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud.* Rio de Janeiro : Relume Dumara, 2001.

— . **2001.** *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud.* Rio de Janeiro : Relume Dumará, 2001.

LEMOS, André . L. M. . 2002. *Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura .* Porto Alegre : Sulina/Meridional, 2002.

Lemos, André e Cunha, Paulo. 2003. *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre : Sulina, 2003.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). 2001. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2. Belo Horizonte : Autêntica, 2001. p. 176.

Maffesoli, Michel. 1987. *O Tempo das Tribos - O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. 1987.

Magnani, José Guilherme Cantor. 1992. TRIBOS URBANAS: metáfora ou categoria? *Cadernos de Campo*. 2, 1992. <http://www.aguaforte.com/antropologia/>.

Menstruação, natureza ou cultura. **Manica, Daniela Tonelli. 2004.** 2004. Vº Congresso Português de Sociologia .

Neve, Eduardo. 2006. Exploração de espaços e lugares digitais através da observação flutuante. Uma Proposta Metodológica. *Observatório para la Cibersociedad*. [Online] 2006. [Citado em: 22 de 05 de 2009.] <http://www.cibersociedad.net/congres2006/gts/comunicacio.php?id=493&llengua=po>.

NUNES, Fábio Oliveira. 2004. O ciberespaço e a virtualidade. *Universia*. [Online] 2004. [Citado em: 2007 de jul de 14.] <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=5652>.

Ohmae, Kenichi. 2001. *The Invisible Continent: Four Strategic Imperatives of the New Economy*. Nova York : Harper Business, 2001.

Oliveira, Marluce Tavares. 2007. Carto sobre o artigo "Preferências de mulheres brasileiras quanto as mudanças na menstruação". *Rev Bras Ginecol Obst.* 7, 2007, Vol. 29, pp. 376-378.

Owen, Lara. 1994. *Seu Sangue é Ouro.* Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos, 1994. 85-85363-78-9.

Pedro, Joana Maria. 2003. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. *Rev. Bras. Hist.* 45, 2003, Vol. 23. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882003000100010&lng=en&nrm>.

Peirano, Mariza G.S. 1992. *A favor da etnografia.* Brasília : Universidade de Brasília, 1992.

Perrot, Michelle. 2003. Os silêncios sobre o corpo da mulher. [A. do livro] Maria Izilda S. Mathos e Rachel Soihet. *O Corpo Feminino em Debate.* São Paulo : UNESP, 2003.

Piscitelli, Adriana e Gregori, Maria Filomena. 2000. *Cadernos Pagu.* 2000, Vol. 14.

Planells, Joan Mayans y. 2006. Etnografía virtual, etnografía banal. La relevancia de lo intranscendente en la investigación y la comprensión de lo cibernético. *Etnografías de lo digital - Grupo de trabalho.* 2006. http://www.uned.es/etnovirtual/GT_OCS_etnografias%20digital_comunicaciones.pdf.

Platão. sd. Timeo o de la naturaleza. s.l. : Escuela de Filosofía Universidad ARCIS, sd.
<http://temqueler.files.wordpress.com/2009/12/platon-timeo.pdf>.

Pomata, Gianna. 2001. Menstruating Men: similarity and difference of the sexes in early modern medicine. [A. do livro] Valeria Finucci e Kevin Brownlee. *Generation and Degeneration: Tropes of reproduction in Literature am History fron Antiquity to Early Modern Europe*. Durhan : Duke University Press, 2001, pp. 109-152.

Primo, Alex. 2005. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador1. *404NotFound*, n. 45. [Online] 2005.
http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_45.htm.

Primo, Alex Fernando Teixeira. 2000. Interação mútua e interação e interação reativa: uma proposta de estudo. *Revista da Famecos*. jun de 2000, Vol. 12, pp. 81-92. disponível em: .

Prins, Baukje e Meijer, Irene Costera. 2002. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Rev. Estud. Fem.* 1, 2002, Vol. 10, pp. pp. 155-167.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&.

Priore, Mary Del. 1997. *História das mullheres no brasil*. São Paulo : Contexto, 1997.

Profet, Margie. 1993. Menstruation as a Defense Against Pathogens Transported by Sperm. *The Quarterly Review of Biology*. 68, Setembro de 1993, Vol. 3, pp. 335–386.

Rafaeli, Sheizaf e Sudweeks, Fay. 1997. Networked Interactivity. *Journal of Computer-Mediated Communication*. 4, 1997, Vol. 2.

Rago, Margareth. 2000. In Praise of the sex of woman. *CAdernos Pagu*. 2000, Vol. 14.

Recuero, Raquel. 2001. Comunidades Virtuais - Uma abordagem teórica. *Ecos*. 2, 2001, Vol. 5, pp. 109-126. <http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos.htm> Acesso em: 19/11/nov 2007.

Recuero, Raquel da Cunha. 2001. Comunidades Virtuais - Uma abordagem Teórica. *V Seminário Internacional de Comunicação da PUC/RS*. 2001.

—. **2006.** Memes e Dinâmicas Sociais em Weblogs: Informação, capital social e interação em interação em redes sociais na Internet. *XIX INTERCOM*. 2006.

—. **2005.** Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. *Ecompos*. 2005, Vol. 2.

—. **2005.** Redes Sociais no Ciberespaço: Uma proposta de Estudo. *Intercom*. 2005.

Recuero, Raquel. 2008. *orkut – raquel recuero, pesquisadora universidade de pelotas*. 15 de jul de 2008.

2008. Réseaux sociaux : des audiences différentes selon les copiez et collez le texte ci-dessous dans votre note. *Le Monde*. 2008.

Rheingold, Howard. 2005. *A Comunidade Virtual*. Lisboa : Gradiva, 2005.

— . **1993.** *The Virtual Community*. 1993. disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/book/> acesso em 07 de set de 2009.

Ribeiro, Carmen Porto, Hardy, Helen e Maia, Eliana. 2007. Preferências de Mulheres brasileiras quanto a mudanças na mesntruação. *Rev Bras Ginecol Obst.* 2007, pp. 74-79.

Riesgo, Itamar. 2001. Comunicação Pessoal. 2001.

Rifiotis, Theophilos. 2002. Antropologia do ciberespaço. Questões teórico-metodológicas sobre a pesquisa de campo e modelos de sociabilidade. *Antropologia em Primeira Mão*. 51, 2002.

Rohden, Fabiola. 2001. *Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2001.

Rubim, Antônio Albino Canelas. 2003. Cultura, política e mídia na Bahia contemporânea. *Comunicação & Política*. 1, 2003, Vol. 10.

Ruoso, Daniel. 2004. Uma etnografia do virtual. [Online] 26 de 07 de 2004. [Citado em: 29 de 01 de 2007.] <http://antropologia.codigolivre.org.br/debian/node7.html>.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. 1995. *Políticas do Corpo*. São Paulo : Estação Liberdade, 1995.

Santaella, Lucia. 2003. *Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo : Paulus, 2003.

Sant'Anna, Denise Bernuzzi de. 2000. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*. 2000, Vol. 14.

Santos, Milton. 2006. *A Natureza do Espaço - Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Sardenberg, Cecília Maria B. 1994. De sangrias, tabus e poderes:a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista Estudos Feministas*. 2, 1994, Vol. 2, pp. 314-344.

Segata, Jean. 2007. Além de um Eu: subjetividades e identidades de gênero nas salas de bate-papo Lésbicas e Afins do portal UOL de internet – algumas pistas. 2007. http://www.comuniles.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=81&Itemid=39.

Steinem, Gloria. 1997. *Memórias da Transgressão: Momentos da História da Mulher do Século XX*. Rio de Janeiro : Rosa dos tempos, 1997.

Trevisan, Miriam Aparecida da Silva. 1983. Menstruação , Distúrbios menstruais , Útero - Histopatologia. *Tese de Doutorado*. Campinas : s.n., 1983. <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000053002>.

Vidal, Marciano. 2005. *Como "feminizar" a moral*. São Paulo : Loyola, 2005.

Whitaker, Francisco. 1998. REDE: UMA ESTRUTURA ALTERNATIVA DE ORGANIZAÇÃO. [Online] 1998. http://www.lead.org.br/filemanager/download/378/Rede-uma_estrutura_alternativa_de_organiza%C3%A7%C3%A3o.pdf.